# VILLA DA FEIRA

## TERRA DE SANTA MARIA

ano II • número 5 • outubro 2003

LAF
LIGA DOS AMIGOS DA FEIRA

# O CEO ABERTO NA TERRA

*P. Francisco de Santa Maria*

## CAPITULO XLI.

*Do convento do Eſpirito Santo da Feira, nono, & ultimo da noſſa Congregaçaõ*

D. Manoel Pereyra, filho mais velho do quarto Conde D. Diogo, q̃ por morrer em vida de ſeu pay, não chegou a ſer Conde. He toda de jaſpes, & marmores finiſſimos, lavrados de obra dórica às mil maravilhas. Tem embebidos nas paredes dous tumulos de alabaſtros brancos, vermelhos, & negros, & no pavimento hum carneiro, couſa grandioſa, onde ſe enterraõ os ſenhores daquella caſa. O cruzeiro correſponde à cappella em obra, & fineſa da pedraria, ſendo tudo hũa fabrica da primeira grandeſa, em que ſe gaſtàrão mais de quarenta mil cruzados, q̃ para eſte tempo erão oitenta mil. Não correſpondia o corpo da Igreja ao cruzeiro, & cappella mòr, & era deſporporção laſtimoſa a união de tal corpo a taes hombros, & tal cabeça. Os Condes, ou menos fervoróſos na protecção, & augmento daquella Caſa, ou mais opprimidos com os gaſtos, q̃ trouxe conſigo o luxo, & vaìdade dos tempos, não tratavão de reparar eſta falta. Os noſſos Conegos não podião, por mais q̃ o deſejavão; até q̃ a piedosissima liberalidade, & imponderavel

AVACO, S.A.

25 Anos

A BOM PORTO!

APCER
CERTIFICADO N.86/CEP.1069
SISTEMA PORTUGUÊS DA QUALIDADE
NP EN ISO 9002

SITO: EXPLORAÇÃO DE AGREGADOS BRITADOS

ra -Tel. 256 910110 - Fax - 256 910115 - Email: icavaco@icsa.p

# VILLA DA FEIRA

## TERRA DE SANTA MARIA

ano II • número 5 • outubro 2003

LAF
LIGA DOS AMIGOS DA FEIRA

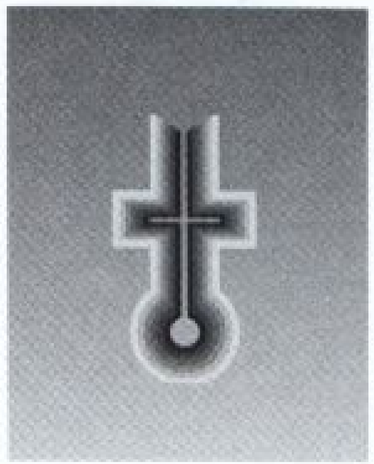
VILLA DA FEIRA
TERRA DE SANTA MARIA

## Ficha Técnica

**Título:** Villa da Feira - Terra de Santa Maria
**Propriedade:** LAF - Liga dos Amigos da Feira
**Director:** Celestino Portela
**Director Adjunto:** Fernando Sampaio Maia
**Colectivo Editorial** - *Fundadores LAF*:
Alberto Rodrigues Camboa • António Luís Carneiro
Carlos Gomes Maia • Celestino Augusto Portela • Joaquim Carneiro
***Revisão Gráfica***:
Álvaro Faria • Anídio Casal's Azevedo
J. M. Costa e Silva • Orlando Silva
**Periodicidade:** Quadrimestral
**Assinatura anual:** 30 euros
**Número avulso:** 12,50 euros
**Capa:** Edifício Termal - S. Jorge
**Arranjo Gráfico:** Joaquim Carneiro
**Fotos:** Óscar Maia e Arquivos particulares
**Redacção e Administração:** Apartado 230 • 4524-909 Feira
**Publicidade:** Telef.: 256 362 028 • 256 379 604 • 935 516 999 • Fax: 256 379 607
**Tiragem:** 500 exemplares
**Edição:** N.º 5 - Outubro 2003
**Pré-impressão:** PublÍbis - Artes Gráficas, Lda.
4520-616 S. João de Ver
**Impressão e Acabamento:** Empresa Gráfica Feirense, S.A.
Ap. 4 • 4524-909 Feira
**Sede Social:** Largo de Camões, 9 • Apartado 230 • 4524-909 Feira
**Correio Electrónico:** villadafeira@mail.pt
**Depósito Legal:** 180748/02
**ISSN:** 1645-4480
**Reg. ICS:** 124038

LAF
LIGA DOS AMIGOS DA FEIRA
*Associada da Rádio Clube da Feira*
**1983 - 03 - 09**

# Pórtico



Quando no princípio de 2002 fui contactado por um grupo de fundadores da LAF - Liga dos Amigos da Feira para a criação e lançamento de uma revista, que veio posteriormente por sugestão de um amigo a chamar-se «Villa da Feira - *Terra de Santa Maria*», abracei, com bastante entusiasmo e muito empenho a concretização deste projecto, que sem dúvida alguma, vai progressivamente atingindo os objectivos que a LAF propunha que chegassem aos nossos Leitores.

Com a concretização deste número 5, temos a certeza que estamos no bom caminho e aproveitamos para saudar os nossos Leitores e Amigos levando-lhes uma mensagem de amizade e interesse pela Terra de Santa Maria.

Fernando Sampaio Maia

*Director Adjunto da revista*
*«Villa da Feira - Terra de Santa Maria»*

# Sumário


Pórtico ..... 3
*Fernando Sampaio Maia*

Viagem ..... 5
*Conceição Ferreira* - Vereadora do Pelouro da Educação da Câmara Municipal da Feira

Poesia ..... 6
*Henrique Veiga de Macedo*

As Termas de S. Jorge ..... 7
*Teresa Vieira*

Poesia ..... 16
*Sérgio Pereira*

Domitilla de Carvalho ..... 17
*Celestino Portela*

Capela da Senhora das Necessidades em Nadais ..... 23
*Domingos A. Moreira, Pe.*

Obras no Castelo ..... 51
*Manuel Leão, Pe.*

Poesia ..... 60
*António Rebordão Navarro*

A beleza plástica e a saúde no séc. XVIII: Uma pequena reflexão a partir da literatura médica ..... 61
*José Vítor Ferreira*

Poesia ..... 66
*Anthero Monteiro*

Platão à luz da sua *Ideia* sobre o Estado e o Direito - I ..... 67
*Henrique Veiga de Macedo*

Evocações de uma Era III: Uma Terra um Povo uma Lenda ou uma História - Aveiro ..... 73
*Jorge António Marques*

O desenvolvimento dos Castelos ..... 85
*Irene Grossmann*

O rumo da Animação Sociocultural ..... 89
*Judite Lopes*

O Cão ..... 91
*Joaquim Máximo*

"Amores Universais de D. Pedro e D. Inês de Castro no Castelo de Santa Maria da Feira" ..... 95
*Rosa Maria Pais*

Lisboa Revisitada - 1923 ..... 101
*Orlando Silva*

Poesia ..... 104
*Ilda Maria*

Sé Catedral de Sá da Bandeira - Angola ..... 105
*António Luso*

Poesia ..... 108
*Manuela Correia*

O Castelo da Feira e a Filatelia ..... 109
*Celestino Portela e Joaquim Carneiro*

Monumento a Fernando Pessoa - II ..... 113
*Executivo LAF*

Poesia ..... 118
*Edgar Carneiro*

Postais do Concelho da Feira: *A - Postais Ilustrados* ..... 119
*Ceomar Tranquilo*

Apoios: *Câmara Municipal - Vista aérea da cidade de Santa Maria da Feira* ..... *contra-capa*
*Irmãos Cavaco, S.A.* ..... *verso da capa*
*Zoo Lourosa - Parque Ornitológico* ..... *verso da c/ capa*
*Termas das Caldas de S. Jorge - Sociedade de Turismo de Santa Maria da Feira* ..... *página última*
*Junta de Freguesia de Santa Maria da Feira* ..... *página última*

# Viagem

Num tempo que corre depressa e tantas vezes abrindo sulcos onde germina o esquecimento, é de saudar as publicações que ousam plantar no seu caminho entre os leitores as marcas de pessoas, iniciativas, instituições e ocorrências que integram o património e a identidade comunitária.

Tal esforço, que se salienta em épocas dadas a vivências que se pautam por meras pulsões que se exaurem umas sucedendo a outras e isso muito rapidamente, é imperativo da educação, da cultura e da formação, alicerce triangular que importa à afirmação dos indivíduos e ao desenvolvimento de sociedades harmónicas, responsáveis e dinâmicas.

Quando o que é importante hoje já não se reveste de qualquer interesse amanhã, mais imperativos e estimáveis se tornam os esforços que visam instalar e valorizar no decurso dos dias os sinais e valores que antes, agora e depois sempre apontarão o sentido da razão do ser e do estar das comunidades humanas.

Nessa perspectiva, "ressuscitar" ou avivar o passado não é, senão, dizer das planuras ou desfiladeiros por onde se faz a vida pessoal e colectiva, ou seja, acender uma lâmpada quando a noite se aproxima e envolve ao redor ou afastar um cortinado quando o dia raia claro e brilhante.

Assim, esse esfcrço propicia conhecimentos e valores, para além de consentir a cada um que sobre a sua realidade envolvente formate opinião sobre a herança recebida e equacione e opere interesses e objectivos que sirvam ao homem conforme o entendimento que dele fez a secular mas também hodierna filosofia grega: "o homem é um animal gregário", ou seja, sujeito e objecto, em si e com os outros, independentemente da camoniana expressão: "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades".

Na verdade, não sendo possível falar do nosso concelho conforme uma linguagem limitada ao tempo presente, tal decorre de sermos uma ancestral comunidade histórica, cultural, económica e social encimada pelo Castelo e daí partirmos para outros anseios e sonhos que sobre o mesmo chão nos impelem a semear, ao mesmo tempo, antigas flores e novos frutos. Desta forma, a revista "Villa da Feira - Terra de Santa Maria" coloca o passado a desafiar o futuro que a todos nós cabe prosseguir como quem rasga os limites do horizonte que nos chegou aberto, mas a reclamar mais além.

*Conceição Ferreira*

Vereadora do Pelouro da Educação
da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

*V.F. n.º 5, 2003 - p 5.*

# Poesia

*Henrique Veiga de Macedo**

## Mensagem sem resposta

- "Bom é
Que sejas sábio,
Melhor é
Que sejas santo."

Tu mo disseste, Mãe,
quando,
Em plena mocidade,
(Há quanto,
quanto
tempo já!),
Parti rumo à coimbrã
Universidade.

E, vê lá, Mãe,
Nem de perto nem de longe, me fiz sábio,
Ou santo.

Agora que, breve e para sempre, vou *partir*,
Peço-te, Mãe,
Perdoes a quem,
no entanto,
Tudo fez,
(Ou quererá pensar que fez?)
Para ser sábio
e santo.

H. Veiga de Macedo

---

* Poeta.



*V.F. n.º 5, 2003 - p 6.*

# Termas de S. Jorge

## Duzentos anos passados, iniciam um novo capítulo na sua história

*Teresa Vieira**

### As origens do termalismo

Ao longo da história, as termas desempenharam um papel importante na vida e na organização das sociedades.

Da história que chegou até nós, é dos gregos e romanos que encontramos mais elementos, devido à importância que o culto das termas teve para estas duas civilizações.

No princípio era o culto das águas. Os deuses criaram as nascentes, e as ninfas suas filhas protegiam-lhes o curso. A humanidade confiante nos seus poderes, celebrava-as com festividades e oferendas. Com o desenvolvimento da medicina, a acção curativa começou a deixar de ser atribuída exclusivamente aos deuses, passando a admitir-se a acção de factores biológicos. Hipócrates – célebre físico do século de Péricles recomendou o seu uso; Aristóteles mencionou várias nascentes com propriedades medicinais. Rapidamente os templos tornaram-se também centros de tratamento, onde se construíram alojamentos, instalações para fazer os tratamento hidroterápicos, e animação. Desvendando os mistérios dos efeitos terápicos proporcionados pelas águas, os **Gregos** atribuíram às curas termais a devida componente racional e científica. Ainda hoje se encontram vestígios dessa influência na terminologia termal: a palavra crenoterapia - que significa terapia através da utilização de água mineral natural – advém da palavra "Krène", que em grego significa "fonte".

O interesse dos **Romanos** pelo desenvolvimento do termalismo começou pela sua utilidade na prevenção e preparação física antes das campanhas militares, e depois, na recuperação e reabilitação do esforço desenvolvido ou das lesões sofridas em combate. Simultaneamente as estâncias termais foram-se desenvolvendo como centros sociais, culturais e de recreio. Da civilização helénica, os Romanos herdaram o gosto pelo requinte e o culto das águas como fonte de saúde e bem estar. Mentores do conceito "*Mens sana in corpore sano*", os romanos defendiam a obtenção do equilíbrio físico e psíquico pela harmonia dos elementos: exercício físico, vida social e diversão. No século VI existiam em Roma 900 estabele-

Caldas de S. Jorge - Balneário. (Foto antiga)

* Licenciada em Direito.

# Termas de S. Jorge

1950 - Período de captação de águas e coreto. (Foto antiga)

cimentos termais. A orgulhosa grandeza dos imperadores romanos media-se também pela sumptuosidade das suas termas a que deram o nome. Estas já não são apenas locais de cura e de repouso, mas, acima de tudo estâncias de prazer, dotadas de todas as comodidades que a imaginação soube inventar para deleite do corpo e recreio da alma; os banhos de Diocleciano cobriam uma área de 13 hectares e comportavam em simultâneo 6000 pessoas. Para além do balneário tinha biblioteca, galerias de passeio, ginásios e inúmeras diversões. Segundo a lenda, o imperador Nero terá exclamado ao ver as magníficas fontes de Roma: *"Sanitas per aquas!"*, sendo atribuída a esta expressão a origem da palavra "*Spa*".

À medida que os Romanos conquistaram a Europa, foram espalhando esta filosofia por todo o Império, apropriando-se das águas minerais naturais para rejuvenescimento e recreação comunitária.

**em Portugal...**

Grande parte das estâncias termais portuguesas foi desenvolvida pelos romanos durante o período de ocupação.

Apesar de algumas dessas estâncias terem sido destruídas, a tradição termal perdurou até aos nossos dias, atingindo o seu apogeu nos finais de séc. XIX e primeira metade do séc. XX.

Em 1919, é fundado o Instituto de Hidrologia em Lisboa. Em 1928, é publicado o Decreto 15401, que regulamenta o funcionamento dos balneários termais em Portugal, que curiosamente continua em vigor!

**em Caldas de S. Jorge...**

A primeira referência histórica conhecida remonta a **1097**. O topónimo Caldelas como primitivo nome da freguesia aparece pela primeira vez referido no ano de 1097 – vide Portugalia Monumenta Historica – como "*uilla Caldelas hic in sancto Georgei*", adivinhando a descoberta da nascente termal em tempos bem mais remotos, provavelmente durante o período de dominação romana.

A primeira cura termal data de **1787**. Reza a história que em meados de 1787, um criado do Padre Inácio da Cunha, sofrendo de uma ferida crónica de origem varicosa, curou-a ao banhar-se regularmente numas águas mal cheirosas que borbulhavam junto ao ribeiro do Passal. Conhecedor do efeito *milagroso* destas águas e inspirado pela cura obtida pelo seu criado de lavoura, o referido Padre decidiu construir, a expensas próprias uma fonte e uns barracos com tanques em madeira.

O primeiro balneário termal nasce em **1805**. Por provisão de 21 de Janeiro de 1805 foi atendida a petição formulada ao Governo de D. João VI no sentido de se desviar o rio, comprar terrenos

de domínio particular e edificar um balneário termal, a suportar pela imposição d'um real em cada quartilho de vinho que se vendesse no distrito da vara do juiz de fora da comarca da Feira, ficando o imposto e obras sob a sua administração.

*"Levantada a planta do edificio thermal (...) a obra foi posta a arrematação por 13.000 cruzados ...d'este modo foi levada a effeito a primitiva installação balnear, um soffrivel edificio de cantaria, parte ladrilhada a tijolo e outra parte soalhada a granito, tudo isto formando um pavimento que repellia a planta dos enfermos.*

*N'este estabelecimento havia uns estreitos e escuros quartos de banho em cujo pavimento se achavam abertas umas immundas e acanhadas cubatas de madeira, substituidas mais tarde por banheiras de lousa.*

*Com o decorrer dos annos e d' accordo com as instantes exigencias da epocha, foi-se introduzindo alguns melhoramentos, foram-se banindo esses acanhados e immundos esquifes de madeira, essas mal abrigadas casotas de banho, onde perigava a saúde mais vigorosa.*

*A principio a agua, empregada na confecção dos banhos, era aquecida em panellas de ferro pelo guarda do estabelecimento que recebia uma gratificação annual de 24$00 reis para fornecer os banhos, gratuitamente, aos pobres.*

*Mais tarde a agua, recolhida n'um tanque de pedra, n'um reservatorio de cantaria, era encanada e conduzida a um caldeirão destapado, onde com a maior descautella era aquecida afim de ser levada, por um systema de tubos muito rudimentar, até aos cubiculos onde se confeccionava o banho, à prova da sensibilidade calorifica da mão do banhista inexperiente.*

**Caldas de S. Jorge**
- Fachada principal do Balneário.
- Avenida Caldas de S. Jorge.
- Pensão do Parque. *(Fotos antigas)*

# Termas de S. Jorge

Fachada centenária.

Parque das Termas, zona envolvente.

*Com uma captagem imperfeitissima, com uns cubiculos ou espeluncas de banhos sujos, mal calafetados e immundos, a câmara da Feira, em* ***1843****, introduziu n'este estabelecimento balnear alguns melhoramentos d'inadiavel realisação.*

*(...) Por lei de 26 de março de 1873, foi autorizada a câmara municipal a contratar, por empreza, a construcção d'um novo edificio"* [1], que ficou concluído em **1892**.

A primeira análise fisico-química das suas águas foi apresentada em **1890**, perante a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, pelo Dr. António Ferreira Pinto da Motta, a quem devemos a única monografia conhecida das Termas das Caldas de S. Jorge, de onde extraímos parte dos textos vindos de transcrever. A qualidade da sua dissertação, a nobreza dos seus intentos, e o pormenor das suas descrições, convida-nos à sua transcrição, que só a limitação de páginas nos impede ser total.

Em , a Câmara da Feira recebe por Alvará Régio a concessão das Termas das Caldas de S. Jorge, mais tarde confirmado pela Portaria de 7 de Abril de .

Em , por Portaria de 26 de Agosto, a Câmara Municipal foi obrigada a proceder à modificação da captação segundo projecto do Eng.º Freire Andrade. Em 1940, as Termas foram encerradas para obras de captação e beneficiação do balneário.

Em , reabriram totalmente renovadas e em foram novamente ampliadas.

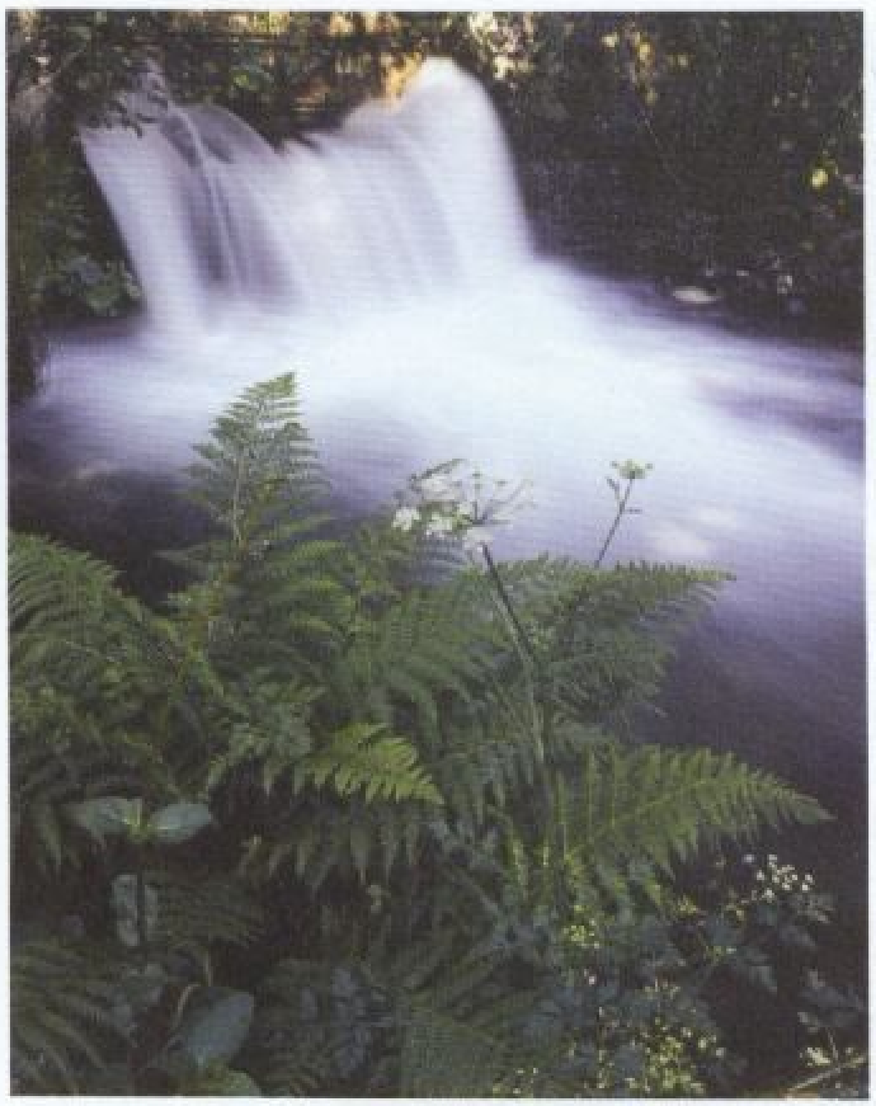
No ano de o balneário iniciou a última intervenção do século XX (1988), com a renovação de instalações e equipamentos. Ainda neste ano, as águas foram pela segunda vez analisadas – após o estudo geológico da região pela Direcção Geral de Geologia e Minas e sob a orientação da Dr.ª Maria José do Canto Machado, sendo classificadas dentro do grande grupo das sulfúreas. "Os resultados obtidos, comparados com outras águas sulfúreas actualmente em exploração, evidenciam que as águas de São Jorge apresentam um sistema iónico próprio, facto que lhes confere uma perfeita individuali-

zação química".

Após várias obras de ampliação e remodelação do balneário, em **1998**, as Caldas de S. Jorge iniciam um novo capitulo na sua história: a Câmara Municipal, em parceria com entidades ligadas ao turismo do Concelho, constitui a Sociedade de Turismo de Santa Maria da Feira, S.A. – uma sociedade de capitais mistos, onde detém 50% do capital social – a quem entregou a gestão do balneário termal.

Mantendo a concessão e controlando a gestão, a Câmara Municipal consegue assim a simbiose perfeita entre o domínio público e a gestão privada.

Duzentos anos passados desde a construção do primeiro balneário, as Termas de S. Jorge rejuvenescem... Aliando a tradição termal à modernidade, um audacioso projecto de remodelação e ampliação, renovou um edifício com história dotando-o de novas instalações, equipamentos e serviços abertas ao público no dia 2 de Junho de **2003**.



Rio Uima - zona envolvente.

**um novo balneário,**

Apresentar uma oferta termal mais diversificada e de maior qualidade, adequada à actual filosofia termal de prevenção e promoção da saúde, sem descurar a qualidade da terapêutica termal, foi o objectivo base deste projecto de ampliação e remodelação.

A sua concepção assentou nos princípios definidos pela OMS (Organização Mundial da Saúde), para um *serviço de qualidade* na saúde,

- maior eficiência na utilização dos recursos;
- na satisfação dos utilizadores;
- no mínimo risco para os aquistas;
- na obtenção de resultados de saúde.

**Maior eficiência na utilização dos recursos...**

*água mineral natural*

Cloretada, bicarbonatada, fluroetada e sulfidratada sódica, esta água mineral natural com um ph de 8.5, nasce a 23° graus, obrigando ao seu aquecimento. A criação de uma nova central técnica, dimensionada para as exigências do novo balneário, acompanhada da renovação da rede de abastecimento de água termal, permitirá conservar as suas características fisico-químicas, potenciando as suas qualidades terapêuticas.

*equipamentos*

Acompanhando os avanços tecnológicos, pela modernização do equipamento termal e introdução de novas técnicas até agora inexis-

Buvete. (escultura de Paulo Neves)

tentes nas Termas das Caldas de S. Jorge, onde se destacam:

- a piscina termal, local de eleição para o aproveitamento conjunto de todos os efeitos terapêuticos da água;
- a mecanoterapia, enquanto meio de tratamento complementar às técnicas termais, na área da medicina física e reabilitação.

*recursos humanos*

Factor essencial no tratamento termal desde tempos remotos (na época romana existiam já especializações: os *capsari* estavam no vestiário, os *balneatores* vigiavam os banhos, os *tractores* faziam massagens...), os recursos humanos são reconhecidos como um dos factores essenciais ao tratamento termal. As Termas de S. Jorge possuem uma equipa multidisciplinar, desde a gestão à equipa médica, acompanhada pelos técnicos do balneário termal, cuja formação acompanhou a nova filosofia termal, desde o acolhimento até às práticas termais propriamente ditas.

A formação contínua dos a*uxiliares de balneoterapia e Fisioterapia*, bem como a admissão de novos técnicos após formação inicial continuará a ser uma preocupação das Termas de S. Jorge, sendo evidente a melhoria dos serviços prestados.

**na satisfação dos utilizadores...**

Avaliadas as deficiências das infra-estruturas, as particularidades dos seus aquistas, e as potencialidades do balneário termal, este projecto teve ainda como prioridades, a maior capacidade de resposta; o funcionamento alargado do balneário termal; a optimização do recurso hidromineral, diversificando a sua utilização na área da promoção da saúde, só realizáveis com a introdução de um modelo de gestão adequado à nova realidade termal, instalações renovadas e a reestruturação das áreas complementares ao balneário, ajustando-as às novas necessidades;

**no mínimo risco para os Aquistas...**

O que é dizer controlo e vigilância sanitária.

Reforçar os procedimentos de controlo, desde a construção, dimensionamento e organização interna do balneário – onde é evidente a separação das áreas de tratamento

Parafango.

Banho de imersão.

Duche de agulheta.

em zonas de pés molhados e pés secos; a obrigatoriedade de uso de roupões e chinelos cedidos pelo balneário, a obrigatoriedade de utilização de coberturas para os sapatos; o fornecimento diário das roupas de banho e a sua higienização em lavandaria própria – construída de raiz segundo um conceito de barreira sanitária, são disso alguns exemplos.

O desenvolvimento de um novo manual interno onde estão definidos todos os procedimentos de manutenção e desinfecção das instalações e equipamentos, em concordância com a nova realidade do balneário e as novas áreas de tratamento criadas, bem como a definição de protocolos de auditoria interna, servirão para a averiguação do pontual cumprimento dos procedimentos preestabelecidos, para além da vigilância da qualidade bacteriológica da água mineral natural desde a sua captação até aos diversos pontos de utilização, de carácter oficioso e a cargo da Autoridade de Saúde.

### a obtenção de resultados de Saúde...

O despacho conjunto dos Ministérios da Saúde e do Comércio e Turismo, de 4 de Maio de 1989, publicado no Diário da República II Serie, n.º 118 de 23 de Maio de 1989, reconhece para as Termas de S. Jorge as seguintes indicações terapêuticas: Doenças reumáticas e músculo-esqueléticas, Doenças do aparelho respiratório e Doenças da pele e mucosas.

Para o tratamento destas patologias, as Termas de S. Jorge oferecem uma panóplia de técnicas de orl/vias respiratórias, técnicas de imersão (onde destacamos a piscina termal, o corredor de marcha e a hidromassagem computorizada), as técnicas de duche (aliando ao tradicional duche de agulheta as duche massagem vichy, aix e a hidropressoterapia), as técnicas de vapor integral, aos membros e à coluna, a as técnicas complementares (massagem, aplicação de parafango).

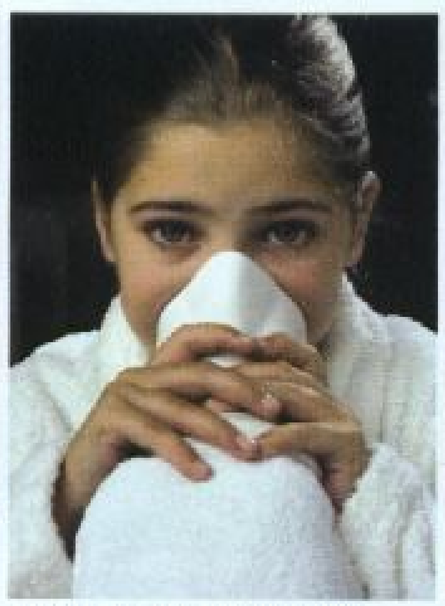
A piscina e o ginásio convidam ao lazer e as áreas de repouso ao descanso merecido durante as férias ou no final de um dia de trabalho.

### um novo conceito de saúde e bem-estar

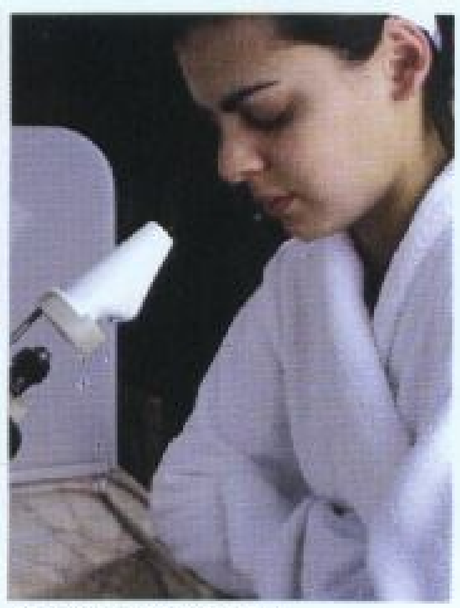
Recupera-se o conceito de termas como destino turístico privilegiado, que conjuga a **natureza**, o **património** e o **lazer**, associando a actividade terapêutica ao bem estar e ao

# Termas de S. Jorge

Máscara de beleza.



Nebulização por caneca.



Pulverização facial.

turismo.

Perante esta filosofia termal de prevenção e promoção da saúde, renova-se um edifício com história, aliando a tradição termal à modernidade.

Apresentar uma oferta termal integrada, num ambiente acolhedor e com o profissionalismo de técnicos qualificados, é a missão das Termas de S. Jorge.

Envolvidas num ambiente de grande beleza natural, as Termas de S. Jorge proporcionam aos seus aquistas momentos de grande tranquilidade, repouso e prazer.

A diversidade de actividades lúdicas, sugeridas pela ímpar oferta cultural e turística de Santa Maria da Feira e pelo extenso programa de animação oferecem aos aquistas uma ocupação saudável e enriquecida dos seus tempos livres.

[1] In, Motta, Dr António Pinto, «As Caldas de S. Jorge», 1890.

termas s.jorge

"A água que brota do interior da flor"

## Uma nova imagem

Após a adaptação das Termas de S. Jorge a uma nova filosofia termal, transformando-as num espaço mais moderno, atraente e bem equipado, impunha-se a mesma adaptação ao nível de imagem da marca.

"A água que brota do interior da flor"

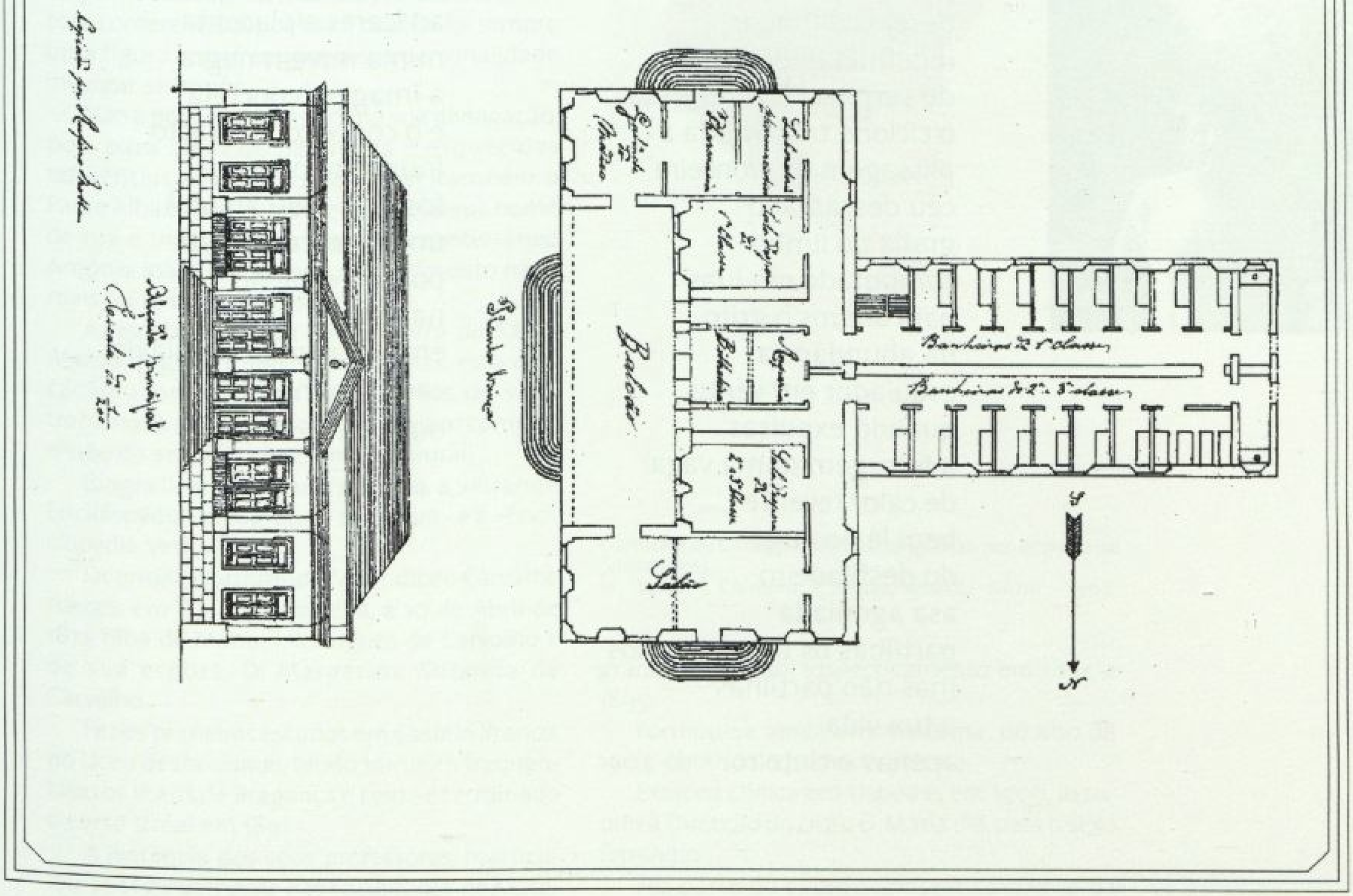
Representa a união da Flor, símbolo da natureza e juventude, numa clara referência ao ambiente que rodeia - o balneário termal e a água. Para além da óbvia relação com as termas representa saúde e dinamismo. O azul brilhante da água transmite frescura e pureza, a presença do preto transmite a sobriedade e o rigor da saúde.

## Uma nova envolvente

A conclusão do balneário termal, é apenas a primeira fase de um amplo processo de revitalização da vila termal. A recuperação da área envolvente e a criação de outras infra-estruturas de apoio, entre as quais a construção de um hotel termal, fazem parte de uma segunda fase – já iniciada – e que se prevê concluída até 2006.

Numa perspectiva de desenvolvimento sustentado, o plano de pormenor da área termal deverá criar as condições necessárias para a captação de infra-estruturas turísticas de apoio, conciliando e valorizando-as com os recursos naturais da área termal.

# PLANTA DO ESTABELECIMENTO



Reprodução da Planta e Alçado Principal "copiado por António Motta". - Termas das Caldas de S. Jorge - 1890.

# Poesia

*Sérgio Pereira**

## A matriz da escuridão

átimo repetido
desejo continuar
indefinidamente
de surpresa em surpresa
o ciclone transmuda a
plissagem da fronteira
céu descascado
grafia do limbo
computado em luas
para alguns o grito
da abundância
esquiador em vénus
quando expulsas
a ferrugem duma vaga
de calor recente
bem lá no auge
do desfiladeiro
asa agoniada
partilhas os teus segredos
mas não partilhas
a tua vida
apenas o tinteiro
da linguagem
ao içares a placenta
numa nuvem negra
a imagem concreta
e o conceito abstracto
(nunca te pedi que
fosses o meu arauto)
uma aposta perdida
por um estalido
na relva
embarcas noutra galáxia
canto de morte
ou instinto de fuga?

---

* Nasceu em 1958, na freguesia de S. João de Ver. Tem seis livros de poesia publicados e uma vivência centrada no mundo dos livros e da criação poética. Mas é, sobretudo, um caminhante e um indigador do desconhecido que se move mais pelo assombro da inquietação e da preserverança da escuta e do olhar, do que pela mais-valia do saber. Assim, ao detalhe biográfico que estabelece ângulos de focagem e de leitura, prefere a revolta extreme ao vento imemorial.



*V.F. n.º 5, 2003 - p 16.*

# Domitilla de Carvalho

*Celestino Portela**

É com muito prazer que volto a escrever sobre esta Ilustre Santamariana e para sublinhar que a considero uma das mais ilustres intelectuais da Terra de Santa Maria.

Como estudante, médica, professora, directora, conferencista, poetisa e política foi sempre uma figura ímpar, em que a sua personalidade invulgar se impôs.

Não é por demais insistir na sua divulgação, pois para além de pequenas e esquecidas referências em artigos de jornal (também o Padre Albano Alferes sobre ela escreveu), nome de rua e um quadro a óleo pelo conterrâneo António Joaquim, do meu conhecimento nada mais foi feito, o que é pouco.

A revista «Villa da Feira - *Terra de Santa Maria*», registará, nas suas páginas, esta evocação acompanhada de excertos de seus trabalhos e alguns versos, para melhor compreensão do seu elevado espírito cultural.

Biograficamente acompanho a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» e a «Enciclopédia Verbo».

Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho nasceu em Travanca da Feira, a 10 de Abril de 1871, filha de Manuel Rodrigues de Carvalho e de sua esposa, D. Margarida Miranda de Carvalho.

Fez os primeiros estudos em Castelo Branco, no Liceu desta cidade, tendo também frequentado os liceus de Bragança e Leiria e terminado o curso Liceal em 1891.

A instância dos seus professores, matriculou-se seguidamente nas Faculdades de Matemática e Filosofia, cujos cursos concluiu com grande distinção, respectivamente em 1894 e 1895.

Domitilla de Carvalho, retrato/sanguínea por Adriano de Sousa Lopes.
*In "Versos", Coimbra, F. França Amado, Editor - 1909.*

Formou-se ainda em Medicina, no ano de 1904, obtendo o primeiro prémio.

Exerceu clínica em Lisboa e, em 1906, assumiu a Direcção do Liceu D. Maria Pia, para o sexo feminino.

Fez parte do extinto Conselho Superior da Instrução Pública.

---

* Advogado.

*V.F. n.º 5, 2003 - pp 17-22.*

# Domitilla de Carvalho

Professora no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

Foi figura notável na vida política, tendo sido deputada à Assembleia Nacional nas legislaturas de 1934 e 1938.

Na primeira legislatura, após a constituição de 1933, que se iniciou em 1935, na lista apresentada pela União Nacional constavam três mulheres: Domitilla de Carvalho, Maria Baptista Guardiola e Maria Cândida Parreira, tendo Domitilla de Carvalho obtido o maior número de votos entre as candidatas femininas.

Salazar, em entrevista ao jornal «O Século», em 1934, afirmou "uma novidade - tanto de uma como de outra Câmara farão parte algumas senhoras o que não significa ter-se o Estado ou elas próprias convertido, agora, ao feminismo".

Domitilla de Carvalho foi também eleita para a segunda legislatura, na Lista A e única da União Nacional.

Pertence assim ao grupo das três primeiras mulheres eleitas deputadas em Portugal.

Realizou inúmeras conferências sobre temas literários e de educação.

Faleceu, em Lisboa, em 11 de Novembro de 1966.

E a «Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira», faz esta referência final:

"Foi a primeira mulher que frequentou a Universidade de Coimbra."

Tantos motivos para que seja colocada no Pedestal a que tem direito.

A sua vida e obra merecem um estudo profundo tantas são as facetas em que o seu espírito refulgiu com raro brilho.

Liceu ou Escola Preparatória merecem o seu nome como marco e ponto de referência.

As páginas da revista «Villa da Feira - *Terra de Santa Maria*», estão abertas àqueles que, tendo estudado a personalidade de Domitilla de Carvalho, queiram comunicar, com os nossos leitores, os seus trabalhos.

Domitilla de Carvalho deixou-nos, como trabalhos publicados, em poesia, três livros:

1 - Versos - Coimbra, F. França Amado, Editor - 1909

Prefácio de Afonso Lopes Vieira e Retrato por Adriano de Sousa Lopes.

O Livro é dedicado

- **A Sua Magestade a Rainha D. Amélia.**

Em nota de roda-pé diz-se: «D. Domitilla de Carvalho foi a primeira senhora que frequentou a Universidade, formou-se em três faculdades, recebendo, na de Filosofia - um prémio e oito accessits; na de Matemática - dois prémios e accessits em todas as cadeiras; na de Medicina, accessits em todas as cadeiras do primeiro e segundo anos, e prémios em todas as cadeiras do terceiro, quarto e quinto, sendo-lhe também conferidos os prémios Barão de Castello de Paiva (trabalhos de anatomia) e Alvarenga (matéria médica).»

Do prefácio de A. Lopes Vieira sublinho:

«Relembro a admiração profunda com que os cursos a que ela pertencia falavam da condiscípula fraternal, que conquistou sempre, com o mais franco aplauso dos camaradas e a rendida homenagem dos professores, as mais subidas distinções e prémios, honrando desta vez quem os conferia.

Maravilha de equilíbrio moral, que reuniu numa mulher jovem uma cultura superior à da maioria dos homens de ciência, e o "charme", resistente à vaidade e à masculinização.

O problema não consiste em que a mulher se liberte; consiste em que ela se liberte, mas ressalvando o tesoiro da sua sensibilidade e

ficando sempre mulher, criadora de graça e de harmonia.»

O exemplar que consulto é dedicado:

*"À Exma. Senhora D. Maria Amália Vaz de Carvalho, ao seu bello espirito e ao seu grande coração. Homenagem respeitosa de Domitilla de Carvalho – Lisboa - 6-1909."*

**2** - "Terra de Amores" é o seu segundo livro de versos.

Editado em 1924, pela Coimbra Editora, Lda., é um pequeno volume de 72 páginas.

O livro é dedicado:

"À Memória querida de minha Mãe" e começa com o soneto

## Casa Deserta

Percorro a casa toda e não A vejo.
Para A atingir, em vão estendo os braços.
A solidão responde ao meu desejo
Só escuto o ruído dos meus passos.

Calada a voz suave como um beijo,
Que outrora me chamava aos seus abraços,
Apavora-me o fúnebre cortejo
O ruído sinistro dos meus passos.

E nunca, nunca mais A hei-de ver...
Tu não pudeste ouvir a minha prece,
Na morte adormeceste, Minha Mãe!

E eu só vivo na ânsia do Não-ser
Ouvindo na mudez que me ensurdece
A voz misteriosa do Além.

**3** - «Para o Alto» é o terceiro livro de versos de Domitilla de Carvalho, editado em 1956, sem indicação da casa Editora.

Este exemplar tem uma dedicatória:

*"À Exma. senhora D. Maria Adelaide e Doutor Maximino Correia a Homenagem de consideração e afectuosa estima - Domitilla de Carvalho"*

Maximino Correia, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra, foi magnífico Reitor da Universidade e, nessa qualidade, assinou a minha carta de curso.

Deste livro transcrevo

## Depois da Tormenta

A vida aceito enfim serenamente,
Com a certeza calma da verdade
De algum Bem mais fiel que o mal presente,
Doutra vida melhor na Eternidade.

E nesta fé vivíssima de crente
Antevejo e sinto, que me invade
Uma luz de maior Claridade,
Que este mundo de trevas não consente.

A tortura d'Outrora, essa agonia,
Que em convulsões meu peito sacudia,
Dulcificou-a a santa paz da Igreja.

E dou graças ao Céu a toda a hora.
Bemdita seja a fé consoladora,
Bemdito seja Deus, bemdito seja.

Da sua bibliografia consta ainda,

**Prosa**

«Maria Amália Vaz de Carvalho»
«Sidónio Pais - Lição a alunas»

**Conferências**

"Algumas palavras a respeito das Cosmogonias de Laplace e de Arrhénius"
*(realizada no Liceu de Vizeu)*

"A Missão da Mulher no Lar"
*(Centro Académico Feminino Católico -Coimbra)*

"Em volta de um projecto de Lei"
*(Liga Portuguesa de Profilaxia Social - Porto)*

"O Problema do Ensino em regime Concordatário"
*(Teatro Nacional de D.Maria II, sob a presidência de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca)*

"Sidónio Pais"
*(Sala Algarve da Sociedade de Geografia, sob a Presidência do Chefe de Estado Senhor Marechal Carmona)*

"Todo o Filho tem direito ao Leite de sua Mãe"
*(Maternidade Alfredo da Costa, sob a presidência do Sub-Secretário de Estado da Assistência Social)*

"A Música na Educação"
*(Liceu Filipa de Lencastre)*

"Alguns Passos da Vida da Beata Beatriz da Silva"
*(Sede da Liga da Acção Católica Feminina)*

"Última Lição - Conselho às alunas"
*(Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho)*

"Lisboa e o Cinema" - 1946

*

O Deputado à Assembleia Nacional José Cabral apresentou, em 19 de Janeiro de 1935, um Projecto de Lei para abolição das Sociedades Secretas.

Fernando Pessoa, em artigo publicado no «Diário de Lisboa» de 4 de Fevereiro de 1935, referiu:

"Estreou-se a Assembleia Nacional, do ponto de vista legislativo, com a apresentação, por um deputado, de um projecto de lei sobre "Associações Secretas". De tal ordem é o projecto, tanto em natureza como em conteúdo, que não há que felicitar o actual Parlamento"

O artigo é extenso, da primeira página transita para as páginas centrais, onde conclui o poeta:

"Acabei de vez. Deixe o Sr. José Cabral a maçonaria aos maçons e aos que, embora o não sejam, viram, ainda que noutro templo, a mesma Luz. Deixe a anti-maçonaria àqueles antimaçons que são os legítimos descendentes

**Domitilla de Carvalho (1891-1966).**
António Joaquim, 1999 - Óleo s/ tela, 1000 x 750 mm.
Considerado uma obra prima do Mestre.

intelectuais do célebre pregador que descobriu que Herodes e Pilatos eram vigilantes de uma loja de Jerusalém.

"Deixe isso tudo e, no próximo dia 13, se quiser, vamos juntos a Fátima. E calha bem porque será 13 de Fevereiro - o aniversário daquela lei de João Franco que estabelecia a pena de morte para os crimes políticos."

Foi pedido o parecer da Câmara Corporativa que, em 27 de Março, o concedeu no sentido de habilitar o Estado a reprimir as sociedades secretas.

O Projecto de Lei foi discutido e aprovado na sessão da Assembleia Nacional, de 8 de Abril de 1935.

Esta evocação faço porque D. Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho interveio na votação que aprovou o projecto de Lei para abolição das Sociedade Secretas.

De registar que nesta sessão estiveram presentes duas Senhoras: a D. Domitilla e D. Maria Baptista dos Santos Guardiola.

Mestre António Joaquim, seu conterrâneo, foi o autor do inspirado quadro que retrata a nossa Ilustre Santamariana.

Esperamos que seja tomada a iniciativa de editar um livro antológico, para divulgação e conhecimento.

Domitilla de Carvalho pelo que foi e pelo legado que nos deixou bem o merece.

Não deixemos Domitilla adormecer/ esquecer, como esperava nestes versos:

... **"Toldada a memória, que me deste,**
**Talvez possa por fim adormecer."**

## O Trabalho[1]

*«O trabalho seja ele qual for contanto que seja perfeito e util é uma função nobre.*

*Bôa dona de casa e senhora ilustrada e inteligente não se excluem. A inteligencia serve para tudo, até para envolver em graça e em poesia o mister mais humilde».*

*É a glorificação do trabalho - uma das notas mais interessantes e simpaticas da sua obra educativa.*

*«Quem trabalha ora» diz Maria Amalia Vaz de Carvalho em uma das páginas admiraveis do seu livro, «As Nossas Filhas». «É urgente, é preciso restituir ao trabalho, a todo o trabalho a dignidade, a beleza, a graça, a quasi santidade.....».*

*Se êle é um dos mandamentos dessa admiravel doutrina tão bela que o esteta, o apostolo Ruskin rezava devotamente, e prègava ás mais lindas, e ricas e aristocraticas raparigas do seu pais!*

*Base de todo o progresso estavel, é o trabalho nobilitador, o sacrificio expiatorio e um dos mais poderosos elementos de regeneração individual ou social.*

*Pelo conforto material que dêle pode derivar, mas ainda mais pelas consolações que dá, pelas magoas que adormenta, pelas lagrimas que enxuga, bendito seja o trabalho, essa virtude sublime.*

---

[1] *in Domitilla de Carvalho «Maria Amalia Vaz de Carvalho» Lisboa, 1930*

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

*Escapães - Santa Maria da Feira*

***Domingos A. Moreira****

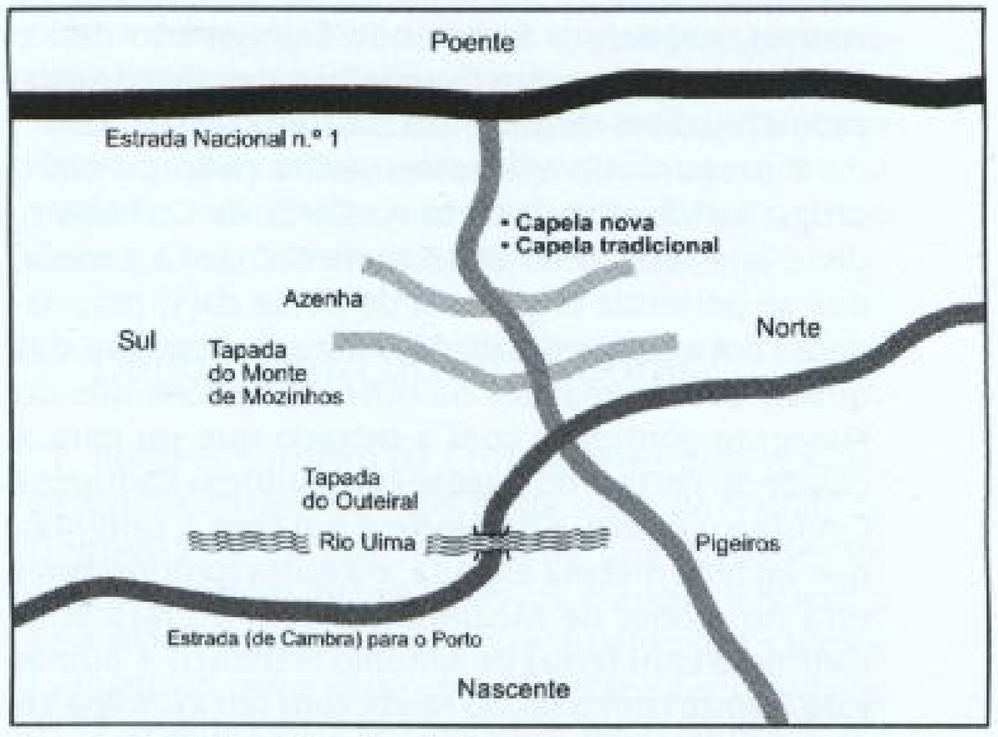
## Apêndice I
Apoio financeiro à capela
*(ver resumo no capítulo II)*

A 6 de Maio de 1757 o abade de Guisande desloca-se a Nadais com o P.e José da Costa para fazer o inquérito que continuou no dia seguinte por ser muito longo e minucioso:

**/folha 24** «Aos seis do mes de Mayo do anno de mil sete centos e sincoenta e sete neste lugar de Nadais de Sima e da freguezia de Sam Martinho de Escapais nas Cazas de morada do Reverendo Manoel Carneiro da Crus da dita freguezia onde eu escrivám fui vindo com o reverendo comisário, as testemunhas seguintes de que fis este termo eu o Padre Jozé da Costa, escrivám que o escrevi.

Joam da Costa, lavrador e morador neste lugar de Nadais da freguezia de Escapais, testemunha de idade que disse ser de cincoenta annos pouco mais ou menos, a quem o reverendo comisário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade, aos costumes Disse nada.

E preguntando elle testemunha pello primeiro item justificativo incerto [=inserto] na Comiçám junta, disse que sabia, pello ver, que a fábrica da capella, que os justificantes pertendem erigir, está de posse das propriedades dotadas que sam duas tapadas, huma sita no outeiral de fora que confronta do Nascente com a estrada que vaj para a cidade do Porto, do Poente com António Rodrigues Coimbra e outros, do norte com a mesma estrada, e do Sul com o Caminho que vaj ter à mesma estrada, e outra [tapada] sita no monte de Mozinhos, tudo neste lugar de Nadais, confronta do Nascente com António Francisco e outros, do Poente com o rio, do Norte com terras de Domingos de Bastos e outros E do Sul com o monte maninho, as quais valem melhor de Cento e



Esquema sobre a situação das tapadas.

dés mil reis, e annualmente ham de render, huns annos por outros, cinco mil e quinhentos [reis].

E do segundo disse que as ditas propriedades sam bens libres, dízimos a D.s, sem pagar fôro nem penssám a pessoa alguma **/folha 25** alguma nem estarem Epotecadas a dividas ou fianças, e menos annexas a morgado nem a outra Capella, o que elle testemunha sabe, pello ver e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que o dote das ditas propriedades nam perjudica a pessoa alguma nem nelle há Coloyo que elle testemunha possa prezumir e mais nam disse deste nem dos mais que todos lhe foram lidos e decrarados [=declarados] pello Reverendo

* Pároco da Freguesia de Santa Maria de Pijeiros.

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

Comissário com quem assignou este seu juramento depois de lhe ser lido e dizer [que] estava escrito na verdade, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevy, Silva, Joam + da costa.

Joam, solteiro, filho de Manoel Correa, deste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, testemunha de idade que disse ser de trinta annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade, aos costumes disse nada.

E preguntado elle testemunha pello primeiro artigo justificativo, inserto na Carta de Comissám, disse que sabe, pello ver e conhecer, que a capella, que se pertende erigir, está de posse da[s] propriedades dotadas, mencionadas na mesma ereçám, das quoais está huma sita no outeiral de fora, que do Nascente confronta com a estrada que vai para a cidade do Porto e do poente com António Rodrigues Coimbra e outros e do Norte e Sul com o caminho, que vaj ter à mesma estrada , e a outra [propriedade] está no monte de Mozinhos, a qual do Nascente confronta com terras de António Francisco e outros e do Poente com o rio, do Norte com terras **/folha 26** terras de Domingos Bastos e outros e do Sul com o monte maninho, cujas propriedades valem muito bem cento e dés ou quinze mil reis, attendendo ao Rendimento que podem dar de tres em tres annos de apanhadias de tojo e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que pella mesma rezám sabe que as tais tapadas sam libres de encargos, hipotecas ou fianças e nam pagam sensso nem fôro a pessoa alguma, antes sam dizimas Deos como hé bem notório e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que o presente dote não perjudica as legítimas dos filhos dos dotadores nem a outra pessoa alguma e q. foi feito sem dolo nem malícia, e mais nam disse e assignou este seu juramento com o Reverendo Comissário depois de lhe ser lido e dizer [que] estava scripto na verdade, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevy, Silva, Joam + soltr.º.

Domingos, solteiro, filho de Thomás de Sousa, deste lugar de Nadais da freguesia de Escapais, testemunha de idade que disse ser de vinte annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos santos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade, aos costumes disse nada.

E preguntando elle testemunha pello primeiro artigo justificativo, incerto [=inserto] na Comição junta, disse que, em rezám de ser vezinho das propriedades dotadas, sabe, pello ver, que dellas está de posse a fábrica da Capella que se pertende erigir à vista e face de todos, sem contradiçám de pessoa alguma, as quoais sam duas tapadas que estám sitas, huma no oiteiral de fora e a outra no monte de Mozinhos, e tem **/folha 27** e tem as confrontaçois expressadas na mesma Comissám junta, e valem muito melhor de Cento e doze mil reis por que [=porque] de três em três annos de cada apanhadia ham de render melhor de sinco mil e seis centos, digo, de cada apanhadia ham de render melhor de desaseis ou desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E ao segundo disse que os ditos bens sam libres, dizimos a Deos e não estám litigiosos nem hipotecados a dívida ou fiança alguma, nem anexos a morgado ou a outra Capella nem tambem delles se paga fôro ou pensám, o que ella testemunha sabe, pello ver e mais nam disse deste.

E ao terceiro [item] disse que o presente dote nam perjudica as legítimas dos filhos dos dotadores, nem a outra alguma pessoa e nam sabe elle testemunha que nelle ouvesse dollo ou Coloyo e mais nam disse e assignou com o Reverendo Comissário este seu juramento depois de lhe ser lido e dizer [que] estava scripto na verdade, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Sylva, Domingos + soltr.º.

António Francisco, solteiro, filho de António Fran.co, estudante e morador neste lugar de Nadais da freguezia de Escapais, testemunha de idade que disse ser de vinte annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade, aos costumes disse nada.

E preguntado elle testemunha pello primeiro artigo justificativo, inserto na Comissám junta, disse que, em rezám de morar vizinho das propriedades dottadas, sabe que dellas está de posse a fábrica da

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

Capella que se pertende erigir, as coa[i]s confrontam na forma que se declara na mesma comiçám, e que attendendo ao que podem **/folha 28** podem render de tojo de três annos valem m.to [=muito] cento e dés mil reis, pois de cada apanhadia hão de render melhor de desaseis ou desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E ao segundo disse que as mesmas propriedades sam libres de Litigios, sensso ou penssão e não estám litigiozas nem obrigadas a dividas ou fianças e menos annexas a outra capella ou morgado por serem dizimas a D.s, o que elle testemunha sabe, pello ver e mais não disse deste [item].

E ao terceiro disse que o dote de que se trata, nam perjudica as legítimas dos filhos dos dottadores nem a outra alguma pessoa e que nelle nam há Coloyo, dolo ou fingimento que elle testemunha prezuma e mais nam disse e assignou com o Reverendo Comissário este seu juramento dipois de lhe ser lido e dizer [que] estava scripto na verdade, eu o Padre Joze da Costa escrivám que o escrevj, Sylva, Ant.º Fr.co soltr.º.

O Reverendo Manoel Carneiro da Crus, morador neste lugar de Nadais da freguezia de Escapais, testemunha de idade que disse ser de vinte e nove annos pouco mais ou menos, a q.m [=quem] o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade, aos Costumes disse nada.

E preguntando elle testemunha pello primeiro artigo justificativo, jncerto [=inserto] na comiçám junta, disse que, em rezám de morar vizinho das propriedades da Contenda, sabe que dellas está de posse a fábrica da Capella que se pertende erigir, Cujas propriedades estám sitas, huma no outeiral de fora e outra no monte de Mozinhos, e suas Confrontaçôis sam as q. constam da mesma Comiçám e pella commua **/folha 29** commua e geral estimaçám valem m.to bem as tapadas articuladas Cento e dés mil reis, pois de cada talhadia, que hé de três em três annos, ham de render de tojo perto de desasete mil reis e vem a ser o Rendimento em cada hum anno melhor de sinco mil e quinhentos [reis] e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam libres de fianças, dividas e litigios, e nam estám hipothecadas, e sam dizimas a D.s e nam pagam penssám nem sensso [=censo] a pessoa alguma e mais nam disse deste [item].

E ao terceiro disse que o dote das tais tapadas nam perjudica as legitimas dos filhos dos dotadores nem a outra alguma pessoa e que nelle nam ouve dollo, malícia nem Coloyo e mais nam disse e assignou com o Reverendo Comissário este seu juramento dipois de lhe ser lido e dizer [que] estava scripto na verdade, eu o Padre Joze da Costa escrivão que o escrevj, Silva, O P.e Manoel Carn.to da Crus.

## Depoimento dos dotadores

António Carneiro da Crus, solteiro, filho q. ficou de Joam Carneiro da Crus, deste lugar de Nadais da freguesia de Escapais, de idade que disse ser de quarenta annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade.

E perguntado elle depoente pello contheúdo / **folha 30** contheúdo no primeiro item justificativo, inserto na Comissám junta, depôs que hé serto estar a fábrica da Capella, que se pertende erigir, de posse das duas tapadas dottadas, sitas huma no oiteiral de fora e a outra no monte de Mozinhos, as quoais Confrontam na forma declarada na mesma Comissám e ambas valem m.to bem Cento e dés mil reis, porque de cada apanhadia de três em três annos hão de render perto de desasete mil reis em tojo e mais nam disse deste [item].

E ao segundo depôs que as ditas tapadas sam bens libres e dizimas a D.s, nam estám litigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado, e menos dellas se paga fôro nem penssám alguma e mais não depôz deste [item].

E ao terceiro depôs que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo nem Coloyo algum, ajnda que delle nam há títolos mais do que a

escritura q. os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem notório e mais nam depôs e assignou com o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevy, Silva, An.to Carn.o da Cruz.

Francisco Álvares Xavier, lavrador e morador neste lugar de Nadais, depoente, de idade que disse ser de quarenta e dous annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos santos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade.

E preguntado elle depoente pello Contheúdo no pri /**folha 31** primeiro jtem justificativo, jnserto na comissám junta, disse que hé sem dúvida o estar a capela, que se pertende erigir no seu lugar [de Nadais], de posse das tapadas dottadas, sitas huma no outeiral de fora, deste mesmo lugar, e outra no monte de Mozinhos, as quoais confrontam na forma expressada na mesma Comissám, e ambam (sic) valem muito bem Cento e dés ou Cento e doze mil reis, por que [=porque] de cada apanhadia, que hé de três em três annos, ham de render perto de desasete mil reis em tojo e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dízimos a Deos, nam estám litigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado, e menos dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais deste nam depôs.

E do terceiro disse que este dotte nam perjudica a pessoa alguma e menos aos filhos dos dotadores e foi feito sem dollo ou coloyo algum, [a]jnda que delles nam há livros mais do que a escritura que os dottadores fizeram para o presente dotte, porém, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem notório e mais nam depôs e assignou com o Reverendo Comissário este seu depoimento, eu o Padre Joze da Costa escrivám que o escrevj, Silva, Fr.co Xavier.

Josefa Rodrigues, mulher de Francisco Álvares Xavier, deste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de quarenta annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade.

[E preguntada ella depoente] pello Contheúdo no / **folha 32** no primeiro jtem justificativo, inserto na Comissám junta, disse que hé serto estar a capella, que se pertende erigir, de posse das tapadas dotadas, sitas huma no outeiral de fora e a outra no monte de Mozinhos deste mesmo lugar, as quoais Confrontam na forma que a mesma Comissám declara, e ouve dizer a seu marido que ellas vallem mais de Cento e dés mil reis, porque de cada talhadia de mato, que hé de três em três annos, ham de render desaseis ou desasete mil reis e mais nam depôs deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas são bens libres e dizimos a Deos, nam estám litigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem anexas a outra Capella ou morgado, e menos dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais nam depôs deste [item].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos aos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo ou Coloyo algum, ainda que delles nam há título mais que a escritura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem sabido e mais nam depôs e, por ser mulher, pedio ao Reverendo Comissário que por ella assignasse este seu depoimento, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevy, Manoel Roíz da Silva.

Manoel Dias dos Santos, lavrador e morador neste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de trinta e oito annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dezer (sic) verdade.

E /**folha 33** e preguntado elle depoente pello Contheúdo nos jtens justificativos, jnsertos na Comissám junta, disse ao primeiro disse (sic) que hé sem dúvida estar a fábrica da Capella, que se pertende erigir neste lugar, de posse das duas tapadas, sitas huma no sítio do Outeiral de fora e outra no monte de Mozinhos, tudo neste lugar, as quoais Confrontam na forma declarada na Comissám, que,

ao parecer delle depoente, vallem mais de cento e dés ou quinze mil reis, por quanto [=porquanto] de cada talhadia de mato de três em três annos ham de render perto de desasete mil reis em tojo e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dizimas a Deos, nam estám litigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipothecas nem annexas a outra Capella ou morgado e menos dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que que este dotte nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo nem Coloyo algum, ajnda que delle nam há titolos mais do que a escritura que os dotadores fizeram para o presente dotte, e que, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem público e mais nam disse e assignou com o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Sjlva, M.el Dias dos Santos.

Thereza Rodrigues, mulher de Manoel Dias dos Santos, deste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de trinta e sete annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu **/folha 34** deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade.

E perguntada ella depoente pello Contheúdo nos artigos justificativos, incertos [=insertos] na comissám junta, disse ao primeiro que hé serto estar a fábrica da Capella, que se pertende erigir, de posse das duas tapadas dottadas, huma sita no outeiral de fora e outra no monte de Mozinhos, as quoais confrontam na forma que se declara na Comissám, e, como ella testemunha hé mulher, nam sabe com serteza o q. valem, mas ouve dizer a seu marido que valem por sima de Cento e dés mil reis, porque de cada talhadia de mato, que hé de três em três annos, ham de render nelle (sic) perto de desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E ao segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dízimos a Deos, nam estám letigiozas nem annexas a outra Capella ou morgado, e menos dellas se paga fôro nem penssám alguma e mais não disse deste [item].

E ao terceiro depôs que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo nem Coloyo algum, inda que delle nam há títolos mais do que a escriptura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porq. [=porque], antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha Como hé bem notório, e mais não disse e, por ser mulher e nam saber escrever, pedio ao Reverendo Comissário que por ella assignasse este seu depoimento, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Manoel Roiz da Sylva.

Joam Pereira, lavrador e morador neste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de quarenta annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu **/folha 35** deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debayxo do qual prometeo dizer verdade.

E preguntando elle testemunha pello Contheúdo nos artigos justificativos, insertos na Comissám junta, ao primeiro disse que hé serto e sem dúvida o estar a fábrica da Capella, que pertende erigirsse, de posse das duas tapadas dotadas, sitas huma no outeiral de fora e outra no monte de Mozinhos, as quoais Confrontam na forma expressada na mesma Comissão e ambas valem muito bem Cento e dés mil reis pouco mais ou menos, porque de Cada talhadia, de três em três annos, ham de render em tojo perto de desesete mil reis e mais não disse.

E do segundo depôs que as ditas tapadas sam bens libres e dízimas a Deos, nam estám litigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem anexas a outra Capella ou morgado e menos dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [artigo].

E ao terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem Coloyo nem dollo algum, inda que delle nam há títolos mais q. a escriptura que os dotadores fizeram para o prezente dote, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha Como hé bem notório e mais nam depôs e assignou com o Reverendo Comissário,

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevy, Silva, Joam + Pereira.

Maria Thereza, mulher de Joam Pereira deste lugar de Nadais, depoente, de idade que disse ser de quarenta e três annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debajxo do qual prometeo dizer verdade.

E perguntada ella testimunha pello Contheúdo nos jtens justificativos incertos [=insertos] na Comiçám junta, disse q. hé serto / **folha 36** serto estar a fábrica da Capella, que se pertende erigir, de posse das tapadas dotadas, sitas huma no outeiral de fora, outra no monte de Mozinhos deste lugar, as quoais Confrontam na forma que a mesma comiçám declara, e ouve dizer que ellas valem mais de Cento e dés mil reis, porque de Cada talhadia de mato, que hé de três em três annos, ham de render mais de desaseis ou desasete mil reis de tojo e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dizimos a Deos, nam estám letigiozas nem obrigadas a dividas, fianças ou hipothecas nem annexas a outra Capella ou morgado e menos dellas se paga fôro ou pensám alguma e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que este dotte nam perjudica a pessoa alguma, e menos aos filhos dos dotadores, e que foi feito sem dollo ou Coloyo algum, ainda que delles nam há títolo mais que a escritura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem público e mais não disse deste e, por ser mulher, pedio ao Reverendo Comissário que por ella assignasse este seu depoimento, eu Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Manoel Roiz da Sylva.

Jozé Francisco, solteiro, filho que ficou de Jozé Ferreira, lavrador e morador neste lugar de Nadais, da freguezia de Escapais, testemunha, de idade que disse ser de vinte e sinco annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer virdade.

E preguntado elle depoente pellos itens justi / **folha 37** justificativos, jncertos [=insertos] na carta de Comiçám junta, ao primeiro disse que a capella, que se pertende erigir neste lugar, está de posse das propriedades dotadas, sitas huma no outejral de fora, outra no monte de Mozinhos deste mesmo lugar, as quoais confrôntão na forma que na mesma Comissám se declara e que bem valem Cento e doze mil reis, porq. de Cada talhadia de mato de três em três annos ham de render desaseis ou desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dízimas a Deos nem estám litigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem anexas a outra Capella ou morgado, e menos dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e que foi feito sem dollo nem Coloyo algum, ajnda que delles nam há títolo mais que a scritura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem notório e mais nam disse e assinou este seu depoimento com o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Manoel Roiz da Sylva.

António Gomes Aranha, lavrador e carpinteiro e morador neste lugar de Nadais, depoente, de idade que disse ser de sincoenta e sinco annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E preguntado elle testemunha pello Contheúdo /**folha 38** contheúdo nos itens justificativos, insertos na comissám junta, disse que era sem dúvida o estar a capella, que se pertende erigir, de posse das propriedades dotadas, sitas huma no outeiral de fora e outra no monte de Mozinhos, tudo neste lugar, as quoais Confrontam na forma que na mesma Comissám se declara, e que valem melhor de Cento e doze ou quinze mil reis, porque de Cada talhadia de mato, que hé de três em três annos, ham de render desaseis ou desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que este dote nam perjudica

a pessoa, digo, disse que as ditas tapadas sam bens libres e dizimas a Deos, e que não estám letigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado, e menos dellas se paga fôro ou pennssám alguma e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e que foi feito sem dollo ou Coloyo algum, ajnda que delles nam há título mais que a escritura que os dotadores fizeram para o presente dote, porque, antes de se fazererem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem sabido e mais nam depôs e assignou com o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Sylva, An.to Gomes Aranha.

Maria Francisca, mulher de António Gomes Aranha, deste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disser ser de quarenta e nove annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeo dizer verdade **/folha 39**.

E preguntada ella depoente pello Contheúdo nos itens justificativos, incertos [=insertos] na Comiçám junta, disse ao primeiro que a capella, que se pertende erigir, está de posse das tapadas dotadas, sitas huma no outeiral de fora, outra no monte de Mozinhos, as quoais confronta[m] na forma que na mesma Comissám se declara, e ouve dizer que ellas valem mais de Cento e dés mil reis, porque de cada talhadia de mato, que se costuma fazer de três em três annos, ham de render desaseis ou desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dízimos a Deos, nam estám letigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado, e menos dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo nem Coloyo algum, ajnda que delles nam há título mais que a escriptura que os dotadores fizeram para o prezente dote, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem notório e mais nam disse e, por ser mulher, pedio ao Reverendo Conmissário que por ella assignasse este seu depoimento, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevy, Manoel Roíz da Sylva.

António Francisco, lavrador e morador neste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de quarenta e oito annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos Sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E preguntado elle depoente pello Contheúdo nos **/folha 40** nos itens justificativos, incertos [=insertos] na Comissám junta, disse ao primeiro que a Capella, que se pertende erigir, está de posse das propriedades dotadas, sitas huma no outeiral de fora, outra no monte de Mozinhos, tudo neste lugar e freguezia, as coais confrontam na forma que na mesma Comissám se declara, e valem mais de Cento e dés mil reis, porque de cada talhadia de mato, que hé de três em três annos, ham de render desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dizimas a Deos, e nam estám letigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado nem dellas se paga fôro ou penção alguma e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo ou Coloyo algum, ajnda que dellas nem há título mais do as (sic) escritura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem público e mais nam disse e assignou com o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Silva, António + Fran.co.

Maria da Motta, mulher de António Francisco, deste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de quarenta e seis annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo

do qual prometeu dizer verdade.

E preguntada ella depoente pello Contheúdo nos itens justificativos, incertos [=insertos] na Comissám **/folha 41** comissám junta, ao primeiro disse que a Capella, q. se pertende erigir, está de posse das tapadas dotadas, sitas huma no outeiral de fora, outra no monte de Mozinhos, as Coais confrontam na forma que na mesma comissám se expressa, e ouvio dizer que ellas valem mais de Cento e doze mil reis, e de cada talhadia de mato, que se Costuma cortar de três em três annos, ham de render desaseis ou desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dízimos a Deos, nam estavam letigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado nem dellas se paga fôro ou pensão alguma e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores e foi feito sem dollo ou Coloyo algum, ainda que dellas nam há títollo mais que a escriptura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem notório e mais nam disse e, por ser mulher e nam saber escrever, pedio ao Reverendo Comissário que por ella assignasse este seu depoimento, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Manoel Roíz da Sylva.

Jsabel Francisca, viúva que ficou de Dionísio Correa, deste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de sesenta annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o Juramento dos sanctos Evangelhos , debaixo do qual prometeo dizer verdade.

E preguntada ella depoente pello Contheúdo nos artigos justificativos, incertos [=insertos] na co **/folha 42** comiçám junta, ao primeiro disse que a Capella, q. se pertende erigir, está de posse das tapadas dotadas, sitas huma no outeiral de fora, outra no monte de Mozinhos, as quoais Confrôntão na forma que na mesma Comiçám se declara, e ouve dizer que ellas vallem mais de Cento e quinze mil reis, porque de cada talhadia de mato, que se fás de três em três annos, ham de render ambas desasete mil reis e mais nam disse deste [item].

E do segundo disse que as ditas tapadas são bens libres, dízimos a Deos nem estám letigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado e menos dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [item].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo nem Coloyo algum, inda que delle nam há título mais do que a escritura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha Como hé bem público e mais nam disse deste [item] e, por ser mulher e não saber escrever, pedio ao Reverendo Comissário que por ella assignasse este seu depoim.to [=depoimento], eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Manoel Roíz da Sylva.

Aos sete dias do mês de Mayo do anno de mil e setecentos e sincoenta e sete neste lugar de Nadais e nas cazas de morada do Reverendo Manoel Carneiro da Crus, da freguezia de Escapais, onde eu escrivám fui vindo, ahí por elle commigo foram tirados os depoimentos dos dotadores de que fis este termo, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj. **/ folha 43**.

## Depoimentos de alguns dos dotadores

Pedro de Paiva, viúvo, lavrador e morador neste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de sesenta e dous annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E preguntado elle depoente pello Contheúdo nos artigos justificativos, insertos na Comissám junta, disse que a capella, que se pretende erigir, está de posse das tapadas dotadas, sitas huma no outejral de fora, outra no monte de Mozinhos, as quais Con-

frontam na forma que na mesma Comissám se declara, e que valem Cento e doze ou quinze mil reis, porque de cada talhadia de mato, q. Costúmão Cortarsse de três em três annos, ham de render dezaseis ou dezasete mil reis e mais nam disse deste [artigo].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres, dizimas a Deos, nam estám letigiozas, nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado nem dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [artigo].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores e foi feito sem dollo nem Coloyo algum, ajnda que delle nam há título mais do que a escriptura que fizeram os ditos dotadores para o prezente dote, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha Como hé bem notório, e mais nam disse e assignou com o Reverendo Comissário este seu depoimento, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Sylva, Pedro + de Pajva.

André de Pajva, lavrador e morador neste lu **/folha 44** Lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de vinte e três annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o Juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E preguntado elle testemunha pello Contheúdo nos artigos justificativos, jncertos [=insertos] na Comiçám junta, disse ao primeiro que a capella, que se pretende erigir neste lugar, está de posse de duas tapadas, sitas nelle mesmo, huma no outejral de fora, outra no monte de mozinhos, e que valem milhor de Cento a quatorze ou quinze mil reis, porque de cada talhadia de mato, que hé de três em três annos, ha[m] de render desasete mil reis e mais nam disse deste [artigo].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres, dizimos a Deos, e que nam estão letigiozas nem obrigadas a dividas ou fianças nem hipotecadas nem annexas a outra Capella ou morgado, nem della[s] se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [artigo].

E do terceiro disse que este dotte nam perjudica a pessoa alguma e menos as Legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo nem Coloyo algum. ajnda que dellas nam há título mais do que a escritura que os dotadores fizeram para o presente dote, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha Como hé bem público e notório, e mais nam disse e assignou com o Reverendo Comissário este seu depoimento, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Sylva, André de Paiva.

Costódia Maria, mulher de André de Pajva, moradora neste lugar de Nadais da freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de vinte annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos **/folha 45** dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E preguntada ella depoente pello primeiro artigo justificativo dos incertos [=insertos] na Comiçám junta, disse q. a Capella, que se pertende erigir neste lugar, está de posse de duas tapadas que nelle se fizeram, huma chamada do outeiral de fora, outra no monte de Mozinhos e, por ser mulher, nam sabe ao serto o q. valem, mas ouve dizer Comummente, valem mais de Cento e quinze mil reis, por quanto [=porquanto] de cada talhadia de tojo, que se Costuma fazer de três em três annos, ha[m] de render desasete ou des outo [=dezoito] mil reis pouco mais ou menos e mais nam disse deste [artigo].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres, dizimos a Deos nem estám litigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem anexas a outra Capella ou morgado, nem dellas se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [artigo].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e que fora feito sem dollo nem Coloyo algum, ajnda que dellas não há titolo mais do que a escriptura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem notório e, por ser mulher e nam saber escrever, assinou por ella o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Manoel Roíz da Sylva.

Manoel Correa, viúvo, lavrador e morador neste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

idade que disse ser de sesenta annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

[E preguntado elle depoente] pellos artigos justi **/folha 46** justificativos, jncertos [=insertos] na carta de Comissám, ao primejro disse que a Capella, que se pertende erigir neste lugar, está de posse de duas tapadas sitas nelle, huma no oiteiral de fora e outra no monte de Mozinhos, as Coais Confrontam na forma que na mesma Comissám se declara, e que bem valem melhor de Cento e quinze mil reis, porque de cada talhadia de mato, que hé de três em três annos, ham de render desaseis ou desasete mil reis e mais nam disse deste [artigo].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dizimos a Deos, nem estám letigiozas nem obrigadas a dividas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado, nem dellas se paga fôro ou penção alguma e mais nam disse deste [artigo].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pesoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e que foi feito sem dollo ou Coloyo algum, ajnda que delles nam há título algum mais do que a escritura que os dotadores fizeram para o dito dote, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem sabido, e mais nam disse e assignou este seu depoim.to com o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Silva, Manoel + Corrª [=Correa].

Manoel de olivejra, lavrador e morador neste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de sincoenta annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E perguntado elle depoente pello Contheúdo nos artigos justificativos, incertos [=insertos] na Carta de Co **/folha 47** Comissám junta, ao primeiro disse que a Capella, q. se pertende erigir, está de posse de duas tapadas sitas neste mesmo lugar, huma no outeiral de fora, outra no monte de Mozinhos, as quoais Confrontam como se expressa na Comissám, e valem Cento e quinze mil reis pouco mais ou menos, porque em cada talhadia do mato, que se fás de três em três annos, há[m] de render desasete mil reis pouco mais ou menos e mais nam disse deste [artigo].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres, dizimos a Deos e nam estám litigiozas, nem obrigadas a dividas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado nem dellas se paga foro ou penção alguma e mais nam disse [artigo].

E do terceiro disse que este dote não perjudica a pessoa alguma, e menos as legítimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo nem Coloyo algum, ajnda que delles nam há título mais do que a escritura que os dotadores fizeram para o presente dotte, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha como hé bem notório e mais não depôs e assignou com o Reverendo Comissário este seu depoimento, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Sylva , Manoel + de olivejra.

Ângela Dias ferreira [=Ferreira], mulher de Manoel de Oliveyra, deste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de quarenta e sinco annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E preguntada ella testemunha pello Contheúdo nos artigos justificativos, incertos [=insertos] na Comissám junta, disse ao primeiro que a capella, que se pertende erigir, se acha de posse **/folha 48** de posse de duas tapadas sitas neste lugar, huma no oiteiral de fora e outra no monte de Mozinhos, as quoais confrontam como na comissám se declara, e, como mulher, nam sabe o que valem, sim ouve dizer a seu marido e outras pessoas [que] valem Cento e quinze mil reis e que renderám de cada talhadia desasete mil reis, a qual talhadia hé de três em três annos e mais nam disse deste [artigo].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres, dízimas a Deos e nam estám letigiozas nem obrigadas a hipotecas ou fianças nem anexas a outra capella ou morgado nem dellas se paga fôro ou penssão alguma e mais nam disse deste [artigo].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a

pessoa alguma, e menos as legitimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo algum nem Coloyo, ajnda que delles nam há título mais do que a escritura que os dotadores fizeram para o dito dote, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha Como hé bem notório e mais nam disse, e, por ser mulher, assignou por ella o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Manoel Roíz da Sylva.

Domingos de Bastos, lavrador e morador neste lugar de Nadais da freguezia de Escapais, depoente, de idade que disse ser de quarenta annos pouco mais ou menos, a quem o Reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E preguntado elle depoente pello Contheúdo nos artigos justificativos, jnsertos na Co /**folha 49** / Comissám junta, ao primeiro disse que a capella, que neste lugar se pertende erigir, está de posse de duas tapadas, que Confrontam na forma q. declara a Comissám, as Coais estám sitas neste mesmo lugar, huma chamada o outeiral de fora e outra o monte de Mozinhos, as coais na estimação delle depoente valem Cento e quinze mil reis e, em mato que dellas se há de vender em Cada três annos, hám de render desaseis ou desasete mil reis e mais nam disse deste [artigo].

E do segundo disse que as ditas tapadas sam bens libres e dizimos a Deos, nam estám letigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas nem annexas a outra Capella ou morgado, e menos della[s] se paga fôro ou penssám alguma e mais nam disse deste [artigo].

E do terceiro disse que este dotte não perjudica a pessoa alguna, e menos as legitimas dos filhos dos dotadores, e foi feito sem dollo nem Coloyo algum, ajnda q. dellas nam há título mais que a escritura q. os dotadores fizeram para o presente dote, porq., antes de fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninha Como hé público e mais nam disse e assignou com o Reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Sylva, Domingos + de Bastos.

Caetanna Gomes, mulher de Domingos de Bastos, deste lugar de Nadais, freguezia de Escapais, Depoente, de idade que disse ser de trinta annos poucos mais ou menos, a q.$^{m}$ [=quem] o reverendo Comissário deu o juramento dos sanctos Evangelhos, debaixo do qual prometeu dizer verdade.

E preguntada ella depoente pello Contheúdo / **folha 50** /Contheúdo nos artigos justificativos, jncertos [=insertos] na Carta de Comiçám junta, ao primeiro disse que a capella, que se pertende erigir neste lugar, está de posse de duas tapadas que confrôntão como se declara na Comissám ou scriptura, e, como ella testemunha hé mulher, não sabe o q. valem, sim que sam muito grandes e ouve dizer [que] vallem perto de Cento e quinze mil reis e que renderám de cada talhadia de mato, q. hé de três em três annos, desasete ou desouto mil reis e mais nam disse deste [artigo].

E do segundo disse que as ditas tapadas são bem libres, dizimos a Deos nem estám letigiozas nem obrigadas a dívidas, fianças ou hipotecas, e menos dellas se paga fôro ou pençám alguma e mais nam disse deste [artigo].

E do terceiro disse que este dote nam perjudica a pessoa alguma, e menos as legitimas dos filhos dos dotadores, e que foi feito sem dollo nem Coloyo algum, inda que dellas não há título mais do que a escritura que fizeram os dotadores para o prezente dote, porque, antes de se fazerem as ditas tapadas, era a terra dellas maninhas (sic) Como é bem público, e mais nam disse e, por ser mulher, assignou por ella o reverendo Comissário, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Manoel Roíz da Silva. /**folha 51**.

### Termo de Juramento dado aos louvados

E logo no dito dia e occaziám mandou o Reverendo Comissário vir à sua presença a António Ferreira e Thomáz de sousa Machado, ambos lavradores e moradores no lugar de Nadais de Além, por ter noticia de que eram peritos e inteligentes na matéria de louvaçois e a cada hum delles deu o juramento dos sanctos Evangelhos em que ambos puzeram suas

mãos direitas e debaixo delle lhes encarregou [que] fossem ver as tapadas, mensionadas na Comiçám junta, com elle Reverendo Comissário, e que ao dipois dessem sua detreminaçám tanto do seu valor como do Rendimento annual, o que assim prometeram fazer debaixo do mesmo juramento, de que o Reverendo Comissário me mandou fazer este termo que ambos assignaram e eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Thomás + da S.ª[=Sousa] Machado, António Frr.ª.

E logo o Reverendo Comissário com os mesmos louvados foram ver tanto a tapada do outeiral de sima, digo, do outeiral de fora Como a que está sita no monte de Mozinhos e, examinando-as os mesmos louvados m.to bem, ao dipois disso disseram que davam sua detreminação na forma e maneira seguinte: que a tapada do outeiral de fora valia, pella commua e geral estimação **/folha 52** /Estimação, attendendo ao bom modo com que se acha reparada a tapada e em termos de embastecer mais o tojo della para os annos futuros, quarenta mil reis 040$000, porq. de três em três annos darão de cada talhadia sesenta carros de tojo, Cada hum dos quoais Costumam nesta terra valer a seis vinténs, tostám, e quatro vintéis (sic), e por isso, attendendo ao presso médio o avaluavam a tostám cada carro e vinha a ser o Rendimento annual dous mil reis 2$000.

E que a outra tapada do monte de Mozinhos valia, pella sua geral e Commua estimação, attendêndosse ao estado em que está, e em termos de se conservar tapada para o futuro, em setenta mil reis 070$000, pella rezám de que produzirá de cada talhadia, de três em três annos, huns por outros, Cento e sinco carros, tudo de mato, os quoais, avaluados na forma assima, emportam dés mil e quinhentos reis e, repartidos estes pellos mesmos três annos, vem a tocar a cada hum três mil e quinhentos reis e o ser [o] Rendimento annual da dita tapada três mil e quinhentos .....003$500

Valor de ambas as tapadas Cento e des mil reis ..... 110$000

E o rendim.to annual libre sinco mil e quinhentos reis ..... 005$500

E que nesta forma haviam por dada sua detreminação conforme entendiam em suas Conciências debaixo do juramento que tomado tinham, de que o Reverendo Comissário me mandou fazer este termo que ambos com elle assignaram, eu o Padre Jozé da Costa escrivám que o escrevj, Thomás + de S.ª Machado, Sylva, António Frr.ª. **/folha 53**.

E tiradas assim as ditas testemunhas, depoim.tos dos dotadores, e detreminação dos louvados, ouve elle Reverendo Comissário esta jnquiriçám por acabada, de que me mandou fazer este termo de enserramento que ambos assignamos, eu o P.e Jozé da Costa.

Certifico eu Manoel Roiz da Silva, Abb.e Coadjutor da frg.ª de S. Mamede de Guizande na Com.ca da Fr.ª, q. além da judicial inquirição de testem.as, q. remetto, me informei extrajudicialm.te a respt.º [=respeito] do q. as m.mas [mesmas] jurárão, e do q. os louvados determinárão, e achei ser tudo o q. ellas declarárão, e estes a m.ma verd.e [=verdade], e assim o intendo pelo q. vi e examinei, sendo nr.º [=necessário] assim o affirmo *in verbo sacerdotis*.

Guizande, e de Mayo 10 de 1757
Manoel Roiz da Silva

| | |
|---|---|
| Salario | 450 [reis] |
| DC[=Desta Conta] | 36 [reis] |
| | 486 [reis] ». |

## Apêndice II

**Sermão na festa da Senhora das Necessidades a 19 de Junho de 1921**, pelo P.e José Inácio da Costa e Silva, de Pigeiros e na altura pároco de Caldas de S. Jorge (actualizamos a pontuação e conservamos a ortografia original):

/pag. 235: *Vinum non habe[n]t*
S. Joan.2.3

Cristãos: Dis-nos o Evangelho que Jesus começou a sua vida pública com o chamamento d'alguns homens para o acompanharem. Passados uns dias, foram eles tomar parte n'umas bodas de casamento. E foi também Nossa Senhora. Em certa altura, faltou o vinho. E os noivos muito embaraçados! Jesus fez que não deu pela falta mas a sua mãe , que a notara, disse-lhe ao ouvido: eles não têm vinho! E ele respondeu: que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora. Sem desanimar, disse ela aos serventes: Fazei o que Ele vos disser. E o que ele disse foi que enchessem de água algumas talhas. E, depois de cheias, mandou que bebessem. E já não era água mas um excelente vinho, melhor que o que ti- /pag. 236 / nham bebido até ali.

É esta uma tocante narrativa, cheia de simplicidade e de beleza, Nas suas poucas palavras, quantas cousas nos diz! Primeiramente a divina instituição do matrimónio e quanto este é do seu agrado, pois assistiu a umas bodas. Em segundo lugar: Ele quiz que assistissem também sua mãe e os seus primeiros apóstolos. Em terceiro lugar: Ele quiz principiar com um milagre a sua vida pública. Em quarto lugar: Ele quis fazer esse milagre a pedido de sua mãe.

Quantos ensinamentos importantes que eu poderia aqui explicar!. Mas hoje, a [cousa] que me interessa é a última. Porque eu vim aqui para fazer o sermão da Senhora das Necessidades. Festa antiga e de muito renome, à qual costumava vir gente de perto e de longe. Também aqui vim várias vezes nos anos da minha adole(s)cência. E todo me divertia n'esta suave encosta, cheia de gente e de conversas. Depois passaram-se anos sem eu cá tornar. Alcancei ser padre e pregador.

E há poucas semanas tive um convite para vir aqui pregar. Fiquei muito /pag. 237 satisfeito. Aceitei. Vim. E aqui me tendes.

Tenho feito muitos sermões de N.ª Senhora, com diversos títulos que ela tem - Lembro-me ter pregado da S.ª da Boa Fortuna, da S.ª do Carmo, da S.ª da Saúde, da S.ª do Rozário, da S.ª da Guia, da S.ª da Soledade, da S.ª dos Remédios, da S.ª da Conceição, da S.ª do Amparo, da S.ª das Dores, da S.ª da Livração, da S.ª de Lurdes, S.ª do Perpétuo Socorro, ... Mas da S.ª das Necessidades.... é o primeiro que eu faço.

Que texto escolher para ele? - Percorrendo algu-

"Nesta foto, datada de 1964 a capela N.ª S.ª das Necessidades, apresenta a fachada principal diferente da actual, sendo visíveis a escada metálica e o antigo campanário, cujas pedras foram, mais tarde, aproveitadas para a base de um dos elementos decorativos/religiosos existentes no largo..."

*(Fotografia publicada no jornal "Correio da Feira" de 13-3-1998). Ainda se vêem as escadas de acesso à capela (agora desviadas mais para Norte).*

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

mas páginas da Sagrada Escritura, encontrei estas palavras, que eu achei as mais adequadas a este título de N.ª Senh.ª. Sim: foi ao conhecer uma necessidade, que ela recorreu a seu Divino Filho, sendo atendida. E isto nos dá a confiança de que o mesmo acontecerá a nós em iguais circunstâncias. E encontrei assim o assunto do meu sermão. Como há duas espécies de necessidades, falarei:

Na 1.ª parte: das necessidades materiais;

Na 2.ª parte: das necessidades espirituais.

Implorando a protecção da Virgem e a vosa atenção e benevolência, vou principiar: /pag. 238

## 1 ª parte

Cristãos: vou começar pelos primórdios da humanidade.

Diz-nos a Sagrada Escritura que Deus criou o primeiro homem e a primeira mulher. Juntou-os com os laços do matrimónio e colocou-os n'um paraízo de delícias. Ali podiam colher e comer os fructos de todas as árvores, menos os da árvore da sciência do bem e do mal. Se os comessem, ficariam sugeitos à morte.

Tentada pela serpente, Eva prevaricou e, tentado pela mulher, Adão pecou também. E logo se ouviu a voz de Deus a pedir contas e a trovejar o castigo. Eva, a primeira a pecar, foi a primeira sentenciada: "Dar-te-hei filhos e tê-los-hás com dores e ficarás sob o domínio do teu marido." Depois o homem. "Terás de comer com o suor do teu rosto até voltares à terra d'onde vieste, porque tu és terra e em terra te hás-de tornar!".

E os nossos pais foram logo expulsos do Paraíso para os trabalhos da terra.

Tal foi a culpa original e tais foram os castigos, /pag. 239 culpa e castigos do que nós fomos herdeiros. Também nós temos de trabalhar para comermos. Deante de nós estão essas duas grandes fontes da alimentação, que são a terra e o mar. Mas que trabalhos e que pertinácia não são precisas para que acudam a elas esses alimentos! Vós, na maioria gente de lavoura, sabeis melhor do que eu o que custa extrair da terra o pão e os outros géneros necessários à vida: lavrar, semear, sachar, regar, mondar, cortar, esfolhar, malhar, secar, moer, coser...que série de trabalhos indispensáveis para que o pão e tudo o mais apareçam nas nossas mezas! E se fosse só isto, só os trabalhos e os cuidados, a vida do agricultor seria talvez um entretimento. Mas o peor são as contrariedades, são os obstáculos à germinação, ao desenvolvimento e à maturação dos fructos. São os bichos que devoram as plantas mal nascidas, são as longas estiagens e as faltas de água para as regar, são doenças e outros contratempos. E tudo isto anula em grande parte as canceiras e os gastos do lavrador. Quantos annos em que ele dispende e trabalha durante o verão e se vê no fim com um S. Mi /pag. 240 guel escasso?

E nas lutas do mar: que riscos e decepção! Quantas sahídas sem resultado! Quantas redes cheias de peixe e que se perdem em naufrágios e outros desastres! Quantas lutas com a braveza do mar, à vista das famílias e amigos, que desesperam e gritam, sem poderem prestar socorro! Mas o ganha-pão, a luta pela subsistência são assim trabalhosos e sugeitos a revezes e contratempos, que o lavrador não pode evitar. Como há-de ele remediar as funestas consequências das prolongadas estiagens?! e ter mão, suspender as intermináveis chuvas?! Só um meio lhe resta: o socorro do céu! E no mar? Quando o temporal é bravo e, apesar de todos os esforços, o barco vai a afundar-se, quem há-de valer aos extenuados tripolantes? - Só o socorro do céu!

Quando, alta noite, se ateia o fogo n'uma casa, com os donos a dormir, e ganha força e alastra cada vez mais apesar dos exforços de todos os que acudiram e ameaça reduzir a cinzas toda a habitação e o seu recheio, deixando na miséria aquela família, para quem se há-de voltar ela?

- Para o socorro do Céu! /pag. 241

Adoece um chefe de família, empregam-se todos os meios humanos para debelarem a doença mas ela não recua, antes progride cada vez mais, torna-se grave, gravíssima, ao ponto de os médicos perderem todas as esperanças... E perdê-las-há a família? Não! Se for religiosa e tiver fé, porque, para

ela, resta ainda: - o socorro do Céu!

Abençoada fé christã! E felizes os que têm fé e a não deixam perder, nem sequer enfraquecer, porque, nas mais gravissimas crises, têm sempre a que se atenham, a quem se apeguem, enquanto que os incrédulos, exgotados os meios humanos, nada mais têm a esperar nem n'esta nem em outra vida.

Fui testemunha destes bens sucedidos apelos para a misericórdia de Deus, ora directamente feitos a Ele, ora pela intercessão dos seus santos, sobretudo da Santíssima Virgem, porque, como já vos disse, tenho feito centenas de sermões e, entre eles, muitos chamados de promessa. Quando me vinham convidar para estes, tinha o costume de me informar /pag. 242 do santo e do motivo da promessa. Quasi sempre eram de Nª Senhora. E ouvia, então, narrações curiosas e comoventes, que certificavam a fé do povo das nossas aldeias. Apareceu-me um homem, já idoso, a encomendar-me um sermão a Nª Senhª. Estivera às portas da morte. Mas não queria morrer e fez a promessa e sarou. E agora quero isto feito o mais depressa que poder [=puder]. E um sermão que faça chorar. Porque se ela não me acode, ... E os soluços embargaram-lhe [=embargaram-lhe] a voz. E a soluçar esteve ele também, emquanto eu depois no púlpito repetia a narração.

Uma mulher veio contar-me: o seu marido tivera de embarcar.

A princípio, cartas bonitas... Mas um dia chegou uma.... terrível! Fôra vítima d'um grande desastre... e estava n'um hospital. Jesus! O que eu rezei! E promete, se ele escapasse, um sermão à Senhora.... e escapou, graças a ela. Meu rico marido! E agora quero o sermão feito quanto antes. E fez-se. A pedido da mulher, instei muito com os meus ouvintes, para rezarem pelo marido. Pouco depois ele regressou mas tolhido das pernas, impossibilitado de trabalhos custosos. E lamentava-se. Mas ela: /pag. 243 Não te aflijas, homem! há-de sempre arranjar-se! O que queria era ter-te cá!

Outro caso. Uma rapariga, minha paroquiana, contraíra uma doença demorada. Nã[o] havia meios de recuperar a saúde. Um dia, em conversa, disse-me ela: tenho muito confiança em N.ª S.ª. Já me lembrou prometer-lhe um sermão, se sarasse. Mas não tenho dinheiro. Acudí logo, dizendo-lhe: promete, filha, promete e o dinheiro há-de aparecer! Melhorou, quiz logo o sermão. Mas recaiu, peor do que estava antes. Fui confortá-la e disse-lhe: minha filha, não percas a confiança! O Senhor pode tudo e quer que peçamos mas não podemos ter a certeza de sermos obtidos. E ela conformou-se. E nós também, cristãos, nos devemos conformar, quando as nossas súplicas não forem atendidas. É certo que Jesus recomendou muito o hábito da oração e prometeu-lhe eficácia mas só no que nos seja nessessário ou, ao menos, útil. E quantas coisas pedimos, que o não são? Lá disse Jesus, ao ouvir um pedido tolo: non scitis quid petatis, não sabeis o que pedis. E o mesmo acontecerá às vezes connosco, quando pedimos bens /pag. 244 temporais. A saúde, a própria vida... quantas vezes nos serão funestas? E só Deus o sabe. E, ademais, a morte é certa e sabemos que não ficaremos aqui eternamente. O Evangelho também nos diz que Jesus quer que sejamos teimosos n'este ponto: pedir e tornar a pedir. Houve ocasiões em que Ele obrigou os suplicantes a repetir os seus rogos antes de os atender, para experimentar a sua fé, a sua perseverança. E é esta convicção firme que devemos ter, para não nos mostrarmos irritados com Deus.

Mais narrações de motivos de sermão de promessa, que eu fiz, podia aqui aprezentar mas os que lembrei, chegam para o meu intento, isto é, para certificar a grande confiança do nosso povo em N.ª S.ª. Honram-na e invocam-na com diversos títulos, como já vos disse mas, seja ele qual for, os pedidos que lhe fazem, é sempre para valer a necessidades. E assim é que este de «Senhora das Necessidades» é o mais próprio, o mais exacto. Quantas necessidades por esse mundo além! Elas aparecem quando menos pensam n'elas, às famílias, às paróquias e /pag. 245 às nações! É um incendio que ameaça devorar uma casa. É uma doença repentina que mobiliza os moradores da casa e até a visinhança para irem procurar os meios de salvação. É uma rez de gado que sofreu um desastre e à qual é urgente acudir. É a falta de águas de rega, que pode trazer a fome. É a falta de trabalho, que ameaça as subsistências; uma epede-

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

mia, que começa a grassar núma região e absorve os receios e cautelas de todos. É uma guerra que se desencadeia. É uma revolução que se põe nas ruas e paralisa o trânsito e o trabalho. São naufrágios, com perdas de fazendas e de vidas. São outros mil desastres com prejuízos e mortes. São as inúmeras dificuldades da vida económica. São discórdias domésticas, rixas entre visinhas e muitas outras necessidades de se pedir ajuda a quem a pode dar. Uns precisam de uma esmola; outros, d'um empréstimo; outros, d'uma ajuda n'um serviço urgente; outros, que lhes acudam n'uma aflição; outros, que os componham com algum visinho; outros, hum utensilio de lavoura, dos bois para lavrar um campo e d'uma apresada de água de rega. E muitos outros assim. **/pag. 246**

Necessidades há, porém, a que só Deus pode acudir e temos de recorrer a Ele, ou directamente ou por intermédio dos seus amigos, os santos, e da sua mãe. E é esta que está no 1.º lugar e aquela a quem o povo cristão mais invoca e mais promete, com[o] já vos disse. As suas festas são muito concorridas de fieis e, nos dias d'elas, as igrejas ou capelas viam-se de repletas de gente a cumprir promessas, rezando, dando voltas de joelhos e outras mortificações. Quando eu era rapaz, gostava muito de ir a estas festas, porque as havia aqui vizinhas: a S.ª dos Remédios em Romariz, a S.ª das Neves em Argoncilhe e a S.ª da Ajuda em Espinho, não falando d'esta, onde vinham romeiros de distantes terras e onde eu nunca faltava. E outras festas se faziam mais longe, onde eu nunca fui mas para onde iam romeiros da minha freguesia. E em todas elas, a mesma devoção à Virgem e o mesmo cumprimento de votos.

Mas, cristãos, devo dizer a verdade: estas festas não são unicamente romarias no sentido religioso: são-no também no sentido pagão. Ali vai gen- **/pag. 247** te para rezar e satisfazer promessas e outros só para se divertirem. Noitadas das festas de N.ª S.ª e dos herois da penitência, aproveitadas para arr[ai]ais, onde reina a folia, onde se dança, onde se namora, onde se satisfaz a gula e a luxúria, onde se apanham bebedeiras e se armam desordens. Que profanação! Que sacrilégio! É o diabo a meter-se nas coisas religiosas. A Igreja vê com dor esta paganisação das festas religiosas. E confio em que há-de soprar um vento de energia que prohiba aos padres tomarem parte em tais festas. E elas acabariam[1].

Mas, emquanto durar esta condescendência, vós, cristãos verdadeiros, afastai-vos d'elas. Ide cumprir as promessas em outros dias. E não deixeis também ir os vossos rapazes e as vossas filhas e criadas. Porque eu posso garantir-vos que esses arraiais são escolas de desmoralisação e que algumas raparigas deixaram ficar n'eles a sua honra e o seu crédito. **/pag. 248**

## 2ª parte

Mencionei os castigos infligidos por Deus aos nossos primeiros pais. Mas Deus castigou também a serpente, por ter tentado Eva, e disse-lhe: "criarei inimizades entre ti e ela. Tu procurarás mordê-la no calcanhar mas ela te há-de esmagar a cabeça":

Passagem esta muito importante, cristãos, e que em poucas linhas nos apresenta e nos explica os factos primaciais da nossa santa religião. A serpente é o espirito mau sahído do Inferno para tentar Eva e que a fez cahir, roubando-lhe o paraíso. A mulher, que há-de ser sua inimiga, lutar com ele e esmagar-lhe a cabeça, é uma descendente de Eva, predestinada para a vingar. Anuncian-na alguns authores de livros do Antigo Testamento. O psalmo 44 diz: "Assiste a rainha à tua direita, com vestido doirado". O livro dos Provérbios diz: "A sabedoria edificou para si uma casa". E todo um capitulo é dedicado a Ela: "Quem encontrará a mulher forte?". E faz d'ela uma descripsão admirável! E outra igual faz o Cântico dos Cânticos. E o mesmo no cap. 24 do Ecc.co **/pag. 249** O que, porém, com maior clareza a aprezenta é o profeta Isaías. Predize ele: "Deus deu-nos um signal: Uma virgem

[1] O caso verificar-se-ia numa forma bastante parecida com a célebre pastoral de D. Agostinho de Jesus e Sousa (bispo do Porto), datada de 25-03-1943.

conceberá e dará à luz um filho". E continua o mesmo: "sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz. E pousará sobre ela o espírito do Senhor". O mesmo: «Ó Ceus, derramai o vosso orvalho! Nuvens, chovei o justo! Terra, abre-te e brote o Salvador!». Jeremias diz: «O Senhor criou um novo prodígio sobre a terra: uma mulher dará à luz um varão perfeito». Salomão no Cântico dos Cânticos exclama:«Quem é esta que vai surgindo como a aurora nascente? Bela como a lua, radiante como o sol, terrível como um exército ordenado para a batalha?». E a mesma interrogação faríamos nós, se nos aparecesse aquela visão. Quem seria ela? E passaram-se anos.

Numa humilde casa de Nazareth viviam dois esposos: José e Maria. Ele, já idoso, e ela muito jovem e virgem. Um dia, entrou lá um jovem e saudou-a: «Ave, ó cheia de graça». Como ela se mostrasse surprehendida com tal saudação, ele explicou: «Não temas, Maria; achaste graça /pag. 250 deante do Senhor e por isso conceberás e darás à luz um filho que se chamará Jesus. Ele será grande, reinará na casa de Jacob e o seu reinado não terá fim». E como Ela, perturbada oposesse o seu voto de virgindade, o mensageiro socegou-a: «O espírito santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá. Porque a Ele nada é impossível». E assim socegada, Maria respondeu: «Eu sou escrava do Senhor, faça-se em mim como Ele manda».

E o verbo desceu ao seu ventre.

Depois deu-o à luz em Belém, criou-o, viveu com Ele 30 anos, acompanhou-o ao Calvário e recebeu d'Ele a missão de mãe dos homens. Aparecera, emfim, a mulher anunciada, que havia de ser a inimiga da serpente infernal, que enganara Eva, lutar com ela e esmagar-lhe a cabeça. Essa mulher foi Maria, que colaborou na expiação da culpa da primeira mulher, e ficou encarregada de cumprir conosco os deveres duma mãe. Ecce mater tua. E o principal d'esses deveres é ajudar-nos contra o inimigo das almas, que é o demónio. Sob a forma de serpente, tentou e fez pecar a nossa primeira mãe e, pelos séculos além, continuou na faina da inspirar crimes e de causar desgraças. Fala d'elas a Sagrada Escritura. O primeiro e horrível crime foi o de Caim, a quem ele levou, pela tentação da inveja, a matar o seu irmão Abel. E incorreu na terrível desgraça d'ele e da sua geração serem amaldiçoados por Deus!

Inspirados e dominados pelo demónio, os descendentes de Adão começaram a prevaricar e a sua malícia, a sua inclinação para o mal chegaram a tal ponto que Deus se arrependeu de haver criado o homem e resolveu exterminá-lo com um dilúvio, deixando aqui só a família de Noé, o único justo que havia na terra.

Outra obra do demónio: arrastou os habitantes de duas cidades para os pecados contra a natureza. Deus resolveu também exterminá-los. Fez sahir o único justo que ali residia e fez descer uma chuva de enxofre e de fogo, que destruiu as duas cidades e todos seus habitantes.

Mais dois pecados gravissimos devidos às suas tentações: David, rei do agrado do Senhor, cometeu um adultério /p. 252 e deu ordem para ser morto na guerra o marido da mulher. Logo se manifestou a indignação de Deus! Ele arrependeu-se, soluçando um «pec[c]avi». Mas foi severamente castigado.

Outra obra do demónio: a Matança dos Inocentes, ordenada por Heródes. Um dos mais graves crimes da história!

Satanás introu na alma de Judas com a tentação da ganância e ele entregou o seu Divino Mestre por trinta dinheiros. E que castigo o seu! O remorso e o enforcamento por si próprio.

Outro grande crime: o de Pilatos. O demónio incutiu-lhe na alma o medo e a cobardia. E entregou Jesus ao suplicio, estando convencido da sua inocência.

Mas eis que ele vai agora ter pela frente um inimigo poderoso e encarniçado. A batalha predita no Génesis entre ele e uma mulher vai principiar. Após a sua peregrinação na terra, Maria é assumida ao ceu. Leva para lá a sua missão de mãe /pag. 253 e todos os poderes para bem os cumprir. À tarefa do demónio, que consistia toda em perder as almas, ela vai opor a tarefa de as salvar. E com que empenho e tenacidade o vai fazer! Vós sabeis que, quando uma mãe se torna mais furiosa e brava, é quando lhe

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

atacam os filhos para os devorarem. Que luta aquela! Uma porfia obstinada!

Ele a arrastar para o inferno e ela a elevar para o Céu. Ele [a] afastar da religião e ela a torná-la atrahente e amada. Ele a seduzir para o vício e ela para a virtude. Ele a puxar para a satisfação dos apetites carnais e ela para a penitência. Ele a despertar o orgulho e ela  a humildade. Ele, o gosto da vingança e ela a nobreza do perdão. Ele sempre a tentar para o mal e ela sempre a desfazer essas tentações. Continua a porfia da luta!

No livro em que faço o mez de Maria contam-se algumas das suas intervenções em favor dos pecadores. Ei-las: Uma Senhora tinha um marido bom e afectuoso mas afastado de coisas religiosas. Num mez de Maio fez um altarzinho e punha-lhe flores. Viu com prazer que o marido lhe trazia raminhos para esse fim. **/pag. 254** D'ahi a pouco, teve morte súbita. A mulher estava inconsolável. Mas teve uma revelação: na hora da morte, ele arrependera-se e estava no Purgatório,  graças às flores que dera a Maria.

Um protestante, n'um hospital, era tratado por uma religiosa. Prohibira-lhe falar em religião. Mas ele rezava à[s] ocultas. E tanto rezou que o doente foi-se transformando, com muita fé na Senhora dos Pecadores. Depois veio um padre e recebeu os sacramentos.

Um jovem era de costumes desordenados mas resava o seu  rosário todos os dias. Na última hora, pediu um padre, confessou-se e reparou, todas as injustiças cometidas. A Senhora salvara-o já prestes a cair no inferno.

Um rapaz piedoso perdeu-se com as más companhias. Mais tarde entisicou. Sua mãe procurou reconciliá-lo com Deus. Debalde. Teve então a lembrança de pedir-lhe que rezasse a jaculatória que ele rezava n'outro tempo. Rezou-a com a mesma devoção: «Ó Maria concebida sem pecado...» e sentiu-se convertido...

Um pobre rapaz perdera a Fé. Adoecendo, não queria confessar-se. Um seu amigo truxe-lhe uma i-**/pag. 255** magem da Virgem. Examinou-a. Leu: «Maria, Esperança dos desesperados». Suspirou e gemeu: «Quem mais desesperado do que eu?!». En[tão] invocou Maria, chorando. Depois um padre e os sacramentos...

Uma senhora piedosa ofereceu uma medalha a uma jovem mundana. "Para que me serve isto?". Mas, por delicadeza, pô-la ao pescoço. Passados dias, veio dizer-lhe: «Sinto-me inquieta e preocupada com a ideia de me converter. Leva-me ao teu confessor». E foi e confessou-se e comungou.

Um rapaz, educado na religião, deixara-a por completo. Adoecera, peorara e estava moribundo. Uma sua irmã, muito piedosa, exforçava-se para ele se voltar para Deus... mas debalde. Ela então, ao ver que o caso urgia, tirou o seu escapulário e lançou-lho ao pescoço... Milagre! O doente suspirou profundamente e abraçou o escapulário, apertando-o sobre o coração. Em seguida, invocou Maria, pediu um sacerdote, recebeu a absolvição e o Sagrado Viático ... e morreu poucas horas depois. Era tempo.

E mais casos verídicos poderia aprezentar pa- / **pag. 256** ra confirmar-vos o que já vos disse: Maria luta encarniçadamente com o demónio e tira-lhes das garras as almas que ele já julgava suas. Só não salva quem resiste até à última: os impenitentes finais...

Ajoelhai, cristãos, deante da Senhora das Necessidades. Mostrei-vos o seu poderio e o seu valimento. É um penhor de protecção que aqui tendes. Recorrei a ela em todas as vossas necessidades. É a vossa Padroeira. Não desmazeleis a sua capela nem o seu culto. Fazei por respeitar as antigas tradições da festa: muito povo e muita devoção. E tê-la-heis sempre a vosso lado: para vos proteger na vida e na morte, para vos acudir em todas vossas nece[s]sidades. Assim seja».

(vol. X, pp. 235-256, dos **Sermões** inéditos)

## Apêndice III
### A Senhora das Necessidades na Soalheira (Fundão)

Em virtude de a freguesia da Soalheira ser a *capital* do País na devoção à Senhora das Necessidades na sua bem antiga capela-santuário como já acima dissemos no capítulo I deste estudo, cremos haver interesse em conhecermos, resumidamente, o valor desta devoção mariana nessa localidade. É o que vamos tentar fazer, de acordo com os documentos que o Sr. P.e Augusto Ruivo de Carvalho, pároco da Soalheira, amavelmente nos quis oferecer, a quem ficamos muito gratos.

Assim verificamos que, segundo o livro do P.e Augusto Duarte Ruivo (tio do referido pároco) e cujo título é "A Soalheira e a sua Misericórdia", publicado em 1970 como separata da revista "Estudos de Castelo Branco", já se fala, em 1629, no registo paroquial de óbitos, da existência da devoção à Senhora das Necessidades (cfr. p. 25 da referida separata), observando as memórias paroquiais de 1758 (guardadas na Torre do Tombo) que «vinham muitos devotos de romage em todo o ano, mas principalmente no mês de Setembro» (na mesma p. 25), sendo agora a festa no domingo de pascoela. A mesma separata (p. 26) descreve o núcleo fundamental da festa, com a procissão de S. José da igreja para a capela na véspera, havendo no domingo missa solene com procissão e sermão, terminando na segunda-feira com a procissão de S. José, em sentido inverso, da capela para a igreja. O culto e a manutenção da capela estão a cargo da Santa Casa da Misericórdia local que promovia aniversários pelos irmãos na referida segunda-feira, fazendo-o actualmente desde há anos na terça-feira da Paixão em que se confessam e comungam (desobriga quaresmal) *quase todas* as pessoas da freguesia (ver p. 40 da dita separata).

Capela e santuário de N.ª S.ª das Necessidades na Soalheira (Fundão). Em primeiro plano o cruzeiro (1694).

O texto das referidas Memórias Paroquiais de 1758, foi publicado na íntegra por Joaquim Candeias da Silva na pp. 309 até 311 no seu livro "O Concelho do Fundão através das Memórias Paroquiais de 1758", Fundão, 1993, vindo na p. 308 a fotografia da capela, aqui reproduzida. Essas informações paroquiais de 1758, além do mês de Setembro, indicam também o de Agosto nas romagens populares.

A devoção à Senhora das Necessidades está realmente gravada na alma popular onde, aparte um livrinho de versos intitulado *Lembrai-vos que vos pertenço*... de autoria particular, se pode apreciar esta antologia de versos sob o nome de "Alvíssaras":

1º
Senhora das Necessidades
Já cá vimos à barreira
Abri as portas Senhora
Ao povo da Soalheira.

2º
Senhora das Necessidades,
À vossa porta cheguei.
Tantos anjos me acompanhem
Como eu passadas dei.

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

3°
Senhora das Necessidades,
À vossa porta me empino
Deitai-me a vossa bênção
Mai-la do vosso menino.

4°
Senhora das Necessidades,
Dai-me a mão pela janela.
A capela é pequena,
Eu não caibo dentro dela.

5°
Senhora das Necessidades,
Que tendes na vossa coroa?
Uma pombinha branca
Que tem asas e não voa.

6°
A Senhora das Necessidades,
A vossa capela cheira,
Cheira a cravos, cheira a rosas,
Cheira a flor da laranjeira.

7°
Senhora das Necessidades,
Minha boquinha de riso;
Minha maçã carmoêsa
Criada no paraíso.

8°
Senhora das Necessidades,
Minha rosa encarnada.
Ao fundo do Alentejo
Chega a vossa nomeada.

9°
Senhora das Necessidades,
Que dais ao vosso menino?
Todos os meninos choram,
Só o vosso está caladinho.

10°
Senhora das Necessidades,
Que dais a quem vos vem ver?
Às casadas, bem casadas;
Às solteiras, bom viver.

11°
Senhora das Necessidades,
Olhai para mim olhai:
Sou filha duma viúva,
Tenho mãe, não tenho pai.

12°
Senhora das Necessidades,
As costas vos vou virando.
Minha boca se vai rindo
E meus olhos vão chorando.

Apreciemos a seguir o **cântico de adeus à Senhora das Necessidades**.
(com música do "Adeus" de Fátima):

1°
Ó Virgem das Necessidades,
Rainha do Céu e da Terra:
Defendei os vossos filhos
Da fome, da peste e da guerra.

Ó Virgem das Necessidades,
Livrai-nos de todo o mal,
Dai a paz ao mundo inteiro,
Salvai e amparai Portugal.

2°
Ó Virgem das Necessidades,
Mãe de ternura e carinhos:
Deitai a bênção, Senhora,
A todos os peregrinos

Ó Virgem das Necessidades,
Nossa Mãe e Padroeira:
Abençoai e salvai
O povo da Soalheira

**Refrão**

Numa prece final,
Ao deixar-vos, Mãe de Deus,
Viva sempre em minha alma
Este grito imortal.
Ó Virgem, adeus
Minha Mãe, adeus.

3º
Foi neste local bendito
Que *tu vieste chorar.*
Desceste do Céu à Terra
Para uma mensagem dar.

Por esta Santa mensagem
Tu quiseste dizer:
Rezai e Orai, Meus filhos,
Pró mundo se converter.

4º
Ó Virgem das Necessidades,
Ao Teu Coração de Mãe
Consagramos as criancinhas
E os nossos jovens também.

Ó Virgem das Necessidades,
Agora Te digo Adeus:
Adeus, ó Mãe querida,
E ao Bom Jesus Adeus.

Apreciemos ainda outros cânticos religiosos usados pela devoção local

**«Glória a Ti, Senhora Nossa»**

(Para a Capela de N.ª Senhora das Necessidades)
(22 de Agosto de 1997)
(inspirado num cântico francês)

Santa Maria, Mãe de Deus
Olhai para nós
Mãe de Deus e nossa Mãe
Olhai para nós
| Em vós confiamos
| Nós Te agradecemos
_ | Eu confio em Vós.

Mãe da divina Graça, Mãe do Criador
- Olhai para nós
Mãe puríssima, Mãe do Redentor
- Em vós confiamos
- Nós Te agradecemos
- Eu confio em Vós.

Santa Maria, Mãe do Salvador,
Glória Ti, Senhora nossa Rainha e nossa
Mãe, nós aqui Te aclamamos e a
Teu Filho também, Amén. Amén, Amén.
*(Autor : Pe António Mendes Fernandes)*

Avé, Maria, a cheia de graça, o Senhor é contigo,
Bendita és Tu entre as mulheres
E bendito é o fruto do Teu ventre, Jesus,
Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores
Agora e na hora da nossa morte
Amén, Amén
Santa Maria, Avé, Senhora,
Avé Maria, Avé Avé!
Santa Maria, Mãe de Deus,
Rogai por nós, pecadores
Agora e na hora da nossa morte
Amén. Amén, Amén.

Outro factor recente do aumento devocional à Senhora das Necessidades foi o fenómeno de a **imagem da Virgem ter derramado lágrimas, em 22 de Abril de 1979**. Eis o que diz o livrinho local (sem autor expresso) chamado "As lágrimas da Virgem em Portugal" nas pp. 6-7 e (sobre outros casos) p. 13:

**«E a Virgem chorou**

Foi precisamente no dia 22 de Abril de 1979.
O dia amanhecera primaveril. A azáfama própria dos dias de festa não deixava tempo para pensar em mais nada que não fosse o de cumprir o melhor possível aquilo que estava programado.

Às 12 horas, como habitualmente, iniciou-se a Celebração Eucarística, após a qual se seguiu a procissão que, nesse ano, pela primeira e única vez até à data, percorreu algumas artérias do populoso Bairro da Saúde.

Quando, no fim do percurso, o andor recolheu à Capela acompanhado de numerosos devotos, um natural da Soalheira de nome Joaquim Cruz de Matos, ao fotografar a imagem, chamou a atenção do Provedor que se encontrava junto do andor, para a lacrimação que corria pelas faces da Virgem, ao qual respondeu que já vira.

A lacrimação prolongou-se pela tarde fora até altas horas da madrugada do dia seguinte. Esta lacrimação que foi ininterrupta, apresentou algumas fases em que era bastante abundante.

Um peregrino de Setúbal, que na altura se encontrava também junto do andor, teve ensejo de tirar várias fotografias, cujos diapositivos foram posteriormente projectados publicamente, onde se distingue, com toda a nitidez, a lacrimação da Virgem.

Dois lenços enxugaram as lágrimas de Nossa Senhora.

Dos numerosos testemunhos gravados em fita magnética, pelo menos 20 pessoas depuseram por escrito e assinaram sob juramento.

Muitos são os que afirmam ter visto as lágrimas de Nossa Senhora durante a procissão cujo trajecto demorou a percorrer cerca de duas horas.

**A Comunicação Social:**

Merecem especial destaque o *Notícias da Covilhã* e o mensário *A Folha*, publicado em Alpedrinha que deram imediata cobertura ao acontecimento. A *TV*, alguns dias mais tarde, elaborou uma reportagem pormenorizada, filmando a capela e a imagem e ouvindo o testemunho de algumas pessoas. Também a *Agência ABIM* recolheu todos os elementos possíveis e difundiu a notícia para vários países do mundo.

A grande imprensa de Lisboa e Porto, que só teve conhecimento dos factos algum tempo depois, dispensou-se de elaborar qualquer notícia referente ao fenómeno.

Apenas o Jornal *O Dia* se referiu, por mais de uma vez, às lágrimas de Nossa Senhora e o *Jornal Notícias*, do Porto, fez uma reportagem bastante completa da festa realizada em 1986, tendo entrevistado algumas pessoas que assistiram ao milagre.

Também alguma imprensa regional se referiu posteriormente ao assunto, sendo digno de destaque o artigo publicado pelo *Cavaleiro da Imaculada* que, com os seus 110.000 exemplares de tiragem, levou ao conhecimento do grande público espalhado pelo País o insólito acontecimento.

A *Mensagem de Fátima* a elas se referiu, pelo menos, duas vezes e o *Boletim das TFP's* divulgou a notícia em língua portuguesa, desconhecendo-se se também o fez nas outras seis línguas em que é editado.

Destaque também para outros jornais e revistas, nomeadamente o Jornal de *Campo de Ourique*, o *Notícias de Ourém*, a *Revista Cruzada*, a *Revista de Santa Teresinha*, o *Eco das Missões* além de muitas outras que se referiram pormenorizadamente às lágrimas da Virgem em Portugal.

No estrangeiro, sobretudo no Brasil e em Espanha, a notícia foi bastante divulgada. Assim, passado um mês, aparecia na Soalheira a primeira peregrinação espanhola vinda de Cáceres.

**O itinerário das lágrimas da Virgem**

Numerosas vezes a Virgem se tem manifestado a almas de eleição, com lágrimas nos olhos.

Poderíamos apontar aqui várias dezenas de casos, todos eles do conhecimento da autoridade eclesiástica e só o não fazemos para não tornar extensa esta pequena publicação.

Independentemente das lacrimações ao vivo em numerosas visões e aparições, o mesmo se tem dado em imagens, um pouco por todo o mundo, do Japão à Colômbia, dos Estados Unidos à Europa.

Os casos mais notórios foram, sem dúvida, os de Siracusa na Itália, Nova Orleães e outras cidades dos Estados Unidos, Akita no Japão e, mais recentemente, em Portugal, na Soalheira.» (p.13).

# Capela da Senhora das Necessidades em Nadais

Numa pagela vem o seguinte:

«Eis o texto integral publicado no mensário *A Folha*, da autoria do seu Director Padre Augusto Duarte Ruivo, em 29 de Maio de 1979.

A freguesia da Soalheira celebra a sua festa em honra de Nossa Senhora das Necessidades no 2º Domingo da Páscoa (Pascoela) desde tempos imemoriais. Quando, nos fins do século XVII ali se fundou uma Misericórdia, a Irmandade tomou Nossa Senhora das Necessidades para sua Padroeira e continuou e continua a celebrar essa festa **que é das mais concorridas da Beira Baixa** e sobretudo das de maior devoção.

Este ano algo de extraordinário parece ter acontecido. Após grandiosa e muito devota procissão, antes da imagem dar entrada na capela, é costume ser voltada para o povo, aglomerado no largo fronteiro, fazendo-se umas invocações e o acenar de lenços brancos em saudação a Nossa Senhora. Foi nesse momento que um devoto pediu ao Provedor, que estava em frente do andor, para se desviar um pouco a fim de tirar uma fotografia a Nossa Senhora. Batida a chapa, aquele homem muito surpreendido e chocado diz ao Provedor: «Nossa Senhora está a chorar». Este que já tinha presenciado o facto e estava surpreso sem saber o que pensar, limitou-se a responder: Já vi".

O fenómeno foi visto por muitas outras pessoas durante a procissão e durante a tarde e noite, dentro da capela, onde é sempre grande a afluência de devotos a fazer a sua oração. Duma das vezes eram tão evidentes as lágrimas que uma senhora as limpou com um lenço.

Passados 15 dias, numerosas pessoas foram convocadas para uma reunião na capela da Senhora das Necessidades, onde, pelo menos 20 juraram, em depoimento, terem visto lágrimas no rosto da imagem. Além dessas, há ainda outras que dizem ter visto o mesmo fenómeno.

Damos estas muito breves notas do que sabemos ter-se passado sem fazermos quaisquer comentários, que não nos compete fazer. Mas salientamos duas circunstâncias curiosas que há que ter em conta para que o julgamento que cada um possa fazer e naturalmente para o juízo formal que porventura venha a ser feito por quem de direito.

*Imagem e capela de N.ª S.ra das Necessidades.*
Colcurinho - Vale de Macieira, O. do Hospital.

A primeira é que foram várias pessoas a ver e em diferentes circunstâncias e cada uma guardou para si, não levantou alarme, não podendo ser causa de sugestão para as outras, como o Provedor que diz em documento que assina:

"Mais tarde... na capela, ficando ali a fazer companhia a Nossa Senhora, comecei a ver-lhe na vista direita um pequeno brilho, pouco maior que a cabeça de um alfinete, começando a aumentar de volume até a vista ficar completamente rasa de água,

transbordando uma lágrima do canto da vista do lado direito. Então aí não tive dúvidas do que vi, mas, mesmo assim, resolvi nada dizer, supondo que essa visão fosse apenas minha".

A outra circunstância é que a maioria, senão todas as pessoas, a começar pelo Provedor, desconhecia que já tem havido destes fenómenos de imagens de Nossa Senhora terem chorado. Portanto também essa circunstância não sugestionou ninguém».

**Nossa Senhora das Necessidades**
da Soalheira:

Em mil novecentos e setenta e nove
Data marcada ficou:
A Virgem Senhora comove,
A olhar o povo, *chorou.*

Nas ruas a procissão,
Com a Virgem Padroeira,
Mostra a sua *emoção*
Ao povo da Soalheira.

Senhora das Necessidades
*Que o povo viu chorar,*
Um coração de Bondades
Pela paz do mundo lutar.

*Lágrimas cair se viram*
*E molhar o lindo rosto.*
Nossos corações sentiram
Que a *Virgem tinha desgosto.*

Acabar com a maldade
Haver a paz e o amor
No mundo, a liberdade
E a alegria do Senhor,

À frente da sua capela
Todo o povo ajoelhou:
Todos a rezar Àquela
Que no seu dia *chorou.*

**Prece**

Senhora das Necessidades, Mãe Amorosíssi
que nesta hora grave que o mundo atravessa, q
seste revelar-Vos em Portugal como a Virgem das
grimas, sempre pronta e solícita para atender toc
os que em Vós confiam - e também eu, pobre pe
dor(a), neste momento estou necessitado(a) do Vos
auxílio - não olheis para os meus pecados mas pa
a força da Fé que anima a Vossa Igreja, da qual ta
bém faço parte.

Eis porque, prostrado a Vossos pés, a Vós reco
com todo o ardor da minha alma, para que alcanc
do Vosso amado Filho, se for de Sua divina vonta
esta graça que Vos peço. (*Fazer pedido).*

Senhora! A esperança de ver atendida a min
súplica, cria em mim um enorme desejo de cant
antecipadamente as maravilhas do Senhor.

Por isso, em união conVosco na contemplação
Amor Divino, elevo desde já o meu pensamento
Altíssimo, para que sobre mim desçam as Suas mis
ricórdias.

Quero agradecer-Vos, ó querida Mãe, os favor
das Vossas graças e oferecer-Vos as minhas pobr
orações, certo(a) como estou de que elas encontrar
eco no Vosso Coração Imaculado.

Que as Vossas lágrimas, Senhora, sejam um pr
cioso bálsamo para curar as chagas da minha alm
de modo que, na Eternidade, possa glorificar tambe
a Trindade Santíssima, cantando conVosco os hin
do amor por todos os séculos dos séculos.

Senhora das Necessidades, atendei a minh
prece.

Senhora das Necessidades, escutai a minh
oração.

Senhora das Necessidades, rogai por mim.

***Rezar:*** *Três Glórias,*
*Um Pai Nosso,*
*Três Avé Maria,*
*Uma Salvé Rainha».*

**«Hino à Lacrimação de Nossa Senhora d**

**Necessidades (Soalheira).**

**- A Virgem Imaculada que chorou.**

(22 de Abril de 1979)

Avé, ó Mãe de Deus que sois nossa Mãe,
*Vosso rosto bendito chorou, chorou.*
A Vós vos damos graças com todo amor,
Pedindo as vossas bênçãos.
Aqui estou, Senhora, Amparo e Guia no nosso caminhar.
Dai-nos as vossas bênçãos p'ra sempre vos amar.

Vós sois a doce Estrela
Que nos conduz na Esperança.
Nas vossas mãos me entrego
Com toda a Confiança

Felizes os que caminham
À luz do Vosso olhar.
No céu vos irão ver,
P'ra sempre vos louvar».

**Outro Refrão:**

«Avé, ó mãe de Deus que sois a nossa Mãe.
*Vossos olhos benditos choraram por nós.*
Aqui, graças vos damos com todo o amor,
Pedindo as vossas bênçãos. Rogai por nós».
*(Autor: P.e A. Mendes Fernandes, Soalheira, 1/XI/97)*

Quanto ao caso de Akita (Japão) e respectiva vidente Agnes, que lembra um pouco o caso de Alexandrina, de Balasar, Janice T. Connell informa no seu livro *Encontros com Maria*, Lisboa, 2000 (pp.126, 134, 135) que a imagem de Nossa Senhora de Todas as Nações chorou 101 vezes, desde 4 de Janeiro de 1975 até 15 de Setembro de 1981, tendo até sangrado a 12 de Junho de 1973 (p.132) e tendo a 4 de Janeiro de 1975 o anjo da guarda explicado em visão à vidente a razão das lágrimas: «Não te admires por ver lágrimas correr dos olhos da imagem da Virgem Maria. Toda a alma que se converte e é consagrada, é preciosa para ela. Ela mostra a sua mágoa para ti por meio da imagem para avivar a tua fé que está enfraquecida» (p.132).

Por sua vez, Yves Chiron no seu livro *Enquête sur les Apparitions de la Vierge*, ed. J'ai lu, 1995, observa (pp.187, 454) que a Igreja Católica reconheceu as lágrimas da imagem de Nossa Senhora em Siracusa (Itália) derramadas em 1953 e também as de Akita, acrescentando (p.109) ter também derramado lágrimas em 1906 a imagem da Senhora das Dores na cidade de Quito, na nação sul-americana do Equador.

Também na Bélgica apareceu aí por 1983-1984, outro caso de lágrimas numa imagem da Virgem, segundo descreve G. Hermes no seu livro *Les Larmes de Marie, Rose Mystique*, Hauteville (Suiça), 1985.

O livro de Parmentier, André Castella, *Manduria - Présentation et Messages*, 3.ª ed. Hauteville, 2000, p.23 e pagela anexa, além dos casos de S.ta Catarina Labouré e aparições de La Salete no século XIX, refere ainda o caso recente de lágrimas em imagens de Cristo e Maria, na Itália, como mensagem de tristeza pelo comportamento humano.

Outras mensagens marianas com referências ao mesmo significado de lágrimas de Maria vêm expressas nos livros *Mensagem de Amor Misericordioso às Almas Pequenas*, 3.ª ed., Lisboa, 1982, pp.68 e 485 (aqui aludem a Cristo), *Aos Sacerdotes, Filhos Predilectos de Nossa Senhora*, 13.ª ed. S. Paulo (Brasil) a seguir 1993, nas pp.4, 90, 176, 302, 384 e 552 e na edição extraordinária do ano 2000, na pp.830 e 909.

Quanto às lágrimas da Senhora das Necessidades na Soalheira em 1979, a Autoridade Eclesiástica ainda se não pronunciou.

Segundo o resumo acessível do *Almanaque de S. António* do ano de 1958, pp. 96-99, a imagem de Nossa Senhora em Siracusa, devido à violência entre os esposos da casa onde se encontrava, começou a derramar lágrimas desde as 8h.30 da manhã de 29 de Agosto de 1953 até às 11h.30 do dia 1 de Setembro com poucas paragens, tendo-se registado em menos dum mês 300 curas em peregrinos gravemente doentes. O caso foi verificado pelas autoridades médicas e religiosas.

Acrescenta o P.e José do Vale Carvalheira no seu

livro *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*, 1988 (edições Salesianas), p. 206: «A propósito transcrevemos parte de um artigo publicado na magnífica revista *Stela* (Setembro, Outubro de 1984) onde se lê: «segundo investigações de carácter etnográfico teriam suado sangue, quando picadas, as imagens de Nossa Senhora dos Anjos, de Lourinhã; de Nossa Senhora da Aflição, de Cambres (Lamego); Nossa Senhora da Conceição, de Vila Viçosa; Nossa Senhora da Lapa, de Aguiar da Beira.

Deitaram suor: Nossa Senhora da Assunção, de Celas, Coimbra; Nossa Senhora dos Altos Céus, de Sousa (Castelo Branco); Nossa Senhora do Bêco, Macinhata (Aveiro); Nossa Senhora da Guia, de Mata Mourisca, Pombal e outras.

Entre as aparições de Nossa Senhora com lágrimas nos olhos, é mundialmente falada a de Nossa Senhora de La Salete que tanto impressionou a alma ardente de Leão Bloy».

O referido artigo da revista *Stela*, Setembro-Outubro 1984, pp. 5-11, não traz «Sousa» (Castelo Branco) mas «Lousa» (Castelo Branco) e apresenta mais casos de imagens a suar que os indicados por José do Vale Carvalheira, remetendo para um estudo documentado de etnografia religiosa de Mons. José Filipe Mendeiros na obra dirigida por Fernando de Castro Pires de Lima com o título *A Virgem e Portugal*, vol. II, Porto, 1967 (vindo na p. 545 a parte que nos interessa).

Juntando todos os dados citados nestas três publicações, temos o quadro seguinte:

*Nossa Senhora a chorar* (tudo no Sul):

Senhora da Assunção, no Convento de Celas (Coimbra),

Senhora da Conceição, em Atouguia da Baleia (Peniche),

Senhora da Graça, no Convento de S. Clara (Évora)

*Senhora das Lágrimas,* no convento de S. Elói (Lisboa),

Senhora das Neves, em Almeida;

*Nossa Senhora a suar* (Centro e Sul principalmente):

Senhora da Assunção, no convento de Celas (Coimbra),

Senhora dos Altos Céus, em Lousa (Castelo Branco),

Senhora do Beco, em Macinhata (Aveiro) durante 4 dias,

Senhora de Belém, no convento do Salvador (Lisboa),

Senhora da Conceição, em Atouguia da Baleia (Peniche),

Senhora da Conceição, no convento da Esperança (Lisboa),

Senhora da Conceição, na quinta de Messejana (Torres Vedras),

Senhora do Desterro, em Almoster 3 vezes,

Senhora da Guia, em Mata Mourisca (Pombal) 99 vezes em 4 anos,

Senhora do Pranto, em Vinha da Rainha (Soure, Sul de Coimbra),

Senhora do Presépio, no convento de Alverca do Ribatejo,

Senhora do Rosário, na quinta do Grilo (Lisboa)

*Nossa Senhora a jorrar sangue* (Centro e Sul):

Senhora dos Anjos, na Lourinhã,

Senhora da Aflição, em Cambres (Lamego) donde a cantiga popular:

> À entrada do Portelo
> Cheirou-me a manjerico:
> Era o sangue derramado
> Da Senhora da Aflição;

Senhora da Conceição, em Vila Viçosa,

Senhora da Lapa, em Aguiar da Beira no dia da batalha de Alcácer Quibir,

Menino Jesus da Senhora do Paraíso, no convento do Paraíso (Évora),

Senhora do Presépio, no convento de N.ª S.ª dos Poderes, em Alverca do Ribatejo.

*Senhora da Piedade:*

**a)** triste desde Quinta-feira Santa e contente desde sábado de aleluia no Convento de Lorvão;

**b)** ora luzidia ora desfigurada em Santarém durante a batalha do Ameixial em 1663 segundo o Cabido da Sé de Lisboa. Muitos dos casos citados já

são referidos no século XVIII.

Ora a grande *quantidade* de casos, além de a maioria deles ser no Sul do País (com poucos no Centro e nenhuns no Norte) mostra-nos bem não poder ser tudo milagres. Certamente, cada um destes casos devia ter sido particularmente verificado pelas entidades competentes, pois, por vezes, pode tratar-se de simples *impressão* das pessoas e não duma autêntica *realidade* miraculosa (influência do sobrenatural ou ressuscitado glorioso sobre o natural), pelo que nestes casos, como adverte L. Pinkus, no *Nuevo Diccionario de Mariologia*, 2.ª ed., Madrid 1993, pp.1681 e 1682, importa fazer um bom e completo controle, verificando também se a pessoa vidente é uma pessoa sensata, normal, equilibrada e de profunda vivência religiosa. Nos casos acima referidos, é possível ter havido *algum ou alguns objectivamente verdadeiros* que deviam ter sido averiguados e controlados por peritos da Medicina e Religião mas a maioria desses casos, já contados por Fr. Agostinho de Santa Maria nos princípios do século XVIII como mostra Mons. José Filipe Mendeiros, deve ser fruto de *interpretação psicológica, subjectiva, popular e de aspecto lendário*, registados pela Etnografia religiosa. Mas pode haver até casos falsos como aquela fraude ocorrida no concelho de Oleiros (distrito de Portalegre) como mostram a revista *Pública* (do jornal *Público*) de 24 de Maio de 1998 na p.54 e seguintes, bem como os jornais de 26 de Maio de 1998, a saber, *Correio da Manhã*, *Comércio do Porto* e *Jornal de Notícias* que pudemos consultar na ocasião.

No mesmo caso de Nossa Senhora a chorar, está ainda, embora em menor grau, o caso de Nossa Senhora aparecer com aspecto triste, como nos referidos casos de Lorvão e Santarém. Sylvie diz no seu livro *El Cielo en la Tierra*, Madrid, 1999, p. 191 que o dominicano Tomás de Cantimpré (falecido em 1272) conta que a Virgem Maria apareceu a Santa Lutgarda de Aywières (falecida em 1246), apresentando um olhar triste e um rosto sombrio, tendo dito à santa o seguinte: «Eis que o meu Filho está aqui novamente crucificado pelos hereges e maus cristãos », Jacinto dos Reis no seu já citado livro, p. 61, refere-se a uma Senhora da Tristeza no Alentejo.

Em todos os casos, tanto histórica ou objectivamente verdadeiros como simplesmente lendários, compreende-se bem a mensagem da tristeza ou lágrimas de Maria por causa do mau comportamento humano.

Convém notar que as imagens chamadas de "Nossa Senhora da Lágrimas", existentes em certo número no país como indica o P.e Jacinto dos Reis (no seu livro de *Invocações de Nossa Senhora em Portugal* [...], Lisboa, 1967, p.308), não se referem ao milagre das lágrimas, de si já raro como é evidente, mas trata-se sim doutro nome para significar o mesmo que **Senhora das Dores** ou **Senhora do Pranto**, como acontece, por exemplo, na freguesia de Vela, concelho da Guarda, com a imagem da **Senhora das Lágrimas**, também chamada **Senhora das Dores** como indica o P.e José Quelhas Bigotte no seu livro *O Culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, Lisboa, 1948, p.76 como se confirma nestas duas séries de cantos citados no referido livro do P.e José do Vale Carvalheira:

a) **A Nossa Senhora do Pranto**

*Por que choras*, se és causa de alegria,
*Ó Virgem* do sorriso e doce encanto?!
Ah! *Senhora das Lágrimas, do Pranto*,
A Quem o povo invoca, dia-a-dia,

- *Tu choras, boa Mãe*, pelos teus filhos,
*Lágrimas* feitas só d'amor, ternura,
Por vê-los vaguear na noite escura
Do pecado, pisando falsos trilhos...

Do mal, Senhora, dá-nos contrição,
Converte-nos de todo o coração,
De cada pecador fazei um santo.

Cada alma, pela graça transformada,
Seja toalha benta, consagrada,
Para *enxugar dos olhos teu pranto.*
(P.226)

b) **Na Soalheira:**

Senhora das Necessidades,
Mui grande é a Vossa dor;
Pois há muitos que não crêem
No vosso imenso amor.

No Vosso olhar há ternura
Que comove os corações...
Por todos os pecadores
Vos pedimos mil perdões.

Que os seus olhos se abram
P'ra verem Vossa bondade.
Fazei que todos os homens
Se amem com lealdade.

Virgem das Necessidades,
Tem encanto o Vosso olhar.
Aquele que olhar para Vós
Por força Vos há-de amar.

Vós sois o farol divino,
Sois a estrela que nos guia;
Sois a luz das nossas trevas,
Em Ti cremos, ó Maria.

O Povo da Soalheira
Vossa bondade agradece.
Aceitai, ó Virgem Mãe,
Esta nossa humilde prece.
(p.208)

De tudo quanto se expôs a respeito de *imagens a chorar*, resulta haver uma série de *factos diferentes* com *interpretações não sempre as mesmas mas diversas*, o que importa destrinçar em cada caso (tarefa delicada e que nem sempre é fácil senão impossivel).

Quanto as *lágrimas nas pessoas humanas*, é um outro tema, constante na vivência cristã, aqui não exposto mas agora simplesmente apontado de passagem como simples complemento. *Lágrimas de arrependimento* pelos pecados, o que lembra a frase bíblica "felizes os que choram porque serão consolados" (Mateus 5,4), é assunto que choca a sensibilidade e mentalidade moderna, acentuadamente optimista e estranha e até alérgica ao que se chama pecado. Sobre esta temática há já uma certa literatura que se pode consultar como *Dicionário de Mística*, obra de vários autores, Madrid, 2002, pp. 1023-1024 (onde se fala até de Cristo a chorar sobre o desvario de Jerusalém, etc.); Mário Simões Dias, *Dores e Lágrimas de Maria Santíssima Mãe de Deus*, Coimbra, 2001; Joaquim Félix de Carvalho, José Tolentino Mendonça, *O Dom das Lágrimas - Orações da Antiga Liturgia Cristã*, Lisboa, 2002; Piroska Nagy, *Le don des larmes au Moyen - Âge*, Paris, 2000, que, além do mais, aponta na p.257 e seguintes, o grande modelo das lágrimas de penitência (pelo grande amor a Cristo) que foi Santa Maria Madalena na Piedade Cristã.

Imagem da Senhora das Necessidades na capela antiga.

# Obras no Castelo

*P.e Manuel Leão**

Aspecto do paço dos condes depois de apeada a arcaria do século XVII, década de 1930.

Já não interessarão as generalidades criadas à volta dos castelos, quer sobre a sua remota origem como sucedâneos da cultura castreja; quer sobre a sua localização, obedecendo ou não a estratégias defensivas.

O Castelo da Feira devia ter sido o núcleo de território de carácter militar, enquanto terra de Santa Maria. O desenvolvimento demográfico teria criado um círculo rural, quadro humano da famosa *ciuitas*.

Há ainda aspectos locais, talvez menos estudados pelos consagrados eruditos das coisas da Feira. Sobre o culto mariano, um tanto ofuscado localmente pelo de S. Sebastião, os autarcas municipais têm colaborado no reacender dessa chama religiosa tão marcante para o povo português. Em 1618[1], encontra-se um dado histórico curioso, alheio à influência dos Lóios. É Nossa Senhora do Castelo. É a propósito da venda de ***hua cortynha***, feita por Jerónimo da Fonseca e mulher Paula Soares, Maria da Fonseca, viúva de Sebastião de Freitas e tia do Jerónimo, a Pero Lopes, todos moradores da Vila da Feira. A propriedade é vendida por 11$500 reis. Essa propriedade agrícola estava situada na Vila e pagava foro à capela de Nossa Senhora do Castelo. Lê-se textualmente: sita ***na freguezia da dita Villa da Feira herdada sua foreyra ha capella de Nossa Senhora do Castello da dita Villa***.

Devia ser uma propriedade ou bem dimensionada ou com razoável valor agrícola, porque pagava de foro três razas e meia de trigo, três e meia de cevada e uma galinha. Da parte sul, confrontava ***com a estrada que uay da dita Villa para as Eyras***.

Portugal tinha perdido a sua autonomia com a anexação da coroa portuguesa à de Espanha, a partir de 1580. Em assuntos com alguma importância, a decisão era tomada em Madrid, pesando sobre a população as consequências do esgotamento nacional, decorrente da expansão ultramarina. Mesmo nesta fase,algumas iniciativas foram tomadas, até um pouco à margem da classe ligada à governação.

A Condessa da Feira, viúva, com a filha D. Joana, resolveu aumentar o edifício do Castelo; sua residência, porque o documento menciona paços e castelo. O mestre encarregado de fazer os estudos da obra, naquela época chamados traça e os apontamentos, que equivaliam ao caderno

* Instituto Superior Politécnico Gaya.

*V.F. n.º 5, 2003 - pp 51-59.*

de encargos, foi Valentim Carvalho[2].

O documento, em forma de escritura notarial, é bastante preciso, sendo possível localizar bem a obra realizada[3]. Valentim Carvalho foi convidado pelas nobres senhoras da Feira para colher elementos necessários à elaboração do seu trabalho como técnico.

Os mestres desta época, embora não tivessem conhecimentos sobre resistência de materiais nem das teorias de geotectónica, construíam com segurança. Não havia edifícios em perigo de ruir, antes de acabados ou quase acabados. O caso mais clamoroso no grande Porto foi a segurança do cais do Douro, no Porto e em Gaia. O problema arrastou-se até ao século XX. Mas as cheias do Douro eram fenómenos naturais, rebeldes a qualquer tratamento técnico.

Ver o local era indispensável, por dois imperiosos motivos: conhecer o edifício antigo do castelo, porque tratava-se duma ampliação. A natureza do subsolo teria a máxima importância, enquanto base duma galeria com estrutura granítica.

Valentim foi, pois, à Vila da Feira ver o local e, naturalmente, tomar apontamentos e acertar medidas para desenhar a traça ou planta. Apresentada às condessas, tinha agradado. A escritura foi lavrada e assinada no Porto, estando as condessas representadas por Álvaro de Moura Coutinho, escrivão da Câmara da Feira. As condições foram indicadas com exactidão,quer quanto a dimensões quer quanto a materiais e mão-de-obra.

Como técnico superior, Valentim Carvalho receberia 400$000 reis. Seria a recompensa como autor do projecto e técnico responsável, com o encargo de seguir até ao fim a obra, ainda que eventualmente fizesse trespasse parcial dela.

Havia o trabalho de descobrir os filões de granito nos terrenos das redondezas da Vila da Feira. A pedra tinha dois destinos, dependentes não só do trabalho artesanal, mas também da aplicação ou assentamento no edifício. A pedra assente avulsamente era alvenaria, carecendo as respectivas superfícies exteriores de serem revestidas a saibro argamassado com cal. A cantaria era trabalhada pelo lavrista, com picão, se tivesse de ser assente com superfície áspera. A fase mais rudimentar era o trabalho a pico grosso. Se a superfície final fosse lisa,a pedra seria trabalhada a cinzel.

O mestre teria, ao seu dispor, uma casa separada da dos artistas e trabalhadores. De facto havia artistas que se deslocavam, certamente por saberem fazer trabalho ao nível exigido pelo seu mestre.

A viagem do Porto para a Feira, para pessoas abastadas, poderia realizar-se na diligência, cuja malaposta ficava perto de Arrifana. Quem tivesse outras possibilidades económicas poderia usar montada. As pessoas do povo faziam a viagem a pé, como acontecia até fins do século XIX.

As condessas puseram à disposição do mestre montada para se poder deslocar entre a Feira e o Porto. Era um mestre com muita actividade, o que o obrigava a evitar ausências prolongadas.

Os aguços da ferramenta ficavam ao encargo das condessas, embora uma prevenção fique registada: elas não suportariam o encargo resultante de calçar a ferramenta. De facto, a ferramenta desgastava-se, perdendo o fio ou poder de corte, devido ao desgaste resultante do uso. Tinha de ser levada ao ferreiro, que, pelo fogo, retemperava e restaurava o poder de corte. Suponho que hoje é mais económico comprar uma peça nova de ferramenta, em vez de pagar ao ferreiro, devido

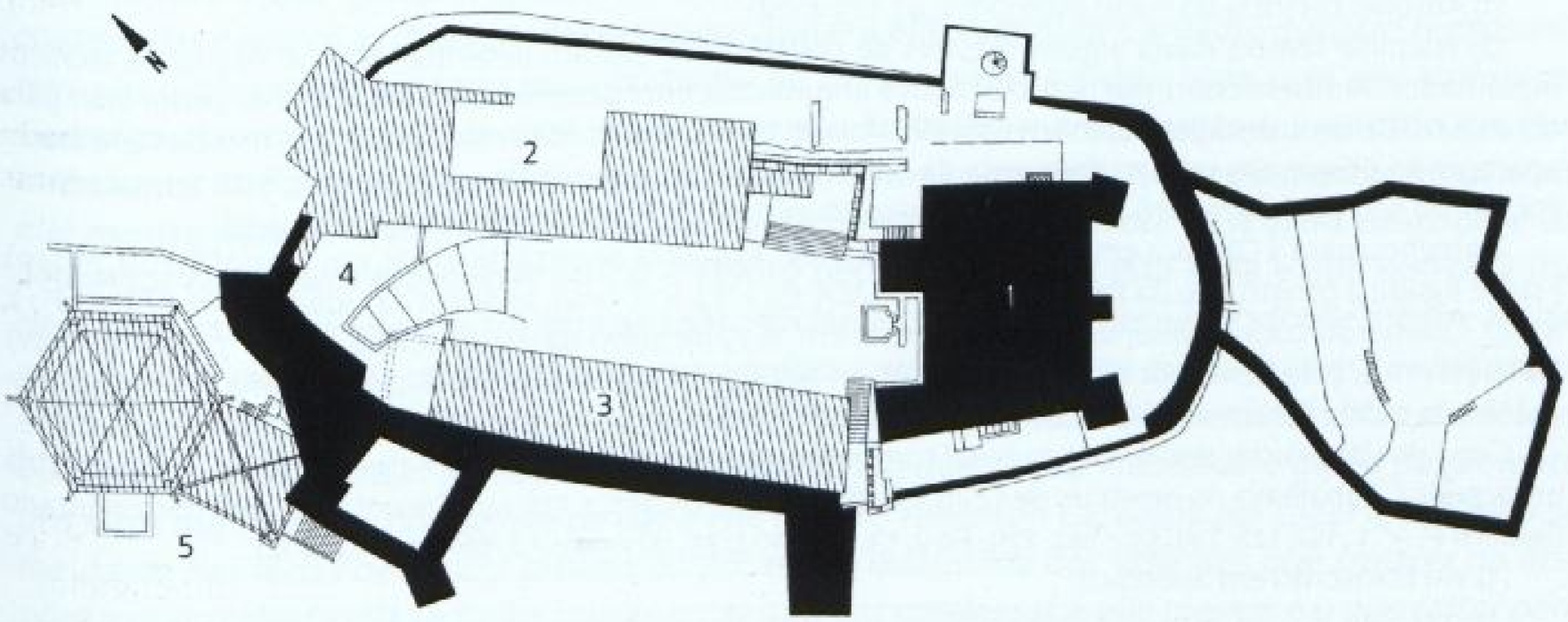
ao agravamento de custos da mão-de-obra.

Os pagamentos seriam semanais, como foi acontecendo até meados do século XX, porque só eram contabilizados os dias de trabalho efectivo. Eram excluidos os dias invernosos que não permitiam trabalho ao ar livre.

Passando à execução da planta, são contemplados os alicerces para os pilares que suportavam os arcos, os quais ficavam à responsabilidade do mestre, bem como o entulho dai resultante. Fora da área a edificar, o entulho seria encargo das condessas.

As condições assumidas seriam executadas, correndo paralelamente a satisfação dos custos. A categoria moral e técnica do mestre é reconhecida por Álvaro de Moura Coutinho, que, em nome das suas constituintes, se comprometeu, em pé de igualdade de responsabilidades, enquanto partes no mesmo contrato. Apesar de tudo, não faltou cláusula punitiva de trezentos cruzados, a que ambos ficaram sujeitos.

Através dos apontamentos, pode ver-se a ampliação do imponente edifício do Castelo, histórico ex-libris da cidade de Santa Maria da Feira. São sete arcos com seus pilares, dez janelas, na parte superior, porque três ficavam situadas para além do espaço dos arcos. A planta não tinha pormenores para todos os alçados, por exemplo, as duas janelas com sacadas ou varandas,situadas nos topos nascente e poente da galeria.




O Castelo de Santa Maria da Feira no início do século XX (desenho realizado a partir do levantamento da DGEMN e de M. Pereira, 1990)

1. Menagem-alcáçova
2. Paço dos Condes (demolido nas décadas de 1920 - 30)
3. Celeiros dos condes (demolidos em 1908)
4. Zona do jardim dos condes desaterrada em 1935-40
5. Capelania

Velázquez - "La Fragua de Vulcano".
Cena quotidiana de uma oficina de ferreiros.

A abóbada seria de tijolo, portanto, de construção mais fácil do que seria se fosse de pedra lavrada.

Distinguem-se materiais e respectivos carretos. Estes seriam à custa das condessas. Seria ao encargo das donas da obra o fornecimento de cal, saibro, tijolo, ladrilho, madeiras, pregos e meios de transporte mesmo manuais.

Houve algumas observações finais, como era vulgar em escrituras complexas. Assim, o ladrilho correspondente à abóbada seria fornecido pelas donas. Se os trabalhadores já não estivessem na pedreira, não seriam obrigados a voltar lá para ajudarem a fazer as cargas dos carros.

## Notas

(1) Arquivo Distrital do Porto (ADP) Po 2, 47, 129-132v.

(2) Naquele tempo, havia alguns mestres de pedreiro que sabiam desenhar, porque não havia técnicos diplomados. Também eram, por isso, chamados arquitectos, quer desenhassem para obra de pedra quer para obra de madeira ou entalha. Valentim Carvalho foi um técnico, bastante anterior quer aos mestres que foram aparecendo principalmente na freguesia de Santo Ildefonso, quer aos famosos pedreiros da terra da Maia. Foi juiz do seu oficio, em 1616 (Arquivo Histórico Municipal do Porto-AHMP), Vereações 41,15).

Trabalhou para a Câmara,em 1618 (Ibid. Ver.42,150v). Encontra-se em actividade, em 1627(ADP Po 2, 70,149). Esteve ligado à construção da Relação do Porto (ADP Po 2, 79, 108-110v), às obras da cidade em 1633 (Ibid. Po 2, 87, 8). Colaborou com a Misericórdia portuense, em 1635 (Arquivo da Misericórdia, Banco 7, H, nº 8, f.28v). Trabalha em S. João Novo, em 1638 (ADP Po 2, 95, 91-92). Continua, em 1641 (Po 8, 2, 1), 1642 (Po 1º, 3ª s., 177, 97v-99). A sua morte foi em 1643. Era casado com Helena Carneiro.

Gonçalo Vaz era um pedreiro com igual competência como Valentim e era natural de Grijó, onde possuia uma quinta. Trabalhava no mosteiro de Grijó, em 1600 (ADP Po 5, 1ª s., 1, 138-140. Encontra-se bem documentado (Ibid. Po 1º, 3ª s., 122, 122; 139, 55v; 142, 229; Po 2, 53, 101v-104; 55, 92v-94v; 58, 68-69v; 59, 8-12).

(3) Vai transcrito em apêndice.

## Apêndice documental

**Nota** - Foram criados parágrafos, desdobradas abreviaturas e normalizadas maiúsculas.

## *Contratto e obrigação entre a Cõdessa da Feira*

*Saibão os que este instrumento de obrigação contratto e fiãça virẽ que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jezu Christo de mil e seis centos e vinte e seis annos aos vinte e sete dias do mes de Setembro do dito anno nesta cidade do Porto e rua do Padrão de Sancto Eloy nas cazas da morada de mim tabelliam honde apparecerão partes prezentes de hũa Aluaro de Moura Coutynho escryuão da Camera da Villa da Feyra e da outra Vallentim Carualho mestre de pedraria nesta cidade morador ambos pessoas de mim tabelliam reconhecidas.Foy dito por elle Aluaro de Moura Coutynho e disse na prezença minha e das testemunhas todo ao diante declarado que a condessa da dita Villa Dona Maria de Gusmão e sua filha Dona Joanna Forjaz Pereira de Menezes trattando de fazer a obra de hũa galaria nos passos e castello da dita Villa mãdarão pedir ao dito Vallentim Carualho como pessoa perito na arte quizesse uir ha dita Villa para uer o sityo e fazer a trassa pera a dita obra da gallaria e hem effeito fora o dito Vallentim Carualho ha dita Villa e Castello e fizera a traça da dita obra que estaua em poder das ditas condeças e que querẽdo ellas trattar de mãdar fazer a dita obra na cõformidade da dita traça o fizerão per cartas assaber a elle Vallentim mandando lhe hũns appontamentos pera o modo em que se auia de ter ao fazer da dita obra os quoaes appontamentos ao diante nesta escrytura uão tresladados e que hem effeyto estauão compostas as ditas condessas cõ elle Vallentim Carualho pera elle lhe auer de fazer a dita obra na forma que tynha traçada e cõ obrygação ou obrygaçoens nos ditos appontamentos contheudas e isto cõ as ditas condessas auere de dar a elle Vallentim Carualho quoatro centos mil reys em dinheyro de contado pello trabalho de mãdar e fazer a dita obra sem elle Vallentim Carualho auer de por de sua caza mais que o seu trabalho e arte com todos os officiays que necessarios forẽ assy pera quebrar a pedra nas pedreyras como pera laurar e assentar e assi mais elle mestre dara os trabalhadores ha sua custa que necessarios forẽ assy para descobrirẽ as pedreyras como pera o amassar da cal e saybro necessario para a dita obra e que outrossy lhe darão hũa caza para elle e outra para os seus officiais e que quoãdo ouuer de vir elle mestre a esta cidade ou hir para a dita obra lhe darão caualgadura que o traga e leue de graça e assy os piquoens e ferramenta aguçados somente e a ferramenta somente recebida e não serão as ditas condessas obrigadas a mãdar calçar de nouo a ferramenta senão quẽ cõ ella trabalhar e que o pagamento dos ditos mil cruzados que se hão de dar a elle mestre Vallentim Carualho por fazer a dita obra se lhe darão has ferias de quada sabado conforme ha quãtidade dos officiaes que trouxer na dita obra e que acabada ella se farão contas entre as ditas condessas e elle mestre e o que faltar pera o dito pagamento dos ditos mil cruzados darão as ditas condessas e entregarão peremptoriamente elle mestre sem detença nẽ demora algũa e que no que toqua ha dita traça e appontamentos elle mestre fara tudo assy e da maneyra que em hũa e outra couza he cõtheudo e que os dous palmos ou o que necessario for de alicesses assy dos pillares dos arcos como para a mays obra que a de*

# Obras no Castelo

*fazer abryra elle mestre ha sua custa e os uãos e entulho que ouuer entre arquo e arquo e em quoalquer outra parte que seja mãdarão tirar e desentulhar ha sua custa as ditas cõdessas e nesta forma e com estas condiçõens disse elle mestre Vallentim Carualho que se obrygaua a fazer a dita obra da dita galaria cõ toda a perfeyção necessaria e cõ toda a dilligencia possiuel sem da dita obra leuãtar mão sendo lhe dado como dito he dinheyro pera as ferias como fiqua dito e dãdo lhe outrossy dinheyro para ordenar sua ferramenta necessaria para a dita obra e que não cõprindo elle mestre isto nesta forma que pagara has ditas condeças todas as perdas e danos que por seu respeyto delle lhe uierẽ e que ha sua custa delle não comprindo este cõtratto e obrigação possão as ditas condessas buscar quẽ acabe a dita obra ha sua custa delle mestre Vallentim Carualho perquoãto elle obriga ao cõprymento disto sua propria pessoa e todos seus bens moueys e de raiz auidos e por auer direytoe auçoens e assy o outorgou elle mestre Vallentim Carualho. E pello dito Aluaro de Moura Coutynho foy dito que elle em nome das ditas condessas se obrygaua a cõprir as obrygaçoens nesta escrytura postas e que não compryndo ellas tudo assy como atras fiqua dito e como tem assẽtado com o dito mestre que elle Aluaro de Moura Coutynho se obryga sem a isso ser cõstrangido senão por sua liure uontade a todo o custo da dita obra na forma que atraz fiqua dito pagar a elle mestre contynuãdo elle cõ a dita obra a que se obryga fazer e que não sera ouuido elle Aluaro de Moura Coutynho nẽ a juizo admittido cõ embargos alguns sem primeyro depozitar tudo o que da dita obra se estyuer devẽdo a elle mestre nas suas mãos e por dinheyro de cõtado sẽ lhe pedir a isso fiança porquoãto o ha por abonado para a tal ou tais depozitos e que possa o dito mestre parar cõ a dita obra e não ir cõ ella por diante não lhe acodindo cõ os ditos pagamentos has ferias dos sabados como atras fiqua dito nẽ incorrera em pena algũa o dito mestre quoãdo por se lhe não pagar na dita forma elle parar de fazer a dita obra e lançar mão e obrygarsse a fazer outra pessoa porquoãto fazendosse lhe os ditos pagamentos elle se obryga atras nesta escrytura não largar mão da dita obra athe a por hem sua perfeição a dita clauzulla depozitaria me mãdou elle Aluaro de Moura Coutynho escreuer nesta escrytura na prezença das testemunhas que antes de fazer os tais depozitos quer que lhe seyja negada toda a audiencia e remedio do direyto e para assi auer de cõprir elle Aluaro de Moura Coutynho disse que obrygaua sua pessoa e todos seus bens moueys e de raiz auidos e por auer direyto e aucoens para que por hũa e outra cauza que achada for e melhor parada estyuer elle mestre Vallentim Carualho esteyja seguro e possa auer tudo o que se deuer da dita obra conforme a este contratto e faz e nomea por seu procurador elle Aluaro de Moura Coutynho com pacto de não reuogar ha pessoa que seruir de distrybuidor na Rellação desta cidade para que possa ser citado em seu nome pello que se deuer da dita obra a elle mestre Valleutim Carualho e que pellas sentenças contra elle Aluaro de Moura Coutynho auidas se possa hir fazer penhora ne da arrematação em seus bens sem ser necessario ser elle Aluaro de Moura Coutynho por elles requerido senão o dito seu procurador e hũ e outro se obrygarão a cõprir esta escrytura inteyramente como nella se cõtem e que a não*

*reclamarão em parte nẽ hem todo por sy nẽ por outrẽ em juizo nẽ fora delle de feito nẽ de direyto sob pena de trezentos cruzados de pena que perdera o que dellas partes for cõtra esta escrytura o que por ella quizer estar e que responderão pello comprymento desta escrytura e suas dependencias elle Aluaro de Moura Coutynho no juizo do Corregedor do Siuel desta cidade e elle Vallentim Carualho no juizo ordinario da dita Villa da Feyra para o que se dezaforarão de juizos de seus foros e renunciarão todos os seos privillegios e liberdades a que se possão chamar fereas geraes e espessiaes e a ley que hão por nulla a geral renũciação das leys cõ todo o mais que fassa ou possa fazer em fauor delles partes renũciando geral e espessial quada hũ por sy e dizendo elle mestre Vallentim Carualho que tã bem nomeaua por seu procurador ao distrybuidor do mesmo Juizo ordinario da Feira para que hem seu nome possa ser citado e requerido pello comprymento deste contratto e assy o outorgarão e asseitarão e o tresllado dos ditos apontamentos que elles partes me prezẽtarão he o que se segue*

*A obra da galaria que se quer fazer e se da a empreytada nesta forma. Sera obrigado a tomar a fazer ha sua custa o seguinte*

*// A frontaria da face de fora em trinta e seis palmos de altura e de comprymento cento e setenta e dous cõ os sete arquos e seus pillares de pedraria e dez janellas por cyma respondendo hũa a quada arquo cada janella e de seis palmos e meo de uão e treze de alto feytas no andar da galaria e a parede que uay adiante ahonde caẽ as tres janellas que uão alẽ dos arquos para a parte do poente de aluenaria na grossura dos pillares que tudo ha de ter quoatro palmos de grosso como tãbẽ os arquos com seus cunhaes de pedrarya dous da parte do nascente hũ da parte do poente que fiqua sobre o muro cõ sua simalha que corre de parte a parte de pedraria e comcluindo hẽ geral a de ser de pedraria muito bem laurada e assentada tudo de escada o melhor que puder ser.*

*O seguinte:pillares arquos janellas cunhaes simalhas do collarinho que uay no soar das janellas que corre todas as janellas pellos soares e toda a uaranda ou galaryas pella frontaria e testas aquy uay por declarar algũa couza que seja sera tudo na forma que se contem na traça que esta tyrada e se offeresse com esta.*

*Itẽ se farão mays duas janellas laura digo de pedrarya laurada na mesma forma cõ suas saquadas para fora na forma ordinaria e tudo o mais assi em sima e em bayxo na forma das outras janellas. Estas duas janellas fiquão nas testas da galaria hũa para a parte do poente e outra para a parte do nascente e faz se aqui meção dellas porque as não mostra a traça.*

*Item se fara hũa aboboda de tyjollo com seu ladrilho no andar dos soares das janellas e a abobeda ha de ser por aresta muito bem feyta e segura com todas as couzas que se requeré para a boa segurãça della como mostra a traça.*

*Item o mestre que fizer a obra sera obrygado a cortar a pedra na pedreyra ha sua custa e com a sua ferramenta pagara a todos os pedreyros e trabalhadores os quoais serão obrygados a*

*carregar as pedras nos carros e o que toqua aos carretos pagara todos ha sua custa o dono da obra as aluenarias sera obrygado a goarnecer assy por dentro como por fora sera mais o mestre obrygado a laurar esta pedra e assẽtar e fazer tudo ha sua custa porẽ no que toqua aos mais materiais scilicet cal saybro tyjollo ladrylho madeyra das escadas e carpinteyros para fazer os simples dos arquos e abobedas e pregarya para elles tudo dara o dono da obra ha sua custa e todos os mais instrumentos de madeyra que forẽ necessarios carros coches padiollas tudo dara o dono da obra e somente sera o mestre obrygado a por ordem a tudo na forma que lhe for necessaria e porquoanto os sete pillares que se hão de assentar dous palmos forçados os mays bayxos do que ao prezente estão e juntamente hũ cunhal da parte do nascente.*

*Estes dous palmos se hão de cauar abrir na piçarra tambẽ sera obrygação do mestre abrir o tal lugar para assentar a obra destes ditos pillares e cunhal ha sua cuata nesta forma se dara esta obra ao mestre que bem a possa fazer em tempo activo dada porem o mais em breve que puder ser e este mestre não podera trespassar esta obra a outro mestre quoanto quer aprouado que seyja podera cõtudo dar parte della cõtanto que seyja elle sempre o mestre que corra e ordene a dita obra e por sua ordem seguindo hem tudo a trassa que se aprezenta.*

*O quoal tresllado de appontamentos aqui feyto os tornou a goardar o dito Aluaro de Moura Coutynho e assinou aqui de como os recebeo e foy mais dito por elle mestre que ainda que os ditos appontamentos rellatem que o mestre fara abobeda de tyjollo com seu ladrilho pello soar das janellas que elle não trattou se lhe meteo na obrygação o tal ladrilho e assi não entra na obrygação da dita obra e que outrossy quoãdo os officiais e trabalhadores andarẽ na pedreyra ajudarão a carregar a pedra nos carros e não estando na pedreyra não tera obrygação de mãdar la ajudar a carregalla e foy outorgado e asseytado e de todo requererão de mim tabelliam que este instrumento nesta notta fizesse do quoall pedirão todos os tresllados em publico necessarios e eu tabelliam como pessoa publica he autentyqua tudo estypulley e asseitey em nome das pessoas a que toque e pode toquar o aqui cõtheudo quoãto cõ direyto posso e deuo e se requere. Testemunhas prezẽtes o padre Pantaleão Ferreira sacerdote desta cidade e Amador Ribeyro distrybuidor dos tabelliaens de nottas della e Antonio Nogueyra mestre de pedraria tãbẽ desta cidade e eu Aleyxo Ferreyra de Araujo tabelliam o escreuy.*

*Valentim Carualho* *Aluaro de Moura Coutynho*
*Amador Ribeyro* *Pantalião Ferreyra* *Antonio Nogueyra*

*ADP Po 2, 70, 38v-4lv.*

## Glossário

**Nota** - seguimos o *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, de RODRIGUES, Maria João Madeira, SOUSA, Pedro Fialho de, e BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira. 2ª edição, Coimbra, Quimera, 1996.

**Abóbada**, cobertura de vão entre duas ou mais paredes;tendo normalmente uma forma curva.

**Abóbada de Aresta**, a que resulta da intersecção de duas abóbadas cilindricas cujas intersecções definem, no intradorso, ângulos convexos.

**Alvenaria**, materiais pedregosos em fragmentos de grandeza apreciável.

**Apontamentos**, esboço sucinto de uma obra a executar.

**Cimalha**, moldura com tanta saliência como altura, formada por dois arcos de circunferência, côncavo o superior e convexo o inferior e que serve de remate da cornija.

**Cunhal**, ângulo formado pelo encontro de duas paredes.

**Frontaria ou fachada**, parte exterior de um edifício.

**Galeria**, corredor aberto por arcadas.

**Ladrilho**, placa de cerâmica cozida, de pedra natural ou artificial, de forma quadrada para revestir pavimentos.

**Lavrar a pedra**, aparelhar a superfície.

**Pilar**, suporte vertical isolado, assente sobre uma base ou soco, rematado por capitel ou imposta.

**Pregaria**, a variedade de pregos usados na construção civil.

**Sacada**, avançamento que produz o balcão de uma janela.

**Scilicet**, isto é.

**Simples ou cimbre**, armação de madeira arqueada que serve de molde para a construção de um arco ou de volta de uma abóbada.

**Soar ou soleira**, peça quadrangular de pedra, cimento, madeira ou metal, onde assentam os umbrais das portas ou das janelas.

**Testa**, paramento frontal de um arco ou abóbada.

**Traça**, projecto de arquitectura

**Treslado**, cópia.

# Poesia

*António Rebordão Navarro**

Desenho de Armando Alves

## A casa de Mariana

A casa de Mariana
sobe, sobe,
vai até à lua e às estrelas,
é um mastro branco
de um mágico navio
ancorado em jardim.

A casa de Mariana
não está presa no chão,
voa, voa,
mais alto que as gaivotas.

Na casa de Mariana,
habitação de pombas,
há uma luz acesa lá no topo,
por sobre a solidão
e sobre a morte.

Foz, 6-IV-2002

---

* Escritor.

*V.F. n.º 5, 2003 - p 60.*

# A beleza plástica e a saúde no séc. XVIII: Uma pequena reflexão a partir da literatura médica

*José Vítor Ferreira**

Possuir um corpo com formas harmoniosas e com saúde perfeita, sinal de equilíbrio psicossomático, é uma das maiores preocupações do homem e da mulher no nosso presente colectivo. Daí a utilização de vários recursos, no sentido de evitar-se a degradação insidiosa da estética do corpo e da saúde, bem como do psíquico.

Esta atenção, porém, pela beleza plástica, que pode melhorar por reciprocidade o estado de saúde, não é apanágio dos tempos hodiernos. Ela começou a fervilhar, no séc. XVIII, com o aparecimento de uma literatura especializada sobre a higiene e a preservação da saúde dos príncipes e de pessoas de qualidade[1].

Este geral entusiasmo, neste período, pela boa forma corporal, explica-se pela melhoria das condições de vida, resultante de um grande desenvolvimento económico, que, por sua vez, levou a uma maior convivência social e pelo aparecimento de uma mentalidade hedonística[2], bem como pela fé desmedida dos homens, de então, nos benefícios do progresso material. Era esta última atitude, como se sabe, uma das características do "Iluminismo". A Terra deixava de ser um vale de lágrimas, como se proclamava antes, para se tornar numa fonte potencial de prazeres de toda a espécie. Só era necessário que o homem aprendesse a utilizá-la em seu proveito e, para isso, teria de ser culto, instruído e educado[3].

Outros motivos contribuíram para esta efervescência. Por um lado, o despontar de uma consciência demográfica[4] e, por outro, o empenho dos médicos no processo de individualização das doenças e dos remédios, impulsionados pela evolução das teorias médicas. O retorno a Hipócrates conduziria a minorar os remédios caseiros e a existência de doenças gerais para colocar o diagnóstico ao nível da doença específica por sexo, idade, alimentação e hábitat[5]. Além disso, este renovamento levou-os também a "criarem" a criança , o idoso, a mulher e a patologia profissional[6].

Será, portanto, fruto deste ambiente mental que começará a aparecer em alguns países europeus, primeiro, em Itália, em 1710[7], e, depois, em Portugal, em 1753, um discurso específico sobre os príncipes e as pessoas bem situadas na vida, onde se apregoava que "a grande corpulencia ou grossura (...) não só hé perniciosa, mas desagradavel"[8].

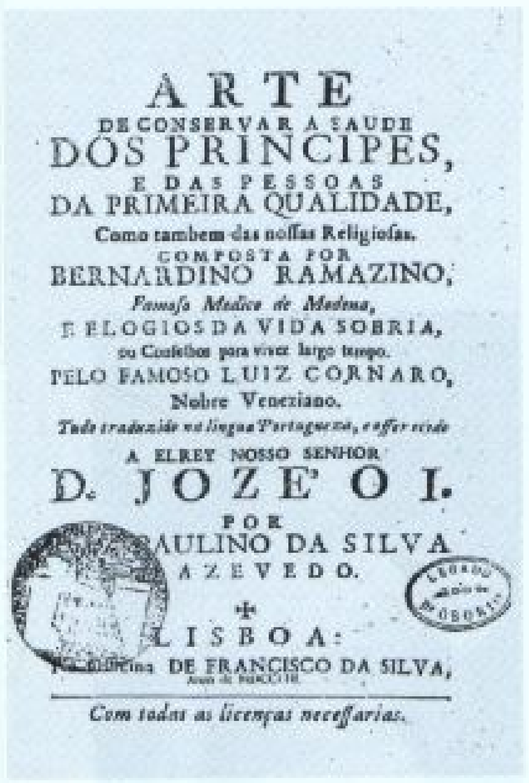
Escrito por um médico, ele visava informar todas as pessoas, embora o título não o deixasse transparecer, dos motivos da obesidade e das suas implicações, além de ensiná-las a como proceder para evitá-la e fazê-la desaparecer.

Deste discurso, se depreende que os factores mais geradores da obesidade eram a escolha de um regime de vida desgovernado e imoderado, a hereditariedade, o trabalhar pouco e comer em demasia, bem como o avanço em idade[9]. Ademais, o ter-se um temperamento sanguíneo era

Vénus - ilustra a arbitrária concepção da "beleza ideal". Uma das famosas obras do dinamarquês Bertel Thorvaldsen.

* Professor Catedrático da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

# A beleza plástica e a saúde no séc. XVIII: Uma pequena reflexão a partir da literatura médica


ARTE
DE CONSERVAR A SAUDE
DOS PRINCIPES,
E DAS PESSOAS
DA PRIMEIRA QUALIDADE,
Como tambem das nossas Religiosas.
COMPOSTA POR
BERNARDINO RAMAZINO,
Famoso Medico de Modena,
E ELOGIOS DA VIDA SOBRIA,
ou Conselhos para viver largo tempo.
PELO FAMOSO LUIZ CORNARO,
Nobre Veneziano.
Tudo traduzido na lingua Portugueza, e offerecido
A ELREY NOSSO SENHOR
D. JOZE' O I.
POR
PAULINO DA SILVA
AZEVEDO.
LISBOA:
Com todas as licenças necessarias.

uma razão a não esquecer, uma vez que se possuia veias mais pequenas e "o succo nutriticio he cheyo de hum oleo doce, que se prende facilmente às paredes das membranas e da mesma carne, e fazendo-se huma mesma substancia com ellas, as augmenta"[10].

Esta exposição, todavia, não se limitava só a indicar os motivos desta desproporcionalidade física. Procurava ainda alertar as pessoas de maior risco, isto é, aquelas que levavam uma vida mais desregrada. À frente, encontravam-se os príncipes e os grandes senhores, dado nutrirem-se sempre com alimentos de maior substância, exercitarem-se pouco e passarem a vida em ociosidade e delícias[11]. Muito mais propensos a esta disposição estariam eles também, se fossem dotados de um temperamento sanguíneo, onde dominasse um pouco de pituita e um estômago forte e robusto[12].

Mas não bastava apontar o que dava origem a uma morfologia corporal avantajada. Era necessário pôr diante dos olhos dos cidadãos os inconvenientes e perigos advinhadores do excesso de peso.

Como inconveniente principal, apontava-se o aspecto desagradável adquirido, que era um impedimento ao avanço e à distinção social. Daí a necessidade de todas as pessoas se esforçarem por manterem um corpo harmonioso e, principalmente, os príncipes, dado haverem "póvos se deixaõ levar, ou do respeito, ou da falta delle, confórme os vem, ou agradaveis ou desagradaveis"[13]. Além disso, eles criam que a desproporcionalidade corporal era "inseparavel da baixeza do animo"[14].

Luzente exemplo desta constatação, é a interessante narração do autor que vimos citando que não resistimos ao prazer de transcrever: "Conta-se de Sancho Rey de Hespanha, commummente chamado o Gordo, por causa da sua grossura, e corpulencia, que muitas vezes lhe veyo á imaginação o dezejo de abdicar a Coroa; porque sabia que os vassalos o naõ amavaõ por causa da avultada enfermidade, que padecia: em fim, foy buscar ao Rey de Navarra, por ver se hum grande Medico seu o curava, e finalmente assim lhe succedeo; e depois voltando, foy recebido dos mesmos vassalos com grandes sinaes de respeito, e de amor"[15].

No respeitante aos perigos, apresentavam-se as possibilidades dos detentores desta deformidade estarem mais sujeitos à morte súbita[16], possuirem uma respiração e alento curto, o que não possibilitava qualquer movimento[17], para além de terem as funções da alma afectadas[18], serem menos fecundos[19], bem como tornarem-se candidatos a determinadas doenças[20].

Este discurso, contudo, não visava apenas informar. Tinha também uma preocupação pedagógica. Sabendo-se das dificuldades em curar-se esta incomodidade, ele procurava dar preceitos, no sentido de instaurar no homem e na mulher figuras positivas de saúde.

Dele se deduz que a preservação e cura da obesidade deviam ter em atenção um regime de vida que tivesse em consideração a alimentação, o exercício, as massagens, o sono, as purgas e os vomitórios.

Para este conselheiro, a alimentação devia ser cuidada e os alimentos ingeridos em mais pequena quantidade. De todos os alimentos, os mais convenientes eram os acres e salgados, uma vez consumirem e atenuarem a gordura[21]. Devia-se, contudo, fugir dos alimentos gordos e oleosos,

dado serem muito nutritivos e, por isso, aumentarem a "massa do sangue"[22].

As refeições, segundo ele, deviam ser as usuais, isto é, três ao dia e não uma, como apregoavam alguns[23]. Apoiando-se em Hipócrates, ele condenava este último uso e vaticinava que as pessoas, acostumadas a este hábito, se tornavam velhas mais depressa do que as outras[24].

A dieta alimentar podia conter qualquer tipo de carnes, porém elas deviam ser embebidas em vinagre, já que assim não produziam mais do que uma mediocre nutrição[25].

Quanto às bebidas, ele recomendava vinhos sem álcool. Bania os vinhos fortes, especialmente, se eram doces e sugeria as bebidas azedas e diuréticas[26].

Num regime de prevenção e cura da obesidade, não podia faltar o exercício, dado ele contribuir para o aumento da utilização das gorduras pelos músculos e outros tecidos e porque, sem ele, qualquer programa de restrição calórica fracassaria.

Propunham-se, então, com este fim, várias práticas como o andar a pé ou a cavalo, a caça, o jogo da péla e outros semelhantes[27]. De todas estas formas de movimento, as caminhadas eram, contudo, das mais queridas, dado terem o poder de retemperar o espírito e de purificar os humores[28].

A alimentação e o exercício físico não eram, todavia, as únicas medidas necessárias para a conquista de um novo corpo. As massagens eram também essenciais, uma vez que elas animavam o organismo através de fricções à pele.

De entre os vários tipos de manuseamentos, os secos e mais fortes tinham um lugar de preferência[29].

Além destes procedimentos terapêuticos, outros recursos podiam ainda colaborar na prevenção e cura do excesso de peso: o sono, as purgas e os vomitórios.

No referente ao sono, propalava-se a redução do número de horas de descanso[30].

Quanto às purgas, sugeria-se que elas fossem feitas no Outono e Primavera, para assim se ter, no restante tempo do ano, o ventre livre e desembaraçado[31].

Por último, os vomitórios, que podiam ser tomados de tempos a tempos, para expulsarem do estômago as águas e pituítas que, neste órgão, se juntavam[32].

Do exposto pode-se, pois, concluir que o emagrecimento foi, sem dúvida, já uma preocupação do nosso passado colectivo, quer por razões cosméticas quer de saúde, e que a sua obtenção dependia de vários níveis de tratamento, de entre os quais a alimentação e o exercício físico não eram dos menos preponderantes.

Desenho, segundo escultura/cópia de Castelporziano, do famoso Discóbolo do célebre Míron (c. 450 a.C.)

**Notas:**

[1] Bernardino Ramazino e Luiz Cornaro — *Arte de conservar a saude dos principes e das pessoas da primeira qualidade, como tambem das nossas religiosas e elogios da vida sobria ou conselhos para viver largo tempo*. Tradução de Luiz Paulino da Silva Azevedo. Lisboa, 1753.

[2] Michel Bouet - *Signification du sport*. Paris, 1968, p. 309.

[3] Rómulo de Carvalho — *História da fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa: 1761-1772*. Coimbra, 1959, p. 12.

[4] Georges Vigarello — *O limpo e o sujo. Higiene do corpo desde a Idade Média*. Lisboa, 1985, p. 115.

[5] Jean-Claude Perrot — La vieillesse en question. In J. Dupaquier (dir.) — *Annales de démographie historique*. Paris, 1985, p. 152.

[6] Cf. *Ibidem*. p. 152.

[7] Nesta data, Bernardin Ramazzini, professor de medicina na Universidade de Pádua, publicou a obra "De principum valetudine tuenda commentatio"[Tratado sobre a conservação da saúde dos príncipes] que dedicou ao duque de Modena, Reinaldo. (Cf. Jacques Mackenzie — *Histoire de la santé et de l'art de la conserver (...)*. Haye, 1759, p. 264).

[8] Cf. Bernardino Ramazino — *ob. cit.* p. 220.

[9] Cf. *Ibidem*. pp. 222-225.

[10] Cf. *Ibidem*. p. 222.

[11] Cf. *Ibidem*. p. 225.

[12] Cf. *Ibidem*. p. 225.

[13] Cf. *Ibidem*. p. 234.

[14] Cf. *Ibidem*. p. 234.

[15] Cf. *Ibidem*. p. 234.

[16] Apresentavam-se dois motivos para esta fatalidade: um, mais antigo, referia que "o calor natural se suffoca com a grande quantidade de humores, e o movimento do sangue pára, pela pequenhez, e retrogradaçaõ das véas, e assim he, que desde este instante se acaba a vida: e esta he a razaõ, porque as pessoas mais grossas vivem menos que as outras"; outro, mais moderno, assentava que "as arterias naõ tem todo aquelle lugar para se descarregarem do sangue, que levaõ em abundancia ao coraçaõ; porque todos os espaços estaõ finalmente cheyos de carne, e gordura, que, opprimindo as raizes, e extremidades da vêas, embaraçaõ a circulaçaõ, e os alimentos concorrem sempre com o succo nutritivo; os ventriculos do coraçaõ se enchem de tal sorte, que nõo pódem mais comprimir-se: de que se seguem syncopes e desfallecimentos do coraçaõ, e em fim a morte" (Cf. *Ibidem*. pp. 229 e 230).

[17] Explicava-se estas anomalias respiratórias "porque os espiritos animaes naõ estaõ assaz promptos para se moverem, e fazer inchar, ou intumescer as fibras dos musculos: os nervos, estando comprimidos, e como sepultados na gordura, as funçoens animaes lhes saõ pezadas, e estaõ como em hum perpetuo entorpecimento" (Cf. *Ibidem*. pp. 230 e 231).

[18] As partes mais atingidas eram a prudência, o juizo e o conselho (Cf. *Ibidem*. p. 231).

[19] A infecundidade das pessoas gordas explicava-se nestes termos: "por causa da grande grossura, e do pezo della, naõ śaõ proprios aos exercicios de Venus, e por consequencia a potencia generativa he muito fraca: ao mesmo tempo, que as pessoas magras, que tem muitos saes, tem muita vivacidade, e consequentemente muita fecundidade" (Cf. *Ibidem*. pp. 231 e 232).

[20] As doenças mais usuais eram "a gotta, a pedra, e as colicas" (Cf. *Ibidem*. p. 241).

[21] Argumentava-se que "as cousas amargas, salgadas, e azedas saõ excellentes para extenuar a grande substancia de hum sangue muito doce, como tambem os acidos; que supposto que excitem o appetite, embaraçaõ com tudo que os succos nutritivos se convertaõ em carne, e se prendaõ ás membranas: e a experiencia nos ensina, que a carne de frango, ou de outro qualquer animal, mettida em vinagre, naõ produz mais que huma mediocre nutriçaõ" (Cf. *Ibidem*. pp. 239 e 240).

[22] Cf. *Ibidem*. p. 237.

[23] Cf. *Ibidem*. p. 240.

[24] Cf. *Ibidem*. p. 240.

[25] Cf. *Ibidem*. pp. 239 e 240.

[26] Cf. *Ibidem*. p. 240.

[27] Cf. *Ibidem*. p. 236.

[28] Humores eram constituintes líquidos do organismo. Segundo Hipócrates e Galeno, no corpo humano corriam quatro humores: sangue, bílis negra ou atrabílis, bílis amarela e linfa ou fleuma. Durante séculos, os médicos acreditaram que as doenças resultavam do excesso, efervescência ou alteração dos humores, por isso, quando isto acontecia, aplicavam-se, no paciente, sangrias, ventosas ou sanguessugas, para assim se alcançar a equilibrada fusão dos líquidos e, portanto, a obtenção da saúde (Vd. sobre este assunto, por exemplo, Agostinho Ribeiro — *O corpo que somos: Aparência, sensualidade, comunicação*. Lisboa, 2003, p. 70 e Giampiero Grifi — *História da Educação Física e do Esporte*. Tradução de Ana Maria Bianchi. Porto Alegre, 1989, pp. 91-107).

[29] Para comprovar a sua convicção, Ramazino serviu-se da opinião de Hipócrates e de Celso. Segundo o médico de Cós, "a grande esfregaçaõ emmagrece, a moderada engorda"; para o Cicero da Medicina, "as esfregaçoens, quando saõ fortes endurecem o corpo; se saõ doces o abrandaõ; se saõ compridas, o diminuem, e emmagrecem; se saõ moderadas o engrossaõ" (Cf. *Ibidem*. pp. 236 e 237).

[30] Aconselhava-se para retardar o sono o uso "da decocçaõ do chá, que tem a virtude, (...), de deseccar, e retardar o somno; porque com elle se engrossa, sobre tudo no inverno, como tambem se emmagrece pelas vigias, especialmente pelo veraõ" (Cf. *Ibidem*. p. 238).

[31] Cf. *Ibidem*. p. 238.

[32] Tomando-se um receituário de Hipócrates sugeria-se que "aquelles, que saõ muy grossos, e pingues, vomitaõ em jejum; depois de hum curso, ou hum passeyo, junto as horas do meyo dia. Que se tomem cinco onças de Hissopo em dez libras de agoa, e que ahi se junte hum pouco de vinagre, e sal, para fazer este todo hum pouco agradavel ao gosto: que se beba o primeiro copo pouco a pouco, e os outros mais promptamente, e a tragos mayores" (Cf. *Ibidem*. pp. 238 e 239).

# Poesia

*Anthero Monteiro**



## Pertença

tenho-te porque não te possuo
também são minhas as estrelas inalcançáveis
e é minha a noite com seus dedos indefinidos
são meus os acenos das magnólias de fevereiro
e a sua fragrância em março dissipada

tenho-te porque estremeces no poema das horas
e na cadência e decadência dos meus versos
porque és tinta vibrante dos poentes
água dos oceanos insubmissos
e do orvalho trémulo dos meus olhos

também são meus os acordes da criação
os delírios do piano de keith jarrett
a árvore que puseram diante da minha janela
com um presente de gorjeios
a música safira do teu sorriso
e a promessa sempre adiada dos teus lábios

tenho-te fugaz como à concórdia universal
como ao abraço do vento e das searas
como ao roçar da asa dos instantes
como ao ardil estético da aranha
como à cor da minha inútil esperança

tenho-te água brotando da pedra
jamais tocada pela avidez dos lábios
és-me cristalina e bela e tenho-te ao dispor
e pois que te quero assim nunca te possuirei
mas serás minha para sempre
que o mesmo é dizer para nunca mais

---

* Poeta.

*V.F. n.º 5, 2003 - p 66.*

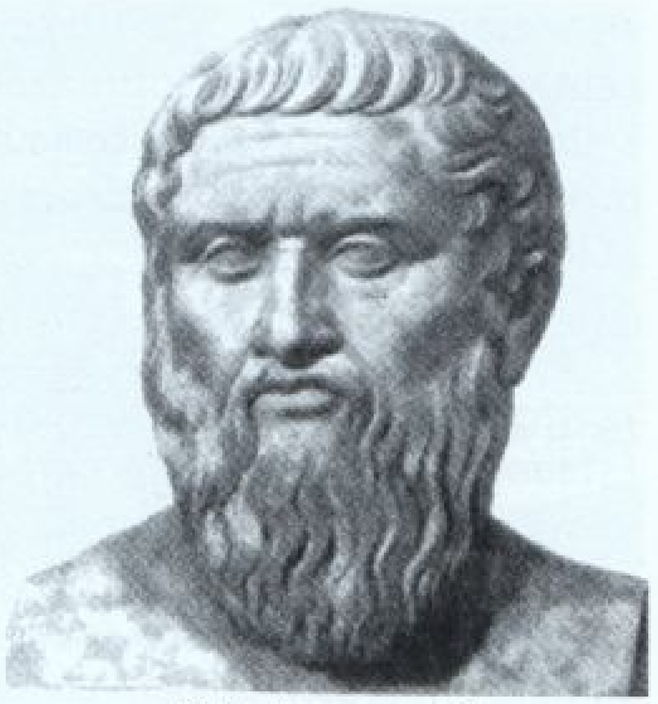
# Platão à luz da sua *Ideia* sobre o Estado e o Direito* - I

*H. Veiga de Macedo***

*Ideia*

Apanhei eu a ideia no ar,
Ou já estava em mim a ideia?
A ideia foi ideia minha,
Ou *memória* que se incendeia?

Faculdade de Direito - Vila Rosália
São Paulo, 26-11-1982



Platão (427 - 347 a.C.).

## I

## *O Estado*

1 – A concepção de Platão sobre o Estado e o Direito nem sempre tem sido apreciada com justeza e objectividade nos estudos feitos em torno da sua filosofia.[1]

Sobre ela, há sensíveis divergências de análise e de interpretação, o que, em muitos casos, se pode compreender, porque o filósofo, ao longo de uma longa vida, foi expondo as suas ideias, mas, naturalmente, actualizando-as e corrigindo-as, perante novas circunstâncias e novas visões resultantes do próprio amadurecimento do

---

* Conferência proferida, em 30 de Maio de 1995, na Faculdade de Direito, das Faculdades Integradas de Guarulhos, - São Paulo.

** Licenciado em Direito, Antigo Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Ministro das Corporações e Previdência Social, Presidente do Instituto de Obras Sociais (I.O.S.) e Deputado à Assembleia Nacional em diversas Legislaturas.

---

1 – Platão, cujo verdadeiro nome é Aristocles, (428/427 - 348/347 a.C.), dedicou-se, de início, à música e à matemática e, em filosofia, foi discípulo dos pitagóricos e dos sofistas. (Estes então ainda não designados com sentido pejorativo, o que terá acontecido, em consequência de críticas a eles feitas por Aristóteles. Aos *sofismas*, o filósofo chamava argumentos eristicos: – argumentos ou raciocínios especiosos, das argúcias sofisticas, das controvérsias. Falácias lhes chamavam os latinos).
Tornou-se depois discípulo de *Sócrates* (470-399 a.C.). Após a morte deste, esteve na Sicília. Regressado a Atenas, após dolorosas e decepcionantes experiências políticas, ensinou na Academia, a sua Escola, fundada no ano de 386 a.C.
Platão foi mestre de *Aristóteles*.
Refira-se ainda esta curiosidade: A mudança do seu nome próprio para o de Platão ficou a dever-se ao facto de seu mestre o ter chamado "platus", por possuir peito dilatado e costas largas. (O seu primeiro mestre foi o sofista *Crátilo*).

seu espírito.

As suas posições sobre o Estado e o Direito foram tomadas, de modo especial, nos Diálogos A *REPÚBLICA*[2], *AS LEIS* e *O POLÍTICO*.

2 – Para Platão, o Estado *é o homem em ponto grande*. Formado por indivíduos, o Estado é como um corpo composto de órgãos e, nele, a justiça, a suprema virtude, visa a harmonia entre as várias partes do todo, devendo cada indivíduo fazer o que lhe cumpre em ordem ao bem comum.

O fundo psicológico da sua teoria política evidencia-se logo quando, às três partes ou faculdades da alma – a razão, a coragem ou fortaleza e os sentidos –, faz corresponder as classes sociais: – a dos sábios ou filósofos (os arcontes), a dos guerreiros votados à defesa da *cidade e* a dos artífices e agricultores. Todas elas devem orientar-se pela virtude da *temperança*.[3]

A justiça surge aqui no equilíbrio do contributo de cada classe para se alcançar o bem comum. O Estado, uma vez que ao indivíduo falta a *autarquia* (a possibilidade de só por si presidir e ordenar), e o ser perfeito e, por isso, os seus poderes não têm limites, sendo a sua principal função a da educação. Educação através da música, que incluía a literatura e a ginástica, logo seguidas da matemática (e astronomia) e, por último, a da formação pelo ensino científico e pedagógico.

3 – O Estado é assim, nesta perspectiva de feição totalitária, o centro do poder. Este "totalitarismo" era "puramente emocional e assentava numa base ética, pelo que pouco tinha a ver com os totalitarismos modernos".

Não assiste razão, como adverte *Giorgio del Vecchio*, aos que pensam ser a teoria platónica precursora dos socialismos dos nossos tempos.

O regime da comunidade de bens considerado por Platão como ideal para as classes dirigentes, os governantes e os guerreiros, fundava-se na ideia de os isentar de quaisquer preocupações que não fossem as resultantes do exercício de cargos públicos.

---

2 – Este Diálogo, conhecido pelo nome tradicional de A *REPÚBLICA*, tem como título exacto este de IIOITEIA, ou seja, *GOVERNO* ou *CONSTITUIÇÃO* da Cidade. É o que ressalta das citações de Aristóteles e de Cícero.
O duplo título dos respectivos manuscrito, deve-se a *Trasilo*.
- Ver "Platão - A República", com introdução e notas de *Robert Baccou* e tradução de J. Guinsberg - 1.° vol. - pág. 5 - Edição da Difusão Europeia do Livro - DIFEL - São Paulo, 1973.

3 – Ver "Filosofia do Século XX", de *Fritz Heissemann* - pág. 8 - Tradução e Prefácio de *Alexandre F. Morujão*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian - Lisboa - 1969.
Diz-se ainda nesse livro, no capítulo "A Filosofia na Antiguidade Greco-Romana":
*"... A alma do filósofo é a que mais rapidamente se liberta da roda dos nascimentos (metempsicose) e regressa à estrela de onde provém (...). Para as duas classes superiores, apresenta Platão um programa educativo muito pormenorizado, no qual a leitura das lendas e dos poetas se encontra ordenada à finalidade pedagógica, enquanto mais tarde se cultivam as ciências numa ordem que, gradualmente, conduz do plano intuitivo ao pensar abstracto."*

O mesmo professor sublinha que Platão foi conduzido à sua concepção de Estado ideal, não por considerações económicas, mas por preocupações éticas e políticas.[4]

Observa *Verdross*, um dos fundadores, com *Hans Kelsen e Merkl*, da Escola do Direito puro de Viena, que este "comunismo de *A República* era simplesmente um comunismo de consumo e não de produção, representando apenas uma exigência da vida em comum, de inspiração ascética, dos dirigentes, para melhor poderem realizar a sua obra de interesse universal".[5]

Na verdade, nada tem a ver com uma organização comunista, como a da antiga União Soviética, o facto de os governantes não deverem possuir bens, de modo a libertá-los da riqueza e, eventualmente, da pobreza.

O filósofo não negava aos artesãos e homens de negócios o direito de propriedade, nem lhes retirava os meios de produção e de distribuição.[6]

***Edificio Prof. Henrique Veiga de Macedo (ex-Ministro de Portugal, Filósofo e Poeta)***, onde estão localizadas a Directoria da Faculdade de Direito e as Coordenadorias dos Cursos de Ciências Biológicas, Educação Artistica, Letras e Matematica.

*in revista "SOGE - Sociedade Guarulhense de Educação".*

modo mais realista e pragmático, os aspectos da vida dos homens no seu dia-a-dia. Aí, o filósofo tem o senso de discernir entre o ideal a atingir e as contingências limitativas da existência, além de advogar um maior respeito pelos direitos individuais, sem, contudo, deixar de admitir a escravatura, o que era corrente na época.

A propriedade e a família são poupadas

---

4 – No Diálogo *AS LEIS*, escrito depois dos setenta anos, ja são tomados em conta, de

4 – "Lições de Filosofia do Direito", de *Giorgio del Vecchio*, catedrático da Universidade de Roma - Tradução de *António José Brandão* - 4.ª edição de "Arménio Amado" - Coimbra -1972.

5 – Ver "Filosofia do Direito e do Estado" de *Luís Cabral de Moncada* - Coimbra.

6 – Ver "História da Filosofia", de *Nicola Abbagnano* - vol. I - pág. 184 - Editorial Presença - Lisboa - 1969. Tradução de *António Borges Coelho, Franco de Sousa e Manuel Patrício.*

São de *Abbagnano* estas considerações:

> *"Para Platão, a justiça não é só a unidade do Estado em si mesmo e do indivíduo em si mesmo. É, ao mesmo tempo, a unidade do indivíduo e do Estado e, por isso, o acordo do indivíduo com a comunidade." E uma das condições para a realização da justiça no Estado "é a eliminação da riqueza e da pobreza. Mas esta eliminação não implica uma organização comunista."*

algo mais. Por outro lado, a comunidade política deveria, em princípio, ter um número limitado de habitantes, cerca de 5 000. O matrimónio era obrigatório para os homens e as mulheres entre os 25 e 35 anos. O sistema de governo já não se circunscrevia aos filósofos, mas a órgãos, tais como: uma "Assembleia", onde todos os cidadãos teriam representação com funções específicas na administração da justiça; uma "Assembleia Política"; um "Conselho de 37 Guardiões da lei"; o "Conselho dos Arcontes" com a missão de vigiar pelo cumprimento da Constituição e ainda vários "Tribunais."

Preconiza-se a criação de um sistema agrário de pequenos proprietários. Propõe-se o combate à miséria e condena-se a concentração da riqueza. Na herança, os bens são legados a um só filho. – Aqui está como o instituto do morgadio já vigorava centenas de anos antes de Cristo.[7]

**5** – Como se vê, o Estado de *AS LEIS é* bastante diferente daquele que fora concebido em *A REPÚBLICA*. Já no Diálogo *O POLÍTICO*, anterior ao de *As LEIS*, se mostra patente o sentido liberalizador desta evolução decorrente de uma maior maturidade e suscitada, sem dúvida, pela desilusão das experiências de Siracusa, na Sicília.[8]

Para se avaliar do seu estado de espírito, após estas e outras desilusões, bastará referir a irónica e mordaz definição que, naquele Diálogo, dá, caricaturalmente, de política:

> *"A política é a arte de criar rebanhos de animais que não são nem aquáticos, nem aéreos, nem terrestres; que não são*

---

7 – Este instituto de direito sucessório, familiar e patrimonial desempenhou papel importante na História do Direito da Europa Ocidental e particularmente na Península Ibérica. Em Portugal, o morgadio existia desde os mais recuados tempos, mas só aparece regulado, pela primeira vez, na Lei de 15 de Setembro de 1557 *(Dom Sebastião)*. Haveria de ser extinto pela Carta de Lei, de 19 de Maio de 1863, do Governo do *Duque de Loulé*.
O morgadio consistia numa concessão perpétua, pura ou condicional, feita por um instituidor, por acto intervivos ou de última vontade, aos primogénitos varões da sua descendência, a fim de que os respectivos bens se conservassem na posse da família e esta com a primitiva grandeza.
Aos morgadios chamavam *bens do vínculo*, por ficarem *vinculados* às suas finalidades.
Ver "Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura". Edição da VERBO - Lisboa.

8 – Quando *Dionísio*, o tirano de Siracusa que tendo suprimido a democracia e instaurado o poder pessoal, convida Platão para o aconselhar sobre o melhor regime político a seguir, tinha o filósofo quarenta anos.
Não duraria muito esta aventura. *Dionísio*, descontente com as ideias de Platão, mete-o à força num navio espartano que, por sorte ou designio, o larga na Ilha Egina, onde é vendido como escravo. Comprado por um amigo, é restituído à liberdade. Em 387 a.C. reentra em Atenas.
Morto *Dionísio, o Antigo*, e cabendo a sucessão *a Dionísio, o Novo*, este convida Platão para traduzir suas ideias nas instituições. Platão aceita, mas não tarda a ser recambiado para Atenas. Apesar disso, seis anos depois, em 361, de novo, o tirano apela para o filósofo que, por uma questão de dignidade, anui à solicitação. Mas, uma vez mais, o tirano fica desagradado e acaba por lhe fixar residência. Só foi então libertado pela intervenção de Arquitas, patrício de Platão.

*cornúpetos, mas têm cornos, que não são plumados, mas têm a pele nua. A política é a arte de criar rebanhos implumes."*

Já no mesmo Diálogo, aludia à política como mera retórica ou *"a ciência de persuadir a multidão e a populaça, contando-lhes histórias em vez de as instruir."*

*Orlando Vitorino,* um dos grandes intelectuais modernos de Portugal – a cuja Presidência da República chegou a candidatar-se –, na sua notável "Refutação da Política Triunfante", publicada logo após o "25 de Abril", depois de sublinhar que essa ironia ofende, acrescenta:

> *"O Diálogo em que Platão mais impiedosamente a exprimiu, sendo embora o mais significativo do ponto de vista político, ainda hoje é suavizado."*

Já, aliás, entre os seus contemporâneos, o Diálogo O *POLÍTICO* provocara a ferocidade de uma comédia de Aristófanes e uma anedota de Diógenes que, atirando aos discípulos um frango depenado, lhes gritou:
– *Aqui tendes o homem de Platão.*

Importa, todavia, não atribuir grande

A Acrópole de Atenas, o recinto sagrado mais importante da Grécia.

relevância àquela afirmação pessimista de Platão.[9]

**6** – De qualquer maneira, há que concordar com aqueles que reconhecem o pensamento platónico, globalmente encarado, como uma ascensão permanente em busca da *verdadeira substância (ousia),* ou seja, a totalidade das ideias existentes na sede do

---

**9** – Ver "Refutação da Política Triunfante", de *Orlando Vitorino.* - Lisboa - 1976.
São dele, sobre o tema em apreço, estas palavras conclusivas:

> *"O drama é que não há governos perfeitos. E a existência dos homens, animais políticos" (na qualificação também algo pejorativa de Aristóteles) "ou bípedes implumes, é bem o reverso daquela doirada imagem que os entusiastas românticos, como Hegel e Nietzche, quiseram formar da vida política dos Gregos".*

Aliás, só uma pequena minoria da população Grega tinha cidadania e podia participar na vida política.

*ser,* lugar supra-celeste: - *Hiperurânio.*[10] Por isso, e como li algures, nos Diálogos *BANQUETE e FEDRO,* se fala da beleza das leis (da beleza, fim e objecto do amor) e das instituições que, superiores a ela, só têm *beleza em si,* eterna e perfeita e fonte de toda a beleza, e que está acima da beleza corpórea e da própria beleza da alma.

E quem pode afirmar que os seus Diálogos não são "um dos mais inapreciáveis tesouros do mundo"?

Quem duvidará, como assinala *Sant'Anna Dionísio,* no livro "Pedagogia Culminante dos Gregos", que eles constituem verdadeira maravilha de inteligência e de inspiração, de tenacidade laboriosa e veridica ociosidade [...] e são a demonstração claríssima de que a obra do prodigioso Mestre ateniense é o coroamento de uma autêntica experiência pedagógica *culminante?* "

Não menos força e verdade têm estas outras palavras de *Gilberto de Mello Kujawski,* no seu denso estudo "Sabor e Saber de Ortega", publicado, em 8 de Maio de 1983, no *Suplemento Cultura,* de "O Estado de S. Paulo":

> *"Platão está, há mais de dois mil anos, prisioneiro da sua descoberta genial, sem a qual não existiria Filosofia e que fez dele o maior pensador de todos os tempos, a ponto de se dizer, com razão, que toda a Filosofia posterior a Platão não passa do comentário escrito por vários autores no rodapé do texto platónico."*

10 – Ver "História da Filosofia" de *Nicola Abbagnano,* já citada.

11 – "Pedagogia Culminante dos Gregos", de *Sant'Anna Dionísio* - Porto - 1962.
Anote-se que, nos Diálogos, a figura de *Sócrates* vai desaparecendo gradualmente. Em As *LEIS* já não está referido. Este Diálogo é do último período, bem como *o PARMÉNIDES* (sobre a unidade e a multiplicidade), o *TEETETO,* (sobre o conhecimento), *o SOFISTA* (sobre a relação reciproca das ideias e mais particularmente entre *o ser e o não ser), o POLÍTICO* (sobre o ideal do homem politico), *o FILEBO* (sobre o supremo bem) e o *TIMEU* (sobre a ordenança do mundo).
Da idade madura, são *o MÉRONE* (sobre as relações entre a ciência e a opinião), *o CRÁTILO* (sobre a linguagem), *o BANQUETE* (sobre o amor), *o FÉDONE (*sobre a imortalidade da alma e sobre a doutrina das ideias), *o FEDRO* (sobre a possibilidade de conjugar dialéctica e retórica), *e REPÚBLICA* (sobre a justiça e o Estado ideal).
Da juventude, em que os problemas são mais frequentemente postos que resolvidos, são os seguintes: *APOLOGIA DE SÓCRATES* (autodefesa de Sócrates ante os juizes), *o CRÍTONE* (sobre o dever e obediência às leis), *o LÁQUETES* (sobre a unidade da virtude), o *CÁRMIDES* (sobre a coragem), *o EUTÍFRONE* (sobre a santidade), *o PROTÁGORAS* (sobre a virtude), *o IONE* (sobre a inspiração poética), *o HÍPIAS MENOR* e outros. - Ver "História da Filosofia", de *Francesco Pederzoli* - Edição do Centro de Estudos Humanisticos, da Universidade do Porto - MCMLII.

# Evocações de uma Era
## *Uma Terra, um Povo, uma Lenda ou uma História*
## Aveiro
## José Estevão Coelho de Magalhães - III

***Jorge António Marques****

Manuel Luiz ou Manuel Luiz de Figueiredo é referido, em vários documentos paroquiais, como barbeiro e cirurgião.

Não vislumbro, neste facto, um cirurgião dentista, muito embora os barbeiros, na época medieval, exerceram aquelas funções, ligadas à então medicina dentária.

Por outro lado, também os Fernandes usam a designação de "Barbeiro", o que me faz crer que a profissão de algum ascendente tenha dado lugar ao apelido, no bom costume da toponímia e a actividade motivar, pelo tempo, a ligação à antropologia.

No caso concreto de Manuel Luiz, este surge, na parte final da sua vida presente, como Manuel Luiz, cirurgião.

Importa referir que médico foi - como referi - seu filho José Luiz de Abreu e que o próprio padre médico Braz Luiz de Abreu, celebrizado, por Camilo, como o "Olho de vidro", de origem judaica, a Eixo estava ligado, por laços de sangue e amizades. Foi mesmo padrinho de alguns filhos de Manuel Luiz, como consta dos registos de baptismos.

Da prole de Manuel Luiz ou Manuel Luiz de Figueiredo, cirurgião, reputo de interresse, tão somente, a transcrição de duas certidões de nascimento.

Eis, portanto, essas duas descrições paroquiais:

### Arquivo Distrital de Aveiro
### Livro de Baptismos
### da freguesia de Santo Isidoro
*Número 8 - Folhas 77 verso*

À margem:

Anno de 1739 - Joseph "– Em sete de Fevereiro de mil sete centos e trinta e nove baptizei Joseph filho de Manuel Luiz, barbeiro, e de sua molher Ignez Ferreyra, naturais desta villa de Eixo, paterno de Manuel Rodrigues e de sua molher Maria Nunes e materno de Antonio Francisco Ferreyra e de sua molher Luiza Ferreyra.

Nota: – reconhece-se uma leve contradição, no nome do avô materno que figura, neste documento, como António Francisco Ferreira, mas trata-se da mesma pessoa.

À margem:

Anno de 1741 - Maria "– Aos nove dias do mes de Junho de mil sete centos e quarenta e hum annos baptizei nesta Igreja Maria, filha de Manuel Luiz, barbeiro e de sua molher Ignez Ferreyra, desta villa, neta paterna de Manuel Rodrigues o Palão, do logar do Palão, bispado de Leiria e de Maria Nunes, desta villa, e materna de Antonio Fernandes e de Luiza Ferreyra, desta mesma villa."

Analisemos o curso biológico destes dois

Rio Douro - Arnelas
Oliveira do Douro.

* Investigador - Historiador.

irmãos.

Jose Luiz de Abreu, bacharel médico - porque dele, efectivamente, se trata – casou, em Eixo, com dona Maria Eugénia de Carvalho, ela, filha de Sebastião Dias de Carvalho e de sua mulher, Maria de Figueiredo e teve os seguintes filhos:

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livros de Baptismo da freguesia de Santo Isidoro**

| Anos | Nomes | Dias | Meses | Livro | Folhas |
|---|---|---|---|---|---|
| 1) - 1776 | Ayres | 21 | Janeiro | 04 | 222 verso |
| 2) - 1779 | Joanna | 27 | Abril | 04 | 28 |
| 3) - 1780 | João | 25 | Novembro | 05 | 338 |
| 4) - 1787 | Julião | 17 | Janeiro | 05 | 81 verso |
| 5) - 1789 | Rosa | 28 | Agosto | 05 | 133 verso |
| 6) - 1791 | Maria | 08 | Janeiro | 05 | 185 |
| 7) - 1794 | Thereza | 20 | Junho | 05 | 234 verso |

Nota: O bacharel médico, José Luiz de Abreu, acaba os seus dias da vida presente em 20 de Setembro de 1797, e havia feito testamento (Arquivo Distrital de Aveiro - Livro de Óbitos número 13 - a folhas 69 verso). A morte acolheu-o, aos 58 anos de idade, tendo sido sepultado na Igreja de Eixo.

O oitavo filho de Manuel Luiz ou Manuel Luiz de Figueiredo surgirá, no seu ramo genealógico, a seu tempo, dado o interesse que motiva.

Abordo, seguidamente, Maria, nascida, pois, em 1741, filha de Manuel Luiz e irmã do bacharel José Luiz de Abreu.

Não é possível, fazer história, sem revelar factos e outros dados, ressalvando o rigor dessa mesma História. Vejamos o casamento de Manuel Coelho de Magalhães, com aquela Maria – na vida presente, Maria Angélica Ferreyra –:

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Recebimentos**
**de Santo Isidoro de Eixo**
***Número 9 - Folhas 82***

À margem:

Anno de 1770

Manuel Coelho de Magalhães com Maria Angélica

"– Aos dezanove dias do mes de Mayo de mil sete centos e setenta annos, nesta parochial Igreja de Eixo, em minha presença e das testemunhas abaixo asignadas e mais povo se

receberão na forma do sagrado concílio tridentino constituições e pastoraes deste bispado, Manuel Coelho de Magalhães, filho legítimo de João Coelho e de Angélica Maria naturaes da freguesia de Espargo, bispado do Porto, com Maria Angelica Ferreyra, filha legitima de Manuel Luiz, cirurgião, e de Ignez Ferreyra, desta villa. Foram testemunhas Antonio dos Santos Rosa e João da Fonseca, desta mesma villa. O parocho: João Correia da Costa".

E, deste enlace matrimonial, resulta a seguinte prole, cabendo, no entanto, dizer que a filha primogénita – Maria – nasceu logo após o casamento dos pais, como se vê:

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Recebimentos de Santo Isidoro de Eixo**
***Número 9 - Folhas 82***

| Anos | Nomes | Dias | Meses | Livro | Folhas |
|---|---|---|---|---|---|
| 1) - 1770 | Maria | 04 | Julho | 04 | 136 |
| 2) - 1771 | Quitéria Rosa | 07 | Outubro | 04 | 154 |
| 3) - 1773 | Mónica | 29 | Fevereiro | 04 | 177 |
| 4) - 1774 | Luiz Cipriano | 16 | Setembro | 04 | 204 verso |
| 5) - 1777 | Rosa | 20 | Junho | 04 | 248 |
| 6) - 1779 | Manuel | 16 | Fevereiro | 04 | 276 |
| 7) - 1780 | Antonio | 27 | Novembro | 04 | 313 verso |

Em 1962, o então presidente da Câmara Municipal de Aveiro – Engenheiro Henrique de Mascarenhas, que não sendo natural de Aveiro, visto que nascera no Centro Caneco de Gôa, teve a preocupação de, lá do alto da sua poltrona, determinar que, no centenário da morte de José Estevão Coelho de Magalhães, se editasse um livro sobre o evento.

Com efeito, a obra veio a público, intitulada "José Estevão – Estudo e Colectânea" – Edição da Comissão da Cultura - Ano de 1962 - 4 de Novembro.

Ora, nesse trabalho, interessante, o próprio filho do tribuno, a página vinte e cinco, em nota, diz, textualmente, o seguinte: "– seu pai, Manuel Coelho de Magalhães, ali casou... com D. Maria Angélica Ferreira de Abreu, do lugar do Outeiro, Eixo, filha legítima de Manuel Luiz de Abreu, cirurgião, e de Inês Ferreira, da mesma vila de Eixo." – "e do seu casamento houve dois filhos e três filhas". Foram eles: Luis Cipriano, acima mencionado, que foi o pai de José Estevão, que morreu solteiro, na prisão de Almeida; Quitéria Rosa que casou em Eixo, com Joaquim Ferreira; Maria Isabel da Graça, que casou em Eixo com José da Costa; Rosa que casou em Eixo, com Francisco Fernandes da Costa".

Está quase tudo certo.

Com efeito, Manuel Luiz, cirurgião, havia

nascido no pequeno lugarejo do Outeiro, em Eixo, como referi, ali viveu, na casa que herdara de seus pais e foi, igualmente, conhecido por Manuel Luiz de Abreu, ramo que é transmitido, pelos apelidos, aos filhos.

Mas cumpre-me salvaguardar este meu delicado trabalho. Não desejo, por princípio algum, vir a ser contestado.

É que, se Luiz Cipriano, filho de José Estevão Coelho de Magalhães, afirma que seu bisavô paterno – Manuel Coelho de Magalhães – foi pai, unicamente, de cinco filhos, quem sou eu afinal, para, no quadro genealógico, em que me aprumo e esmero, referir sete filhos?

Vejamos que me assiste total razão.

E, para tanto, nada melhor do que transcrever os documentos.

É, face a eles, que a história se faz – não me cansarei de o afirmar – e os ramos vergônteos, pela investigação, tornam-se penosos para a recolha. Mas vale a pena. Vale sempre a pena – como diria Pessoa – dar ao público a verdade, no rigor daquilo que se apurou. Assim, sim. Ficam ressalvados lapsos e a História não é como a lua, mentireira, já que se me apresenta em D, quando é crescente e em C, quando é minguante. Mas a Lua, poética e romântica, é uma brincalhona, como certos poetas, patéticos...!

E alegres e contentes da vida!

## Arquivo Distrital de Aveiro
### Livro de Baptismos de Santo Isidoro de Eixo
*Número 4 - A Folhas 177*

Anno de 1773
À Margem Eyxo-Villa
Monica - "– Aos outo dias do mes de Março de mil setecentos e setenta e tres annos, baptizei solenemente a Monica, que nasceo aos vinte e nove de Fevereiro proximo passado, filha de Manuel Coelho de Magalhães e de Maria Angelica Ferreyra, desta villa, neta paterna de Joao Coelho de Magalhães e de Angelica Maria, da villa da Feira, bispado do Porto e materna de Manuel Luiz e Ignez Ferreyra, desta villa. Forão padrinhos o licenciado Eusébio Custodio das Neves e Maria André, molher de Manuel Marques e testemunhas Antonio dos Santos Rosa e Joao da Fonseca, desta villa."–

## Arquivo Distrital de Aveiro
### Livro de Baptismos de Santo Isidoro de Eixo
*Número 4 - A Folhas 313 verso*

Anno de 1780
Eyxo (Villa)
Antonio - "– Aos cinco dias do mes de Dezembro de mil sete centos e outenta annos, baptizei solenemente a Antonio, que nasceo aos vinte e sete do mes de Novembro proximo passado filho legitimo de Manuel Coelho de Magalhães e de Maria Angelica Ferreira de Abreu, desta villa, neto paterno de Joao Coelho e de Angelica Maria, da villa da Feira, bispado do Porto e materno de Manuel Luiz, cirurgião, e Ignes Ferreyra, desta villa. Foram padrinhos: o reverendo Antonio Correia de São Thomé, prior de Vilarinho do Bairro, com procuração do qual tocou o reverendo reitor desta freguesia, Joam Correia da Costa e Maria Boreta Correia de Sancta Anna, filha do capitão da Figueira, com procuração da qual tocou Antonio de Santa Rosa, desta villa e testemunhas o licenciado Joam Caetano de Abreu e Joam da Fonsequa, desta villa.–o parocho: Manuel Borges Ferreira".

***

Demonstrado ficou que Mónica e António eram filhos de Manuel Coelho de Magalhães.

Manuel Coelho de Magalhães termina os seus dias, posteriormente a sua mulher, Maria Angélica. Como se demonstra:

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Defuntos**
**de Santo Isidoro de Eixo**
***Número 13 - Folha 92***

À margem: 1802

Maria Angelica: "– Aos quatorze de Julho de mil oito centos e dois faleceo abintestada Maria Angelica, molher de Manoel Coelho de Magalhães, desta villa recebeo os sacramentos e foi sepultada dentro da Igreja"–.

Nota: aquele termo "Abintestada" significa que não foi feito testamento.

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Defuntos**
**de Santo Isidoro de Eixo**
***Número 13 - Folha 93 verso***

À margem: 1802

Eyxo - Manoel Coelho de Magalhães

"– Aos vinte e nove de Outubro de mil oito centos e dois faleceo abintestado Manoel Coelho de Magalhães, desta villa de Eyxo, não recebeo os sacramentos por morrer repentinamente e foi sepultado dentro da Igreja. – o paroco: Manuel Francisco da Silva.

Mas vejamos, ainda, o ramo genealógico do licenciado, em medicina, Dr. José Luiz de Abreu.

Era casado com Dona Maria Eugénia Dias de Carvalho, ela, resultante do matrimónio de Sebastião Dias de Carvalho e de sua mulher, dona Maria Rodrigues, facto que se confirma com a seguinte transcrição:

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Recebimentos**
**de Santo Isidoro de Eixo**
***Número 9 - Folhas 6 - Anos de 1749 a 1789***

À margem:

Eyxo. - Sebastião Dias com Maria Rodrigues.

"– Aos dez dias do mes de Agosto de 1749, se receberão nesta Igreja, matrimonialmente, com minha presença, a Sebastião Dias de Carvalho, filho legitimo de Manuel Dias e de sua mulher Maria Rodrigues de Figueiredo, filha de Alfredo Gonçalves de Figueiredo e de Sebastiana Rodrigues, todos desta villa de Eyxo."–

***Nota:*** Não deve ser confundido este Sebastião Dias de Carvalho, com outros, de igual nome e apelido. Casos concretos, do reverendo Sebastião Dias de Carvalho, de Eixo, falecido, ali, em 17 de Setembro de 1822.

Vê-se, deste assento, que Maria Rodrigues era, também, conhecida por Maria Rodrigues de Figueiredo, por se tratar da mesma pessoa.

Dona Maria Eugénia Dias de Carvalho nascera em 1752, como se demonstra:

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Baptismos**
**de Santo Isidoro de Eixo**
***Número 3 - Folhas 345 verso***

À Margem
anos de 1735 a 1762

"– Aos vinte e sete de Fevereiro de mil

Aveiro: a Igreja da Misericórdia, onde ocorriam os desacatos.

setecentos e cinquenta e dous annos, baptizei a Maria, filha de Sebastião Dias e de Maria Rodrigues, neta paterna de Manuel Dias e de Maria Nunes e materna de Alfredo Gonçalves e de Sebastiana Rodrigues. Nasceo a vinte e hum do dito mes e anno. Foram padrinhos: João Dias e Josepha. Foram testemunhas Manuel Dias e João Carvalho de Freitas, todos desta villa. O cura-coadjuntor, Manuel Duarte."–

O casamento de Dona Maria Eugénia teve lugar em Eixo, no ano de 1775.

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Recebimentos**
**de Santo Isidoro**
***Número 9 - Folhas 201 - Verso***

À margem:
Villa - O bacheral José Luiz com Maria Eugénia

"– Aos vinte e dous dias do mes de Fevereiro de mil setecentos e setenta e sinco annos, nesta parochial Igreja de Santo Isidoro de Eixo, em minha presensa e das testemunhas abaixo asignadas e mais povo, se recebeo na forma do sagrado concilio tridentino constituiçôens e pastoraes do bispado, o bacharel Jose Luiz de Abreu, filho legitimo de Manuel Luiz e de Ignez Ferreyra, desta villa, com Maria Eugenia de Carvalho, filha legitima de Sebastiao Dias de Carvalho e de Maria de Figueiredo, da mesma villa. Forão testemunhas: Sebastiao Marques, sacristām e João da Fonseca, todos desta villa. O parocho: Sebastiao.

Dona Maria Eugénia faleceu em 27 de Novembro de 1794.

Dado ter sido já indicado o ramo descendente, deste casal, fica concluído o processo respectivo, na vergôntea que interessava.

Quitéria Rosa de Magalhães, como referi, acompanhou seu irmão, Manuel Coelho de Magalhães, para Eixo.

Aqui, contraiu matrimónio com Manuel António da Silva, em 1766.

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Recebimentos**
**de Santo Isidoro de Eixo**
***Número 9 - Folhas 69 verso***

à margem:
1766 - Villa
Manuel António da Silva com Quiteria Rosa de Magalhães.

"– Aos onze dias do mes de Fevereiro de mil sete centos e cessenta e seis annos, em minha presença, e das testemunhas abaixo asignadas e mais povo, se recebeo na forma do sagrado concilio tridentino, condiçôens e pastoraes de Sua Excelencia e com licença da Camara Eclesiástica, Manuel Antonio da Silva, filho legitimo de João Antunes da Silva e de Thereza Maria, natural da freguesia de São Julião da cidade de Lisboa, com Quiteria Rosa de Magalhães, filha legitima de João Coelho e de Maria Angelica, da Villa da Feira, bispado do Porto. Foram padrinhos: António da Santa Rosa, sacristão da Igreja e João Fonsequa, desta villa. O cura Joao Correa da Costa."–

É, esta Quitéria, quem dá origem a muitas outras Quitérias, de Eixo e lugares limítrofes, na sua condição de madrinha.

Deste casamento, resulta a seguinte prole:

| Anos | Nomes | Dias | Meses | Livros | Folhas |
|---|---|---|---|---|---|
| 1) - 1766 | Joachim | 15 | Dezembro | 4 | 75 |
| 2) - 1768 | Narciso | 09 | Novembro | 4 | 104 verso |
| 3) - 1772 | Maria | 25 | Abril | 4 | 164 |
| 4) - 1776 | João | 01 | Fevereiro | 4 | 224 verso |
| 5) - 1780 | Luiza | 18 | Novembro | 4 | 382 |

Manuel António da Silva faleceu, em 11 de Novembro de 1782 (livro de óbitos de Santo Isidoro de Eixo - n.º 13 - folhas 13).

Quitéria Rosa de Magalhães, sua mulher, finou-se, no dia 7 de Junho de 1799 (livro de óbitos de Santo Isidoro de Eixo - número 13).

Vejamos, agora, o caminho seguido pelos filhos de Manuel Coelho de Magalhães e de sua mulher Maria Angélica de Abreu.

Tiveram determinada acção, e aos quais me refiro, já e unicamente: O primogénito, Maria Isabel Graça; Quitéria Rosa Magalhães (nome idêntico ao de sua tia paterna, casada com Manuel António da Silva); Luiz Cipriano; e Manuel Coelho de Magalhães de Abreu (este, o infortunado de Almeida), e Rosa de Magalhães Liberata de Araújo (também conhecida por Lobata).

A Maria Isabel Graça casou, em Eixo, com José da Costa, como refere a sua certidão do teor seguinte:

## Arquivo Distrital de Aveiro
### Livro de Recebimentos de Santo Isidoro de Eixo
*Número 6 - Folhas 10 verso*

à margem:
1791 - Eyxo
Jose da Costa com Maria Isabel

"– Aos sete dias do mes de Março de mil sete centos e noventa e hum annos, nesta parochial Igreja de Santo Isidoro de Eyxo, na minha presença e das testemunhas abaixo asignadas e mais povo, se receberão na forma do sagrado concilio tridentino, condiçòens e pastoraes e com licença da Camara Eclesiástica deste bispado, Jose da Costa, filho legitimo de José da Costa e de Isabel Dias, com Maria Isabel da Graça, filha legitima de Manoel Coelho de Magalhães e de sua molher Maria Angélica Ferreira de Abreu, da mesma Villa.

Forão testemunhas: o padre Sebastião Dias de Carvalho, desta villa e Antonio da Santa Rosa, sacristam da Igreja."– O parocho: Manuel Ferreira.

Este enlace motiva a seguintes geração:

| Anos | Nomes | Dias | Meses | Livros | Folhas |
|---|---|---|---|---|---|
| 1) - 1791 | Rosa | 15 | Julho | 5 | 152 a) |
| 2) - 1793 | Luiz | 12 | Fevereiro | 5 | 214 verso |
| 3) - 1796 | Maria | 08 | Dezembro | 5 | 276 verso |
| 4) - 1802 | Eugénia | 16 | Abril | 6 | 56 |
| 5) - 1803 | João | 30 | Dezembro | 6 | 80 |
| 6) - 1809 | Miquelina | 19 | Janeiro | 6 | 140 |
| 7) - 1811 | Emílio | 18 | Março | 6 | 158 |

a) - Não há lapso. É assim mesmo. Casamento em Março 1791, nascimento em Julho do mesmo ano.

Maria Isabel Graça faleceu, em 17 de Maio de 1853 (registo de óbitos – Santo Isidoro de Eixo – livro 14 - folhas 24 verso).

***

Vejamos o casamento de Quiteria Rosa de Magalhães, filha de Manuel Coelho Magalhães, no ano de 1789, com Joaquim Ferreira.

## Arquivo Distrital de Aveiro
## Livro de Recebimentos de Santo Isidoro
### *Número 10 - Folhas 4 verso*

À margem: - 1789 - Eyxo
Joaquim Ferreira com Quiteria Rosa

"– Aos vinte e oito dias do mes de Novembro de mil sete sentos e outenta e nove annos, nesta parochial Igreja de Santo Isidoro de Eyxo, na minha presença e das testemunhas abaixo asignadas se recebeo na forma do sagrado concilio tridentino e constituiçoens e pastoraes do bispado – Joaquim Ferreira – filho legitimo de Pedro Fernandes e Maria Ferreira desta villa, com – Quiteria Rosa de Magalhães – filha legitima de Manoel Coelho de Magalhães e de Maria Angelica Ferreira de Abreu, da mesma villa. Forao testemunhas Antonio da Santa Rosa, sacristam da Igreja e Joachim Fernandes, clerigo in monoribus, desta villa. – O cura: Manuel Jorge Ferreira –".

Deste enlace, resultou a seguinte prole registada nos livros de Santo Isidoro de Eixo (ver mapa na *página ao lado*):

Joaquim Ferreira ou Joaquim Pedro Ferreira faleceu em 05 de Fevereiro de 1834 (livro de óbitos de Santo Isidoro n.º 14 - folhas 33 verso).

Quitéria Rosa de Magalhães – viúva de Joaquim Ferreira – faleceu em 10 de Agosto de 1821 (livros de óbitos de Santo Isidoro n.º14 - folhas 88 verso)

## Luiz Cypriano Coelho de Magalhães

Terá o seu recorte em momento oportuno.

Em esclarecimento que reputo de interesse: – os de Santa Maria da Feira, no seu profundo culto religioso, pelo que herdaram do povo godo, constituiram, pelos tempos, o costume de

| Anos | Nomes | Nasci.tos | Baptismos | Livros | Folios | Notas |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1) - 1789 | Ignacia | - | 27 Julho | 05 | 132 verso | a) |
| 2) - 1791 | Francisco | - | 28 Novembro | 05 | 182 | - |
| 3) - 1795 | Aniceto | - | 17 Abril | 05 | 240 | - |
| 4) - 1797 | Nicolau | - | 08 Julho | 05 | 287 | - |
| 5) - 1802 | Maria | - | 21 Março | 06 | 54 verso | - |
| 6) - 1804 | Jose | - | 20 Novembro | 06 | 92 verso | - |
| 7) - 1807 | Anna | - | 14 Fevereiro | 06 | 118 verso | b) |
| 8) - 1813 | Sebastiam | - | 22 Julho | 06 | 178 | - |

a) - Ignacia, filha legitimada em 28 de Novembro de 1789, pelo casamento dos pais.
b) - Anna, cujo estado civil se manteve como solteira - "per cosa" de, em 10 de Maio de 1828 (aos 21 anos de idade) ter sido mãe de filho de pai natural, embora conhecido.

respeitarem o primeiro apelido dos filhos, ao dia liturgico em que nasceram. Caso, aqui concreto de Luiz Cypriano (de São Cypriano, a 16 de Setembro).

## Manuel Coelho de Magalhães

Também conhecido por Manuel Coelho de Magalhães Abreu, nascido em 1779, foi um infortunado, vítima do terror e da prepotência dos princípios absolutistas e levado foi às masmorras de Almeida, cumprindo longo suplício, tendo, como crime cometido, o seu arreigado amor ao espírito liberal.

Faleceu aos cinquenta e quatro anos de idade, como reza o seguinte documento:

### Arquivo Distrital de Aveiro
### Livro de Óbitos
### de Santo Isidoro de Eixo
### *Número 14 - A Folhas 30 verso*

À margem: - Eyxo - Manuel Coelho

"– Consta por pessoas fidedignas que Manuel Coelho de Magalhães faleceu nas cadeas da Praça de Almeida, onde se achava retido por crimes politicos, o qual era natural desta villa e nella escrivão do tombo da serenissima Casa de Bragança, falecido em 9 de Janeiro do presente anno de 1833. Para constar faço este assento. – Vila de Eixo aos 28 de Maio.

Era ut supra: – o reitor: - Paulo de Costa André de Moraes.

Havia substituido o pai – Manoel Coelho de Magalhães – por morte deste, no cargo de escrivão do almoxarifado.

**Rosa de Magalhães Liberata de Araújo.**

Casou com Francisco Fernandes da Costa em 1796, como se demonstra:

### Arquivo Distrital de Aveiro
### Livro de Recebimentos
### de Santo Isidoro de Eixo
### *Número 10 - Folhas 32*

à margem
1796 - Eyxo
Francisco Fernandes com Rosa de Magalhães

"– Ao primeiro de Junho de mil setecentos e noventa e seis annos, nesta parochial Igreja de Santo Isidoro de Eyxo, na minha presença e na forma do sagrado concilio tridentino e constituições e pastoraes, o reverendo Sebastião Dias de Carvalho recebeo a Francisco Fernandes da Costa, filho legitimo do capitão Caetano Fernandes da Costa e Maria Dias, desta villa, com Rosa de Magalhães Lobato de Araújo, filha legitima de Manuel Coelho de Magalhães e de Maria Angelica de Abreu, todos da mesma villa. O cura Manuel Brito da Costa".

Francisco Fernandes e Rosa de Magalhães, conhecidos, também, por Francisco Fernandes da Costa e Rosa Angélica de Magalhães, ou, ainda, Rosa de Magalhães Liberata de Araújo.

Desta união conjugal resultou a prolífera descendência, como se refere:

| Nomes | Anos | Dias | Meses | Livros | Folhas | Notas |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1) - Manuel | 1796 | 18 | Outubro | 5 | 273 verso | |
| 2) - Jacinto | 1798 | 08 | Setembro | 6 | 6 verso | a) |
| 3) - Maria | 1800 | 10 | Novembro | 6 | 35 | |
| 4) - Joachim | 1803 | 13 | Fevereiro | 6 | 68 | |
| 5) - Rita | 1805 | 07 | Janeiro | 6 | 94 | |
| 6) - Florentina | 1807 | 16 | Setembro | 6 | 125 | |
| 7) - Joanna | 1810 | 07 | Setembro | 6 | 155 verso | |
| 8) - Joseph | 1812 | 02 | Setembro | 6 | 168 | |
| 9) - Liberata | 1814 | 22 | Março | 6 | 187 | |
| 10) - Rosa | 1816 | 03 | Março | 6 | 204 verso | b) |
| 11) - Vitorino | 1817 | 07 | Agosto | 6 | 221 | |
| 12) - Rosa | 1821 | 23 | Julho | 6 | 249 | |

a) - Jacinto, faleceu em 2 de Setembro de 1865, com 69 anos de idade.
b) - Faleceu de tenra idade, dando motivo ao nome de irmã, nascida em 1821.

Rosa de Magalhães Liberata de Araújo faleceu, em Aveiro, na Rua Direita - casa que foi de seu sobrinho, José Estevão Coelho de Magalhães, onde, hoje, se situa um departamento estatal, no dia 26 de Maio de 1863, idosa de 86 anos, na situação de viúva de Francisco Fernandes da Costa.

**Luiz Cypriano Coelho de Magalhães** nasceu em 1774, como me é referido pelo seguinte assento:

## Arquivo Distrital de Aveiro
### Livro de Baptismos de Santo Isidoro de Eixo
*Número 4 - Folhas 204 - Verso*

à margem:
Villa - Luiz Cipriano
"– Aos vinte e seis dias do mes de Setembro de mil sete centos e setenta e quatro annos baptizei solenemente a Luiz Cipriano, que

nasceo aos dezasseis dias do mesmo Setembro, filho Legitimo de Manuel Coelho de Magalhães e de Maria Angelica Ferreira, desta villa. Neto paterno de Joao Coelho e de Angelica Maria e materno de Manuel Luiz, cirurgião e de Ignes Ferreira desta mesma villa. Foram padrinhos o doutor Luiz Anselmo Seixas, da villa e freguesia de Agueda, com procuração da qual tocou seo filho, José Patricio e madrinha dona Rosa Joaquina da Sylva, molher do capitão Bernardo Simões de Carvalho, da freguesia de Requeixo, com procuração da qual tocou o reverendo doutor João Simões de Carvalho, seo sobrinho e testemunharam Sebastiao Marques, sacristam da Igreja e João da Fonsequa, desta villa. – O parocho João Correa da Costa."

Pelos anos da era de 1770, morava, em Aveiro, na freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, em casa sita na rua dos Sombreireiros, (início dos arcos da cidade), o casal Manuel da Costa Guimarães e sua mulher, Anna Joaquina Rosa, ele, natural da freguesia de São Martinho de Armil (Braga), de onde eram naturais, afinal, todos os Guimarães, radicados em Aveiro, por aquela época, e ela, Anna Joaquina Rosa, natural da freguesia de São Miguel, – Aveiro.

## Arquivo Distrital de Aveiro
### Livro de Baptismos da Apresentação
*Número - 1 - Ano de 1777*

à margem:
Anno de 1777
Clara (falecida)
"– Em dezasseis dias de Outubro de mil sete centos e setenta e sete baptizei e puz os santos oleos a Clara q. nasceo em os cinco dias do referido mes e anno, filha de Manuel da Costa Guimarães, da freguesia de São Martinho de Armil e de sua molher Anna Joaquina Rosa da freguesia de São Miguel, e moradores nesta minha Nossa Senhora da Apresentação. Neta paterna de António Durães da Costa e de sua mulher Magdalena da Costa, naturaes da Freguesia de São Martinho de Armil, concelho de Cepães, arcibespado de Braga e materna de Luiz Ribeiro de Azevedo e de sua molher Joanna Luiza da Santa Rosa, naturaes da freguesia de São Miguel, desta cidade. Forão padrinhos Antonio Claudio da Fonseca Fradujo da villa ou lugar de Agueda, com procuração de João Henriques Castro, da villa de Cantanhede e José da Costa Guimarães, com procuração de sua irmã, Maria da Apresentação, irmãos da baptizada. Testemunhou o dr. Antonio Marques de Figueiredo." (1)

Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, a quem, certos biógrafos, indicam ter nascido em 1778, cursou medicina em Coimbra, tendo como companheiro de estudo e, igualmente, de borgas, um rapaz do Porto, Custódio Luiz de Miranda, médico. A este Custódio me referirei, a seu tempo, nestas linhas.

***

Em relação ao doutor Luiz Cypriano, continuo a abordar certos aspectos da sua vida, por implícitos e imperativos.

É certo que não me alongarei muito, sobre

(1) Homem de certa projecção, em Aveiro, onde casou e teve vasta geração, juiz-de-fora, em Penacova, ao tempo.

esta figura, já que será objecto em trabalho próprio.

Após a conclusão da sua formatura exerceu clínica privada, em Eixo, terra da sua naturalidade, mas cedo veio para Aveiro, onde foi médico do partido da Câmara Municipal, já que o célebre olho de vidro dera origem áquele lugar.

Com efeito, o bacharel em medicina, Braz Luiz de Abreu, teve preponderância, em Aveiro, onde viveu, a partir de determinado momento da sua vida, na Rua de Santo António e onde - é evidente - lhe nasceram os filhos e filhas, com excepção de um, que surgiu à luz do dia, em Lisboa e, naquele cargo, prestou relevantes serviços à cidade.

Luiz Cipriano, rapidamente conquistou, pelas suas qualidades morais e profissionais, o muito respeito e estima da cidade e, nos clás das amizades - como vou referindo - surgem clás de família, constituida, por via desse facto.

Nesse caso, se apresentava Manuel da Costa Guimarães, homem honrado e sério, comercian-
te prestigiado, na praça de Aveiro, (aos arcos, na tal rua dos sombreireiros).

Manuel da Costa Guimarães faleceu, na Apresentação de Aveiro, em 15 de Junho de 1808, (Arquivo Distrital de Aveiro - Livro de Óbitos número 1- Folhas 22 verso - Ano de 1808).

Mas Manuel da Costa Guimarães não teve oportunidade de ver a sua filha Clara casada com o dr. Cypriano, evento que ocorreu em 1809, como se demonstra:

**Arquivo Distrital de Aveiro**
**Livro de Recebimentos**
**da Apresentação de Aveiro**
***Número 3 - Folhas 10***

à margem:
Anos de 1802 a 1811
Luiz Cipriano e Clara Miquelina

"- Em - 8 - de Fevereiro de 1809 - na minha parochial Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, ali preguntando a Luiz Cipriano Coelho de Magalhães, filho legitimo de Manuel Coelho de Magalhães e de Maria Angelica Ferreira, da freguesia de Eixo, e a Clara Miquelina de Azevedo, filha de Manuel da Costa Guimarães e de Anna Joaquina Rosa de Azevedo, desta minha freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, e prestando hum e outro seus mutuos consentimentos, por palavras de presente, os ajuntei em Santo Matrimónio, cujo Sacramento assim receberão, na minha presença e nas do reverendo e de José dos Santos Silva e Domingos de Oliveira Monteiro."-

Este casal fixou residência no prédio da rua dos Sombreireiros (aos Arcos de Aveiro) propriedade de Manoel da Costa Guimarães, pai de Clara Miquelina.

O primogénito José nasceu, de facto, naquela rua dos Sombreireiros, mas a restante prole já foi nada na Rua do Loureiro - freguesia de S. Miguel.

Vejamos o quadro seguinte dessa prole:

# O desenvolvimento dos Castelos

*Irene Grossmann**

Existem castelos desde o Neolítico, sendo o seu aparecimento dependente de diferentes situações políticas e sociais. Desde cedo conhecem-se torres de fortificações simples (Jericó/Israel) ou castelos senhoriais na zona do Mediterâneo. Na Europa, predomina o castelo-refúgio. No Calcolítico Médio, na Idade do Ferro pré-romana ou no início da Idade Média, épocas de grande instabilidade, construíram-se muitos castelos na Europa Central. Castelos eram conhecidos por quase todos os povos antigos na Europa e Médio Oriente; foram construídos em diferentes lugares, aproveitando posições em altitude, à beira-rio ou à beira-mar.

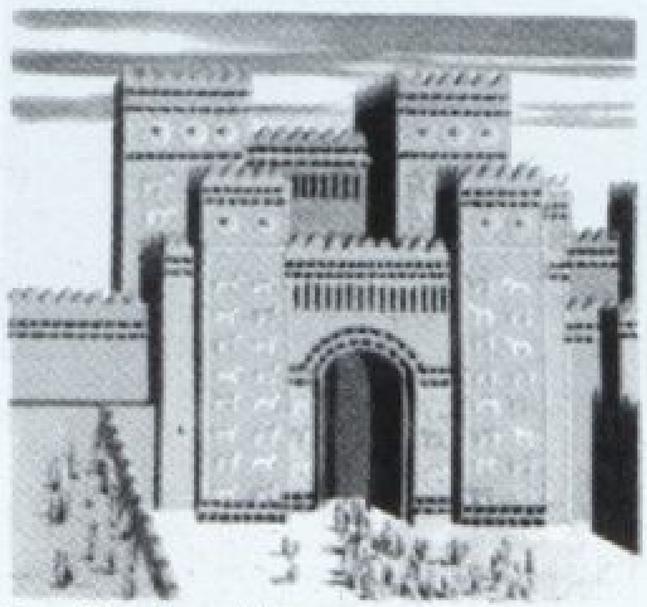
A construção dos castelos senhoriais na Idade Média teve influências, através das cruzadas, de Bizâncio e do Oriente. Fizeram-se castelos no alto dum monte, castelos com fossos ou canais naturais de água à volta em zonas planas, castelos dentro de rochas (Stein an der Traun/Aústria). Depois do final do séc. XIV, com o aperfeiçoamento das armas de fogo, houve uma modernização na construção dos castelos. Com o tempo, os castelos perderam a sua função de refúgio e já não interessavam como locais de habitação. Foram-se degradando. Mas houve alguns castelos que já na Idade Média começaram a desenvolver-se no sentido de se tornarem palácios (Heidelberg/Alemanha).

A Grande Muralha da China, com 2.400 Km de comprimento.

Na **China** já se conhecem no 2º. milénio a.C. povoados feitos em tijolos de adobe. Havia paliçadas em madeira (no Norte) e em bambú (no Sul). Desde o séc. 4 a.C. os povos chineses construíram muralhas fronteiriças com torres de vigia como protecção contra os ataques nómadas. Na dinastia Qin (por volta de 220 a.C.) estas muralhas foram ligadas umas às outras formando uma enorme linha defensiva, a Grande Muralha (Chang Cheng).

Na **Índia** os povos pré-arianos construíram fortalezas. Havia trincheiras de madeira.

No **Médio Oriente** há fortalezas desde o 2º. milénio a.C., documentadas em textos. De início eram simples, com paliçadas e fossos.



Muralhas da Babilónia.

---

* Licenciada em História da Arte.

# O desenvolvimento dos Castelos

Um pormenor da reconstituição da cidade de Jerusalem no tempo de Herodes, visto do monte das Oliveiras.

Castelo de Pierrefonds, França.

Os Hititas por exemplo tinham grandes fortificações em 1380 a.C.

Na **Europa** pré-histórica conhecem-se muralhas redondas, muralhas seccionadas, muralhas em pedra, muralhas em terra batida, sistemas de fossos... A sua existência sobrevive no vocabulário popular: castro na Península Ibérica; castellieri ou semelhante na zona do Adriático; Gorodisce, Gradisce ou Gradine em zonas eslavas; Burgwall, Ringwall, Wallburg, Hunenburg ou Hünenburg na Alemanha.

No **Neolítico** havia protecções em terra batida, paliçadas ou fossos para povoados e quintas isoladas (Windmill-Hill/ Inglaterra, Mayen am Rhein/ Alemanha). No SE da Europa faziam-se na mesma altura muralhas em pedra, lembrando as construções de Creta e do Médio Oriente.

No **Calcolítico** e na Idade do Ferro aparecem cada vez mais fortalezas. Os Celtas desenvolvem nos seus oppida construções de paredes altas feitas em madeira e pedra. (César escreveu sobre o "murus gallicus"). Nesta técnica faziam-se as muralhas das cidades (Bibracte/ França), das fortalezas (Altkönig im Taunus/ Alemanha) ou das residências senhoriais. No final da Idade do Ferro há redutos quadrados (Sul da Alemanha). Plataformas sobre montes de pedra ou de terra, em lagos ou pântanos, serviram como, refúgio (Crannog/Ilhas Britânicas).

Os **Romanos** utilizaram, pelo menos desde o séc. 3 a.C. protecções nos acampamentos em tempo de guerra. No séc. 1 a.C. atingiram o seu auge. Geralmente fazia-se no fim do dia de avanço em terreno inimigo, um acampamento com trincheiras em terra batida reforçadas com paliçadas. Como protecção ainda se faziam em terreno avançado fossos ou fojos, enquanto que os soldados permaneciam dentro da linha de defesa em castelos muralhados (na guerra de 48 entre César e Pompeio, e na guerra de 31 entre Octaviano e António). Destas experiências desenvolveram-se desde o séc. I . A.D. grandes construções defensivas nas fronteiras do Império Romano que não estavam protegidas por rios (na Britania, Germania e Síria). O Limes foi de início um caminho separador entre duas propriedades. Na época imperial evoluiu como linha fronteiriça, fortificada no final do séc. I (Muralha de Adriano e Muralha de Antonino, no Norte da Britania; no Danúbio; na Dácia; na Arábia; em África). Em parte

era uma construção com muralha e fosso; por vezes havia torres de vigia e castelos, que protegiam as estradas.

Os **Germanos** construíram fortificações quando se debateram com os Romanos: fortalezas – refúgio com trincheiras e fossos (Altenburg perto de Fritzlar/ Alemanha) e muros de fronteira (muro de Angriviários). Na Holanda também há quintas ou grupos de quintas fortificadas com paliçadas e fossos. Lugares fortificados aparecem desde as primeiras centúrias da nossa era em Borremose, Jutlandia/Dinamarca e na Escandinavia. Da época de guerras entre Francos e Saxões existem grandes castelos de povoados (Eresburg) dos Saxões, fortificações de cidades (Büraberg) ou castelos (Esesfeld, Höbeck) dos Francos. Com as invasões húngaras e normandas no séc. IX houve um incremento na construção de fortificações. Não se sabe se os palácios reais dos Carolíngios (Aachen ou Ingelheim) eram fortificados. Os palácios dos Otões eram no (Werla, Grona, Pöhlde, Tilleda). Os Escandinavos tinham cidades fortificadas (Haithabu, Birka) e acampamentos militares bem planificados (Aggersborg. Trelleborg). Em território germânico o castelo tornou-se dominante na paisagem a partir do séc. X.

Na região dos **Eslavos** havia desde o séc. VII muros redondos ou muros seccionados como centros de pequenas zonas senhoriais. Por vezes continham santuários (Arcona). Uma parte destas muralhas desenvolveram-se no séc. XI em sedes dos castelões. Paralelamente desenvolveram-se na Morávia no séc. VIII (mais tarde também com outros povos eslavos) grandes aglomerados citadinos fortificados (Alt-Lübeck, Mikulcice, Wollin), que se tornaram centros de missão cristã, além de pontos estratégicos de comércio e ofícios.

Da **Idade Média** existem muitas fortificações construídas com o intuito de longa duração; ainda hoje se detectam no terreno.

Em **Portugal** os recintos amuralhados aparecem cedo. Conhecem-se redondos ou ovalados, com uma ou várias muralhas de terra. No cimo tinham uma paliçada feita de estacas ou troncos de árvores. Muitas vezes havia um muro de suporte além da paliçada. A zona mais bem protegida era a entrada, por vezes com uma ponte levadiça sobre um fosso cheio de água (castro de Vila Nova de São Pedro/ Zambujal).

O Castel del Monte, de arquitectura militar tipicamente germânica, mas de estrutura gótica.

Paredes em talude e torres do famoso Krak dos Cavaleiros (Síria).

# O desenvolvimento dos Castelos

Na Guerra Medieval, as principais máquinas de ataque eram: ariete, catapulta, torre móvel, mantelete e escadas para a escalada de muralhas.

Guerreiro Medieval.

**Na Península Ibérica** há dois sistemas de fortificações distintos: o tardo-romano – visigótico (no Norte de Portugal – estruturas defensivas simples, planta irregular em terreno acidentado) e o tardo-romano-califal (a Sul do Tejo a partir do séc. X – planta regular em terreno plano, estrutura defensiva mais complexa com portas duplas, portas- torre, defesa de matacães, entrada em cotovelo, barbacã permanente, albarrã, torre oitavada, torre couraça). As fortificações chamadas góticas têm quase todas influências mudéjares (antigo Palácio da Ribeira/ Lisboa, Palácio da Vila/ Sintra). Nos castelos, de início, as muralhas são simples e as torres maciças. Só mais tarde as torres são ocas. As muralhas alargam-se e aumentam em altura; aparece o caminho de ronda permitindo uma maior mobilidade; as fortificações em pedra são variadas. Geralmente de tipologia simples. Planta irregular em terreno acidentado; planta regular em terreno plano (Alentejo). As torres de menagem podiam ter até 50 m de altura; tinham vários andares no seu interior com tectos de madeira (Norte) ou abobadados (Alentejo). A entrada, muitas vezes mais elevada que o terreno envolvente, fazia-se por escada amovível ou escada estreita em pedra. No interior da torre podia haver na base o paiol ou armazenamento; nos outros andares podia haver sala nobre, câmara e/ ou capela, quando o local era residência. As torres eram geralmente quadradas. Quando eram espaços ocos (a partir do séc. XII-XIII) serviam de armazéns, reservatórios, prisões, local de guarda de tesouros ou documentos (Torre do Tombo no castelo S. Jorge/Lisboa).

Com o aparecimento das armas de fogo as fortificações tiveram uma importância renovada. Contra ataques, a terra continuava a ser a melhor protecção. Modificaram-se as tácticas de defesa e com elas as construções das fortalezas: parapeito organizado com ameias e merlões, muralhas reforçadas depois alargadas na base, torres redondas, bastiões avançados... No séc. XVII, em França, Vauban desenvolve ainda mais a construção das fortalezas. A proposta de Canot, no final do séc. XVIII, duma construção planeada tendo em conta a defesa, só teve sucesso na Alemanha depois de 1815.

# O rumo da Animação Sociocultural

*Judite Lopes**

Vivemos na era da globalização em que as novas tecnologias, ainda que muito úteis, fazem com que a sociedade se vá transformando aceleradamente.

Estes tempos, marcadamente tecnológicos, têm dado origem a que as relações interpessoais se deteriorem de modo acentuado, dando lugar a um automatismo, individualismo e isolamento que muito afecta a sociedade.

Como "o Homem é um ser eminentemente social" e por isso necessita de fortalecer o seu relacionamento com os demais para se aperfeiçoar, dar satisfação às suas necessidades básicas e melhorar a qualidade de vida, torna-se cada vez mais premente a participação de todos na construção de uma sociedade mais homogénea e solidária.

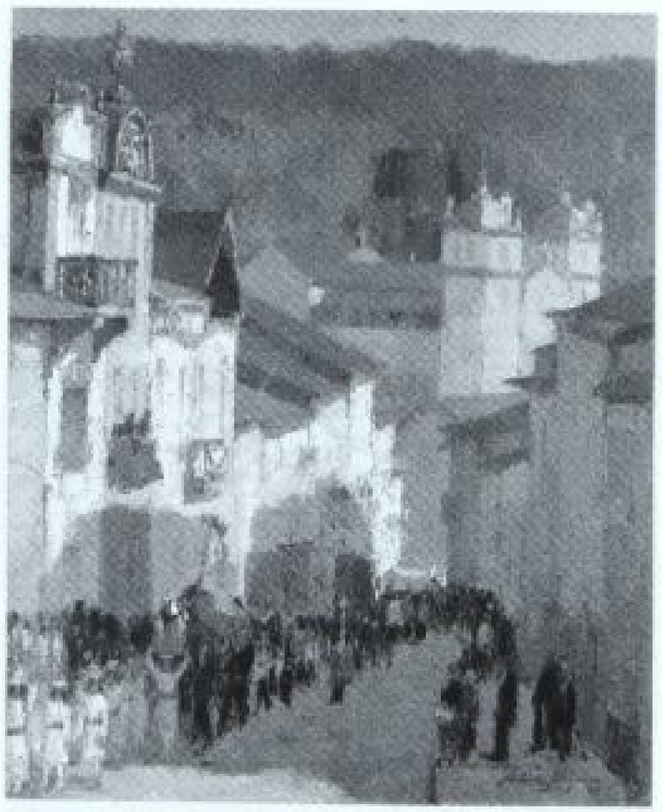
Um dos principais papéis da Animação Sociocultural é evitar a perda de identidade e o desenraizamento social provocado pela evolução dos tempos, para além de tentar combater as disparidades e os fossos sociais que são bem notórios.

O animador sociocultural é um importante dinamizador de grupos. Ele faz a detecção dos interesses e necessidades da população e servindo-se dos seus conhecimentos e usando estratégias várias, vai tentar dar resposta às pretensões do seu público-alvo.

A Animação Sociocultural está ainda a dar os primeiros passos em Portugal, o que faz com que seja um tema desconhecido para muitos.

Não é fácil definir este conceito mas pode afirmar-se que se trata de um conjunto de técnicas de intervenção visando o desenvolvimento humano, promovendo sempre a autonomia e a participação dos indivíduos.

Segundo Ander-Egg (sociólogo e economista argentino, professor em várias universidades da Europa e da América Latina), "a Animação Sociocultural é uma forma de acção pedagógica que se caracteriza pela busca e intencionalidade de originar processos de participação nas pessoas. É um conjunto de práticas sociais que, baseadas numa pedagogia participativa, tem por finalidade, actuar em diferentes âmbitos de



Procissão das Fogaceiras.
António Joaquim, 1980 - óleo s/ tela.

Feira Medieval.

* Frequenta o Instituto Piaget - V. N. Gaia.

Folclore.

Etnografia e artesanato.

desenvolvimento cultural, criando espaços para a comunicação interpessoal".

Esta metodologia de intervenção surgiu como uma forma de promoção de actividades destinadas a ocupar criativamente o tempo livre e corrigir o isolamento e a alienação produzidos pelos grandes centros urbanos. Outro dos seus objectivos é criar condições para a expressão, iniciativa e criatividade dos povos.

Aliada às ciências sociais e humanas, num âmbito multidisciplinar, a Animação Sociocultural sempre esteve voltada para as relações sociais, sobretudo para aquelas onde os sistemas de relação e comunicação estão desorganizados ou degradados.

Se anteriormente o seu objectivo primordial era ocupar criativamente o tempo livre, nos dias de hoje, a ocupação divertida já não é tão importante, dando-se a primazia à promoção do desenvolvimento integral da pessoa para que ela não se afaste do seu interior e das suas raízes culturais.

Sendo uma metodologia de intervenção social, a Animação Sociocultural funciona como uma das formas de acção cultural mas também apresenta uma função educativa, inserindo-se no contexto do ensino não formal, ao longo da vida (educação permanente) pois destina-se a completar a educação nos domínios onde esta não pode chegar. Cabe-lhe, então, encontrar novos e renovados espaços para o encontro, em convivência lúdica, recreativa e sadia, que possam ser considerados formadores em civismo e solidariedade.

A participação do animador poderá contribuir para uma mudança das mentalidades e fazer com que as organizações humanas promovam valores que conduzam ao bem comum, em prol do engrandecimento da sociedade. No seio de um grupo, ele pode ajudar a preservar a identidade local, proporcionar uma saudável ocupação dos tempos livres, contribuir para uma melhor qualidade de vida e incrementar o desenvolvimento social e cultural da comunidade.

A Animação Sociocultural tornou-se uma necessidade e tenta abrir caminho, na sociedade actual, como uma nova modalidade pedagógica que é. Num espírito de entreajuda e de troca de experiências, ela fomenta a solidariedade e a autonomia, fazendo com que os indivíduos se tornem "actores do seu próprio desenvolvimento".

# O Cão

*Joaquim Máximo**

Quem, partindo da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, se dirigir para a estação de caminho de ferro das Devesas, seguindo pelas ruas Álvares Cabral e Conselheiro Veloso da Cruz, encontra à direita, depois de percorridos cerca de trezentos metros, a rua do Choupelo. É uma rua entre muros de antigas quintas agrícolas. Descendo esta rua encontrava-se, a cerca de uma centena de metros do seu começo, um portão pintado de verde escuro. Era a entrada da Quinta do Choupelo, com o seu nome, seguido do número 200, inscrito num rectângulo de azulejos, embebido num muro lateral situado à sua esquerda.

Na Quinta do Choupelo viveu, na época da Segunda Guerra Mundial, Kurt Dithmer, agente nazi em Portugal e filho de um general alemão. Antes dele, aí viveu o seu proprietário, meu amigo e colega de curso, Mário Flores e depois dele o então director do Jornal de Notícias, Manuel Pacheco de Miranda. Depois vivi eu, há muitos anos, com a minha mulher e as nossas seis crianças.

Com os seus três mil metros quadrados de parte urbana e sete mil de parte rústica, a quinta era um tranquilo paraíso campestre ao lado da vida prática da cidade. Na parte rústica cresciam abundantes árvores: dois castanheiros, duas cerejeiras e várias laranjeiras, pessegueiros e ameixoeiras. Numerosas videiras davam uma pipa de vinho americano por ano, e um terreno rectangular, que tinha sido, no tempo do ariano Dithmer, um campo de ténis, depois transformado pelo prático Pacheco de Miranda em terreno de cultivo, dava três toneladas de batatas por ano. Tudo isto era regado pela água que, vinda de um inesgotável poço, era armazenada num tanque de granito onde as crianças aprenderam a nadar. Uma capoeira, onde sessenta galinhas poedeiras punham cinquenta e seis ovos por dia e uma estufa, onde cultivávamos orquídeas, completavam, além duma criação de coelhos e porcos, as vantagens proporcionadas por esta parte rústica, enriquecida ainda por uma enorme quantidade de framboesas.

A enorme tília que existia na parte urbana dava, no Verão, farta sombra fresca. E o sol, coando-se por entre os ramos onde a sua folhagem era mais rala, pintava no saibro do chão umas elipsesinhas amarelas que começavam a dançar umas com as outras sempre que se levantava alguma aragem. Lembro-me que era debaixo da sua rama que me sentava, numa confortável cadeira de lona, no fim das tardes de Verão, quando regressava do trabalho. E era então aí que me descontraía, enquanto ouvia, vindo do lado de lá do rio, o rugido do velho leão do Palácio de Cristal, único som que se ouvia além do cantar dos melros e do chilrear da outra passarada que por ali abundava.

Pastor alemão.

---

* Engenheiro Electrotécnico pela Universidade do Porto.

# O Cão

Às vantagens da tranquilidade, da auto-suficiência e das outras que a Quinta do Choupelo oferecia, opunham-se os eventuais riscos resultantes da sua solidão. Por mais que uma vez nos apercebemos que, pela calada da noite, havia intrusos que saltavam pelo muro de vedação que dava para a rua do Choupelo. Seria provavelmente só para roubar fruta, mas era de admitir a hipótese de que, mais dia menos dia, se atrevessem a assaltar a casa. E foi por isso que adquirimos um cão de guarda.

O animal era um belíssimo pastor alemão que apresentava uma configuração dentária que nos pareceu convenientemente apropriada para a finalidade desejada. E foi então que nos lembrámos que teríamos de tratar da respectiva licença. Mas, como entre as minhas numerosas limitações, se situa a da minha total incapacidade para lidar com funcionários públicos, consegui convencer a minha mulher a ir tratar do assunto à repartição pública apropriada. Então a parte que se segue desta pequena história consiste, na sua quase totalidade, no que ela me contou.

De acordo com o relato que me fez, a minha mulher foi atendida, na repartição que tratava das licenças de animais, por um funcionário que, com um modo arrogante e brusco, lhe perguntou o que pretendia.

- Desejo obter uma licença para um cão de guarda para a minha residência – respondeu a minha mulher.

- E onde é que a senhora mora?

- Na Quinta do Choupelo, Rua do Choupelo, n.º 200.

- Tem que aguardar um momento – disse o funcionário, regressando, pouco depois, com um calhamaço que consultou. E então informou:

- O cão não pode ser de guarda, como a senhora queria, talvez para obter uma licença mais barata que a de um cão de luxo. Mas deve ser como cão de luxo que o seu cão deve ser registado.

- Posso saber porquê?

- Porque a zona onde a senhora mora é policiada e, em zonas policiadas, não são aplicáveis licenças para cães de guarda.

- Mas eu nunca lá vi polícia nenhum!

- Não importa nada o que a senhora nunca tenha visto ou o que tenha visto. O que importa é que diz aqui neste papel que a zona é guardada pela polícia. Como tal o seu cão não pode ser de guarda.

- Bem, então não trato de nada hoje. Vou falar com o meu marido para ver como vamos resolver o assunto.

- A senhora tenha cuidado! Se não tratar rapidamente do assunto arrisca-se a ter de pagar uma multa que não é pequena!

Quando, nesse dia, regressei a casa vindo do trabalho, a minha mulher contou-me o que se tinha passado. Então, embora o nosso cão não tivesse nada que se assemelhasse a um «cão de luxo», resolvemos, para evitar problemas, que a minha mulher voltasse, logo que possível, à repartição de licenças de animais, para o registar como tal e obter a respectiva licença, tanto mais

que, pelo facto de ser mais cara, não seria essa a razão que atrapalharia as nossas finanças.

Ao chegar ao balcão de atendimento do público, a minha mulher constatou que o funcionário era outro. Era muito diferente do primeiro, e ainda bem, porque se nós fossemos todos iguais uns aos outros este mundo era uma pasmaceira. Este era todo delicadeza, com muita «Vossa Excelência» para aqui e muita «Vossa Excelência» para ali. Quando, a seu pedido, a minha mulher lhe contou o que se tinha passado, disse:

- Talvez eu não lhe devesse contar isto, mas saiba Vossa Excelência que, para o seu caso, ocorreu-me uma solução alternativa que, com toda a certeza, será do seu total agrado. É a de considerar o simpático cão de Vossa Excelência e do seu excelentíssimo esposo como cão de caça, porque assim a licença do cão ficava-lhe relativamente em conta. Mas, pelo amor de Deus, não diga a ninguém que lhe dei esta informação, porque me podem acusar de inconfidente.

- Esteja descansado – disse a minha mulher – Acho que é uma boa ideia. Ponha lá então o cão, como cão de caça.

- Bem, mas, para isso, tem de me facultar, para fins de averbamento, a licença de caça do seu excelentíssimo esposo.

- Mas o meu marido não tem licença de caça, pela simples razão de que nunca foi caçador.

- Mas pode tirá-la sem precisar, para isso, de ser caçador. E, saiba Vossa Excelência, que é uma licença que lhe fica relativamente em conta.

- Bem, então não resolvo nada agora. Vou falar com o meu marido a respeito do assunto e voltarei aqui depois.

Quando regressei do trabalho, nesse dia, fui logo informado:

- Quim, tens de tirar uma licença de caça.

- Essa agora! Para quê?

- Para que o nosso cão possa ser registado como cão de caça, havendo, segundo me informaram, vantagem nisso.

E foi assim que decidi obter a licença de caça. Foi assunto que demorou relativamente pouco tempo a resolver. Depois de obtida a licença, foi logo a minha mulher ver se se resolvia de vez o assunto da licença do cão.

Ao chegar pela terceira vez à repartição onde se tratava do licenciamento de cães, a minha mulher deparou com o funcionário que a tinha atendido da primeira vez, que não perdeu tempo para lhe dizer:

- A senhora não é a da licença do cão de luxo? Não me diga que ainda não tratou do assunto!

- Não tratei, mas venho tratar dele agora. Venho para obter, para o cão, uma licença de cão de caça.

- Então faculte-me já a licença de caça do seu marido.

- Aqui a tem!

E o homem, ao verificar que a licença estava em ordem e tinha sido obtida muito recentemente, ficou furioso e disse:

# O Cão

- É claro que o seu marido possui a conveniente licença de uso e porte de arma para poder caçar!

- Isso é que ele não possui. Nem tem arma.

- Ah, ah! Bem me parecia. Então com que é o seu marido caça?

- Olhe! Caça com o cão! – respondeu a minha mulher com a paciência já completamente perdida. E o cão ficou como cão de caça!

Lembrei-me deste episódio ocorrido, na nossa vida, já há muitos anos, quando, há já algum tempo, passei acidentalmente pela rua do Choupelo. Enchi-me de tristeza com aquilo que vi. Estavam as árvores a ser derrubadas e o terreno a ser terraplanado para nele se construírem edifícios modernos. Tudo a ser destruído em nome do progresso! E é assim, com o derrube sucessivo de árvores que se vai agravando o efeito de estufa que, conjuntamente com o buraco de ozono, se está a dar cabo do nosso planeta. E, para esta recordação do passado, ocorreu-me o seguinte fecho:

## O cão de caça

Para guardar um dia a nossa quinta,
Tivemos de adquirir um feroz cão.
Saibam que era um pastor alemão.
E todos diziam: Tem cá uma pinta!

Um funcionário, com pouca perícia,
Disse: De luxo será a licença!
Pois morávamos, segundo sua crença,
Em zona guardada pela polícia.

De luxo p'ra ele, de guarda p'ra mim!
Depois de enorme discussão, por fim,
Decidiu-se, para evitar desgraça,

Que não fosse de luxo nem de guarda.
E, apesar de eu não ter espingarda,
O cão acabou por ser cão de caça!

# "Amores Universais de D. Pedro e D. Inês de Castro no Castelo de Santa Maria da Feira"

***Rosa Maria Pais****

A história de D. Inês de Castro e de D. Pedro I de Portugal (n. 1320, m. 1367) possui o inesgotável desígnio de encontrar, nas várias expressões artísticas que a tratam, uma complementaridade comunicativa que suplanta o facto real da História de Portugal que lhe deu origem.

Fernão Lopes, o cronista do reino de Portugal nomeado pelo rei D. Duarte em 1434, narrou com desenvolvimento os factos inesianos, na sua **Crónica de Afonso IV** que se terá perdido e à qual se refere nos capítulos XXVIII e XLIV da sua outra **Crónica del rei D. Pedro**. É também, na primeira parte da **Crónica de D. João I**, que este cronista reitera a referência aos factos que a historiografia guarda como os primeiros testemunhos coevos de um episódio de vida, cujos protagonistas são D. Inês, D. Pedro e D. Afonso IV.

De origem galega e bastarda, D. Inês pertencia à alta nobreza castelhana e tinha ascendência real, por parte do pai, D. Pedro Fernandes de Castro, que era neto ilegítimo do rei Sancho IV de Castela. Inês nascera de uma relação fortuita deste nobre com D. Aldonça de Valadares, de quem nada ou pouco se sabe. Para além da sua ascendência ilustre, Inês recebera também uma educação semelhante àquela que se dava aos descendentes reais destinados a terem êxito nobiliástico. Gil Vicente, na sua farsa da **Divisa da Cidade de Coimbra** (1527), testemunha que os Castros eram tidos como membros da primeira nobreza do país que pautavam as suas condutas de vida oficial da corte por uma grande lealdade a El-Rei. As posições eminentes que tiveram no reino e que tanta inveja causaram à nobreza portuguesa são disso um exemplo. Não foi por mero acaso que após a morte de D. Inês, e como que para recompor a situação, o seu irmão D. Álvaro de Castro recebeu várias terras em Portugal e foi nomeado 1.º Conde de Arraiolos, no reinado de D. Pedro I, e 1.º Condestável do Reino, no reinado de D. Fernando.

Foi a rara beleza de D. Inês (a História guarda-lhe o epíteto de Colo de Garça) que arrebatou de amores o seu primo em segundo grau (ver gráfico n.º 1), o infante D. Pedro, quando este a viu entre as damas de honor, no séquito da sua segunda esposa, D. Constança Manuel (ver gráfico n.º 2). O romance entre eles em nada foi discreto, tendo escandalizado a corte, humilhado e ofendido sobretudo a integridade de D. Constança. Em assomo de defesa, esta terá escolhido a jovem e bela Castro para madrinha de baptismo do seu segundo filho, o infante D. Luís, tentando assim criar impedimentos espirituais aos amores do marido por Inês. A morte do infante, uma semana após o seu nascimento, inviabilizou tal intenção e agravou a inveja e os rumores de que Inês se dava aos amores concubínicos com o futuro herdeiro de Portugal, por interesse próprio e proveito para a fortuna da complicada família dos Castro.

---

* Professora Doutora pela Universidade de Santiago de Compostela - Faculdade de Filologia.

# "Amores Universais de D. Pedro e D. Inês de Castro no Castelo de Santa Maria da Feira"

**D. Pedro e D. Inês descendentes de D. Sancho IV de Castela**

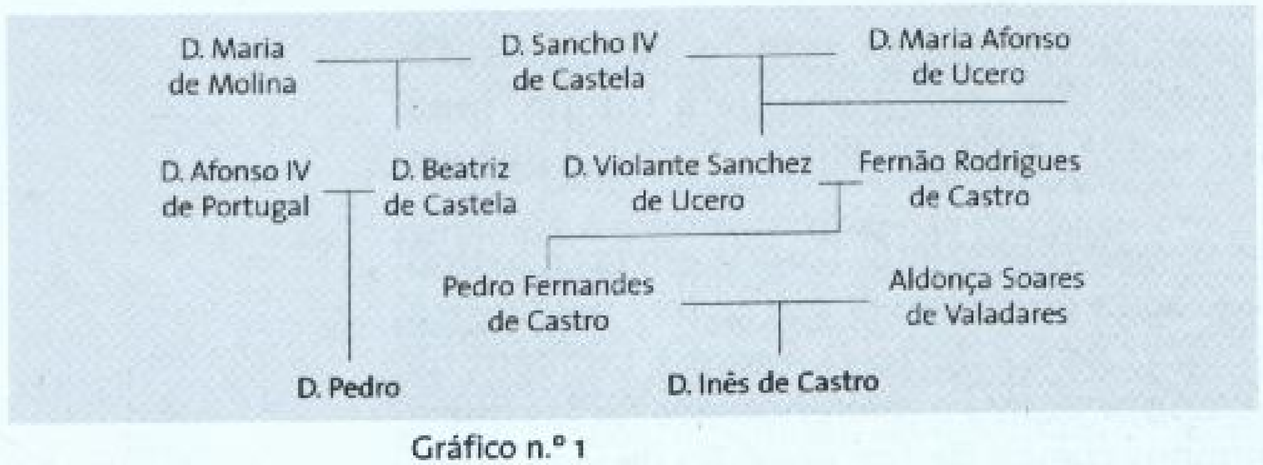



Gráfico n.º 1

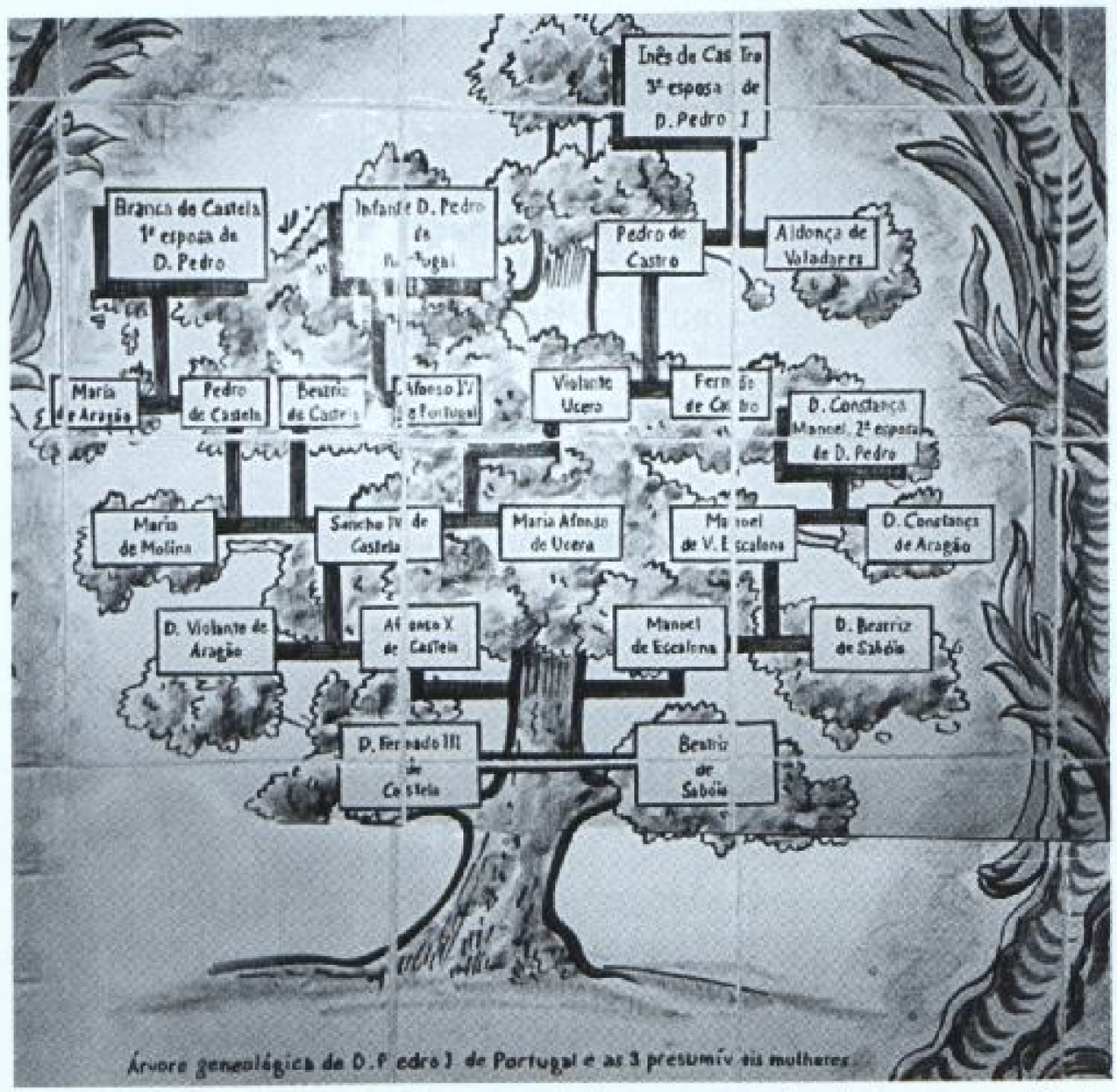



Gráfico n.º 2 - *Azulejo representativo da árvore genealógica de D. Pedro I e das suas três presumíveis mulheres, que se encontra no Paço de D. Pedro I, na Vila de Serra d'El Rei.*

Esta situação irritou profundamente D. Afonso IV que não podia, por certo, aceitar a ligação do seu único filho varão com uma bastarda, pois anos antes, no primeiro dia de Julho de 1340, anunciara a proibição das mancebias e das amantes mantidas por homens casados. A própria conduta de vida de D. Afonso IV testemunhou a rejeição desta prática tão habitual na época, já que, ao contrário de seu pai, o rei D. Dinis, que teve 7 filhos bastardos e apenas dois legítimos, ele revelou lealdade à sua esposa D. Beatriz de quem teve 7 filhos. Com este comportamento D. Afonso IV manifestou a tomada de consciência das terríveis consequências e ameaças à pacificação do Reino que as bastardias podiam representar. E a prová-lo esteve a vingança, o ódio e a guerra entre si e o seu pai, D. Dinis. Perante o receio de o meio-irmão D. Afonso Sanches, mais velho e predilecto de seu pai, ganhar preponderância no governo do reino português e fazendo-se crer que D. Dinis havia enviado uma petição ao Papa João XXII para que dispensasse o defeito de ilegitimidade em Afonso Sanches, D. Afonso IV pautou a sua conduta com sucessivas lutas contra o pai para poder garantir a sua sucessão legítima ao trono do Reino de Portugal. Difícil de esquecer este seu caso pessoal, D. Afonso IV tudo parecia fazer para impedir que novas lutas sucessórias se viessem a verificar entre os seus descendentes.

Por outro lado, os amores de D. Pedro comprometiam a própria segurança do reino, já que ele se entregava aos prazeres do amor e da caça, descurando os negócios e os deveres públicos.

Muitas foram as diligências feitas pelos Conselheiros de D. Afonso IV para demoverem D. Pedro, mas vendo que este não mudava de comportamento, o rei obriga D. Inês a sair do país e a recolher-se ao castelo de Albuquerque, onde fora criada por D. Teresa. Por volta de 1345, D. Constança morre devido a complicações decorrentes do parto do seu terceiro filho, o príncipe D. Fernando herdeiro da coroa portuguesa, facto que anulou um dos grandes obstáculos aos amores de D. Pedro. Sem demora, e contra a ordem expressa do seu pai, este manda que a amada volte para Portugal.

É assim que por volta de 1346 a instala em Moledo, perto de Atougia e da Serra d'El-Rei, em Terras da Lourinhã, distante de tudo e de todos. Durante os cerca de seis anos que aí viveram, nasceram três filhos: Afonso, que morreu de tenra idade, João e Dinis. O quarto, D. Beatriz, nasceu na quinta do Paço de Canidelo, em Gaia, por volta de 1353. Foi o aparecimento destes bastardos que complicou ainda mais a situação de D. Pedro, pois temia-se que o príncipe herdeiro D. Fernando fosse assassinado, para que um dos filhos de Inês ascendesse ao trono.

A influência exercida sobre D. Pedro pelos irmãos Castro, Álvaro Peres de Castro (ilegítimo), Fernando Rodrigues de Castro (legítimo) e ainda pelo filho de D. Teresa, João Afonso de Albuquerque, levando-o a envolver-se nas lutas civis entre D. Pedro I de Castela e os seus irmãos bastardos, sobretudo Henrique de Trastâmara, impulsionou e desgraçou ainda mais os amores de D. Pedro e D. Inês de Castro que começavam a adquirir contornos de Estado. Para os conspiradores castelhanos, D. Pedro de Portugal aparecia indubitável e estrategicamente como o descendente e herdeiro legítimo mais próximo da coroa de Castela, em virtude da sua mãe D. Beatriz ser filha legítima de Sancho IV e de D. Maria Molina. D. Pedro, herdeiro legítimo de Castela e único herdeiro da coroa portuguesa, poderia assim unir os dois reinos.

D. Afonso IV ao ver perigar a política externa de neutralidade, que habilmente tentara implantar, determina em 1354 que o seu Conselheiro Diogo Lopes Pacheco procure D. Pedro, na altura a residir no Paço da Rainha D. Isabel, edifício adstrito ao Convento de Santa Clara de Coimbra, e lhe proponha que case com D. Inês. Curiosamente, diz-nos o testemunho do autor anónimo da **Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal** que D. Pedro recusara tal proposta, por recear que a legitimidade e validade desse casamento fosse posta em causa, uma vez que D. Inês era bastarda. Maior peso nesta decisão do infante teve certamente um outro motivo bem mais relevante, que figura nos testemunhos do cronista Fernão Lopes e nos documentos da época – o casamento secreto de D. Pedro com D. Inês de Castro – em Bragança, no primeiro dia de Janeiro de 1354, na presença do criado Estevão Lobato e do Bispo da Guarda, D. Gil. Apesar de muito se ter discutido a validade do juramento deste casamento que D. Pedro fez nas cortes de Cantanhede, a 12 de Junho de 1360, três anos após ter subido ao trono, do intrincado de opiniões e pareceres, nenhuma certeza se achou.

Certa, porém, foi a execução de D. Inês em Coimbra, a 7 de Janeiro de 1355. Ainda que a

# "Amores Universais de D. Pedro e D. Inês de Castro no Castelo de Santa Maria da Feira"

Fig. 1 - Barbacã do Castelo.

Fig. 2 - Poterna da entrada.

Fig. 3 - Praça de Armas.

Fig. 4 - Escada helicoidal.

Razão de Estado seja mais frequentemente referida pelos historiadores contemporâneos, é importante não esquecer o ódio profundo que o rei D. Afonso IV tinha pelo seu meio-irmão, D. Afonso Sanches, marido de D. Teresa de Albuquerque, que havia criado Inês de Castro. Ao mandá-la assassinar, D. Afonso IV golpeava de morte os laços afectivos que D. Afonso Sanches nutria pela sua filha adoptiva, Inês de Castro.

Após a morte de D. Inês, D. Pedro desvairado na sua ira contra o pai atacou fortalezas e castelos do reino, com força militar composta por nobres partidários da sua causa e com a ajuda dos irmãos Castro. Movido pela vontade acérrima de continuar a vingar a morte da sua amada, assina em 1357 um tratado de aliança de extradição mútua de homiziados com D. Pedro I de Castela, para assim ter nas suas mãos os três conselheiros régios que terão convencido D. Afonso IV a condenar D. Inês à morte: Pero Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco. Do relato dos cronistas só apenas os dois primeiros foram entregues ao rei, tendo o último fugido para Aragão e depois para França. A execução das vítimas deu-se em Santarém, no ano de 1360, em cerimónia pública e à qual D. Pedro I assistiu enquanto comia e bebia. Ao primeiro mandou arrancar o coração pelo peito, ao segundo o mesmo mas pelas costas.

De facto histórico a lenda e de lenda a mito, o culminar da evolução deste episódio conheceu o seu auge no século XVI. Coube à Literatura, e em particular à arte poética de Garcia de Resende, **Trovas que Garcia de Resende fez à morte de Dona Inês** (1500), à **Castro** (talvez 1550) de António Ferreira e aos **Lusiadas** (1572) de Camões, o papel de glorificarem a imagem de Inês e de prepararem a sua projecção mítica universal.

D. Inês de Castro, que desde Fernão Lopes era sobretudo a mãe de competidores dinásticos do Mestre de Avis, é chamada a desempenhar em Camões um papel simbólico de divindade "Astarté – Vénus – vítima" de um amor português, em que a alma lusa do séc. XVI se reconhecia. Com o êxito dos **Lusíadas** o tema passou a atrair, não só em Portugal como além fronteiras, um número significativo de artistas que nas diferentes artes começaram a explorar todas as ressonâncias mitológicas do tema. Da ópera ao bailado, da escultura à pintura, da banda desenhada à música, do teatro ao cinema (para referir apenas algumas), muitas são as expressões artísticas que revisitam o caso inesiano.

# "Amores Universais de D. Pedro e D. Inês de Castro no Castelo de Santa Maria da Feira"

No cinema português, os amores de D. Inês de Castro e de D. Pedro I foram exibidos pela primeira vez em 1910, num filme que se terá perdido, **Rainha depois de morta**, do realizador Carlos Santos, um ilustre artista do teatro português da época que protagonizou também o papel de D. Pedro I no filme.

Mais tarde, já em 1945, apareceu o segundo filme, **Inês de Castro** de Leitão de Barros. Para além desta versão, existe ainda uma outra espanhola que Manuel Garcia Viñolas coordenou, no âmbito de uma política de co-produção cinematográfica luso-espanhola. D. Pedro I é a figura de destaque ao longo de toda a película, tornando-o assim um filme de personagem.

Esta mesma orientação estrutural tem o terceiro e último filme histórico inesiano, **Inês de Portugal** (1997), de José Carlos de Oliveira. Ao contrário da sugestibilidade do título, este filme retrata o ser e o agir de um rei que a História apelidou de Cru e Cruel. A figura de D. Inês de Castro persiste na sombra e a sua funcionalidade narrativa cinematográfica é sobretudo de ajudar a explicitar a caracterização da personagem D. Pedro I. Mais do que de si, como aconteceu na sua vida real, é do seu amante que depende a sua existência actancial cinematográfica.

Novo e diferente de tudo o que já se fez sobre este episódio de vida inesiano é não só a exploração explícita neste filme da homossexualidade de D. Pedro I, como também o facto de grande parte da rodagem ter sido filmada no Castelo de Santa Maria da Feira.

Testemunho certo de histórias de vida e morte, de guerra e paz, de alegria e sofrimento, é neste castelo medieval do séc. X (para além do de Santarém), que se revive um dos mais míticos episódios da nossa identidade universal.

Logo após a contextualização do Pacto de Amnistia de 1355 que abre o filme, uma elipse cinematográfica situa a narrativa fílmica em meados de 1357, quando o já então rei D. Pedro I recebe os homiziados extraditados de Castela, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves. E é na barbacã do castelo de Santa Maria da Feira *(fig. 1)* que se apresentam, pela primeira vez, estes presumíveis responsáveis pelo assassinato de D. Inês de Castro. Para assegurar e intensificar a importância desta chegada, a narrativa fílmica acompanha o percurso dos dois homiziados através

Fig. 5 - Torre das águias.

Fig. 6 - Passagem coberta.

Fig. 7 - Muralha.

Fig. 8 - Praça de Armas.

Fig. 9 - Sala Nobre.

Fig. 10 - Menagem-Alcáçova.

Fig. 11.

da poterna da entrada *(fig. 2)*, que dá acesso à Praça das Armas *(fig. 3)*. Aí, a agitação e o alvoroço em redor de Pero Coelho e Álvaro Gonçalves foi tal que despertou do sono o chanceler-mor de D. Pedro I, Álvaro Pais. Desejando saber o que se estava a passar, Álvaro Pais sobe a escada helicoidal *(fig. 4)* que conduz ao pátio exterior da Torre das Águias *(fig. 5)* para daí presenciar o acontecimento. Pela passagem coberta que dá acesso à tenalha e à casamata do castelo *(fig. 6)*, vêem-se passar também os dois homiziados a caminho do encarceramento.

Noutros *takes* fílmicos, encontramos D. Pedro I junto à muralha deste castelo completamente ausente de si *(fig. 7)*, tal como acontece quando luta contra o seu mestre de armas, Mendo Pires, na Praça das Armas *(fig. 8)*.

Já no seu interior, o realizador serve-se da sala nobre do segundo piso *(fig. 9)*, para aí fazer representar o episódio do sarau em que D. Pedro corteja D. Inês, mesmo sob o olhar atento e reprovador, não só dos seus pais, D. Beatriz e D. Afonso IV, como também dos nobres importantes da corte e da sua esposa D. Constança Manuel. Na sala de menagem-alcáçova que fica no piso inferior *(fig. 10)*, ocorre o *take* em que D. Pedro I, enfurecido, agride Pero Coelho com um chicote *(fig. 11)*.

Ainda que sejam apenas alguns dos muitos exemplos, os *takes* referidos deixam antever a primazia que este castelo tem no filme, dada a sua adequabilidade espacio-cenográfica à mítica realidade dos factos.

Longe dos espaços reais em que este drama amoroso ocorreu, a rodagem de grande parte do filme "Inês de Portugal", no Castelo de Santa Maria da Feira, é o testemunho da flexibilidade artística que sustém a perene reabilitação deste episódio ímpar da História de Portugal. Facto muito documentado, mas que não reúne o consenso dos historiadores, amores universais tão falados como os de Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, mas com a singularidade de terem sido reais, o assunto inesiano continua a ser um caso invulgar em que a História, a Literatura, o Cinema e a Arte em geral se interpenetram numa profusa criação que assegura a memória do homem, ao longo dos já mais de seis séculos de existência.

# Lisboa Revisitada - 1923

*Orlando Silva**

Este poema, embora datado de 1923 (há outro com o mesmo título que tem a data de 1926), terá sido inspirado a Fernando Pessoa por uma das vezes (e foram duas, 1901 e 1905) que desembarcou na Lisboa da sua infância.

Explícito a todos os títulos neste poema, a rebeldia do poeta ao mandar às malvas os conselhos e as recomendações da mãe e da irmã Henriqueta, para que deixasse de levar a vida que levava, irregular, nada comum, nada conforme a tradição ancestral da família em que crescera e fora educado, como nos dá conta uma carta que a irmã lhe escreve de Pretória, África do Sul, em 16 de Maio de 1913, onde ainda se encontrava a família.

Transcrevamos a carta, que, entendemos, ela e outras como ela terão estado na origem do "Lisboa Revisitada - 1923":

*Pretória, 16 de Maio de 1913*
*Meu querido Fernando.*

*Venho-te escrever esta carta sem a mamã saber para não se afligir mais do que já está.*

*Tu não imaginas o desgosto que causaste à mamã com a carta que recebemos esta semana. Ela já não estava bem de saúde, mas com a tua carta tem chorado tanto e tem-se apoquentado tanto que nós estamos com receio que ela piore seriamente.*

*O que a mamã te tem dito lá nas suas cartas não é para te ofender mas só para teu bem. Ela tantas vezes me tem dito que gostava tanto que tu estivesses empregado para ganhares ao menos alguma coisa para te sustentares e vestires a par das tuas escriturações.*

*Não achas que era uma alegria tão grande para a mamã se quando fôssemos a Lisboa te visse empregado?*

*Não achas que podias sacrificar-te um bocadinho por uma mãe que tem sido tão boa para ti, sempre tão tua amiga, e que até podia dar a sua vida para te ver feliz?*

*Naturalmente não tomas sentido do que eu te digo nesta carta porque na carta para a mamã dizes claramente que nenhuns dos seus conselhos te faz mudar o teu modo de vida; ainda menos hás-de tomar sentido do que eu te digo aqui.*

*Acho que deves na tua seguinte carta à mamã pedir-lhe perdão, porque muito e*

Irmã Henriqueta.

* Publicista.



*V.F. n.º 5, 2003 - pp 101-103.*

*muito a ofendeste e lhe causaste um desgosto que eu choro quando penso o que ele pode dar.*

*Aceita um abraço e um beijo da tua irmã muito amiga*
*Henriqueta.*

Finalizamos nós: ainda bem que Fernando Pessoa não se tornou no tal cidadão casado, fútil, quotidiano e tributável de que fala o poema. Se tivesse sido todas estas coisas, talvez que, aqui e agora, não tivéssemos motivos para falar dele e da grandiosa obra que deixou a uma nação quase milenar.

## Lisboa Revisitada
## (1923)

J. Carneiro - Guache 1982.

Não: não quero nada,
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos,
[não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

# Lisboa Revisitada - 1923

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos ?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

Ó céu azul - o mesmo da minha infância –,
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflecte!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

*Fernando Pessoa/Álvaro de Campos*

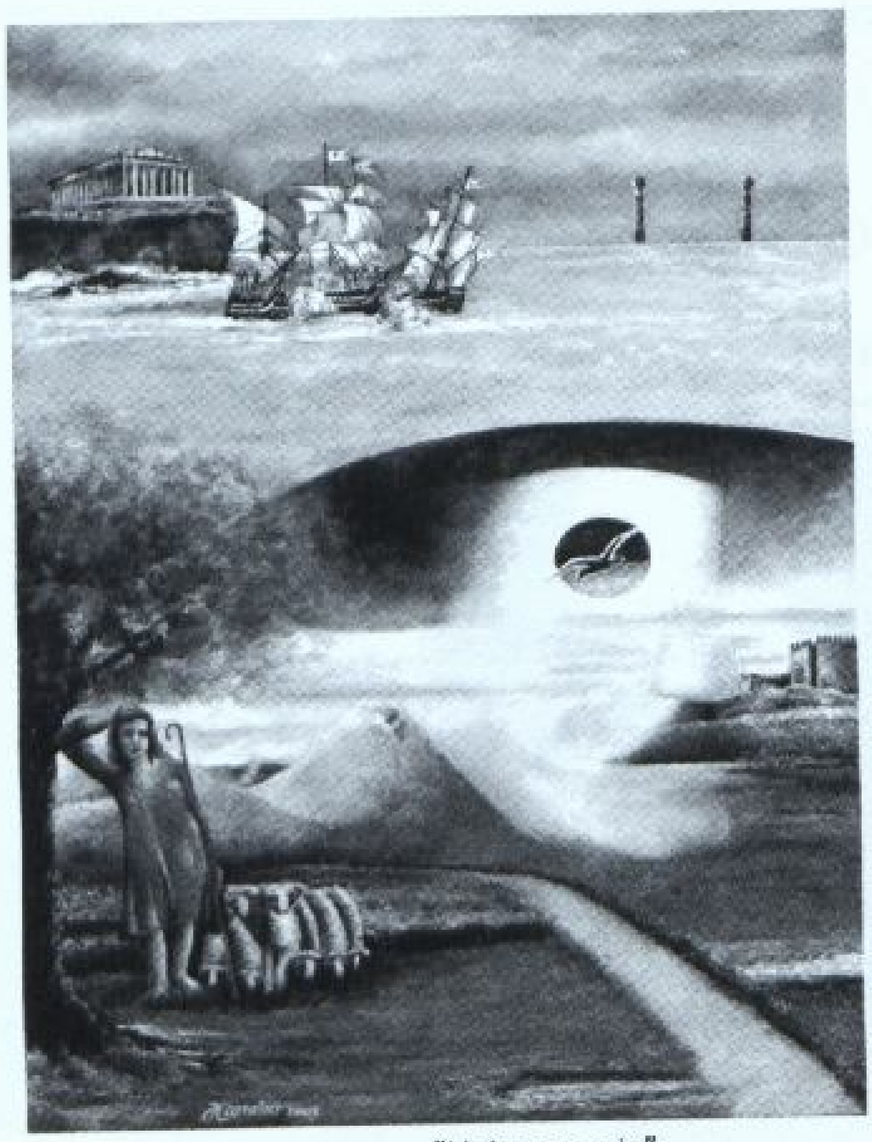
# Poesia

*Ilda Maria*

## "Vigília"

Vela, poeta, ó guardador de estrelas.
Vela, pastor as noites luaradas,
Guarda os lindos rebanhos, guarda as velas,
Guarda o livre fulgor das madrugadas!
E vê a luz da poesia e canta
E ouve o toque da alvorada e vem
Colher canções represas na garganta
E ver canções nos olhos de ninguém
Vela poeta, em vigilante acção
Os campos verdes das searas loiras!
Vela poeta, acorda o coração,
Dá-lhe o doirado sol da luz que doiras
E vê irmão as carnes desossadas,
Gritos ao longe em turbilhões de dor
E ouve o som demente das pegadas
Com mil rastros de sangue e de suor!
Vela, cantor as sementeiras lisas
Dos desertos com ar e sem frescura,
Vela as pedras do chão que a sonhar pisas,
Guarda pr'a ti os elos da loucura
E vê olhares e gestos de atenção.
Ouve as vozes famintas da mentira,
Guarda pr'a ti, poeta, a decepção,
Dá-lhe a ilusão vibráctil duma lira!
Vela, poeta, amargo é o momento!
Guarda, pastor, os cardumes que velas
E não durmas de noite, ó sonhador!
Dorme ao relento, ó guardador de estrela!

9-1-71



"Heteronomia"
J. Carneiro, 2003 - óleo s/ tela.



*V.F. n.º 5, 2003 - p 104.*

# Sé Catedral de Sá da Bandeira - Angola

*António Luso**

Por Decreto de 19 de Dezembro de 1836, do Governo, de que fazia parte o Marquês de Sá da Bandeira, foi fundada esta cidade, que hoje usa o nome de Lubango, como justa homenagem às qualidades eminentes daquele governante que ligou o seu nome a todos os actos libertadores dos escravos.

A História de Angola diz-nos que, em 19 de Novembro de 1884, chegou a Moçâmedes a bordo do transporte "Índia" uma colónia de madeirenses composta por 222 indivíduos que se estabeleceram a alguns quilómetros da Humpata. Em 18 de Junho de 1885, novo grupo de colonos madeirenses chega no "África", juntando-se outro grupo em Agosto do mesmo ano.

Tais foram os habitantes que iniciaram o núcleo europeu português no planalto da Huíla, que vai do alto da Chela, até à margem direita do rio Cunene.

A viagem dos emigrantes, desde o litoral até à região do planalto, na Humpata, fazia-se em condições dramáticas, em grandes carrões bóeres que eram puxados por quatro juntas de bois e cuja carga nunca ia além de duas toneladas. Nesta povoação havia-se fixado, desde 1881, um numeroso grupo de bóeres repelidos do seu país pelos ingleses. Ainda hoje existe no lugar de Barracões , que fica situado nos arredores da cidade, o cemitério bóere, com inscrições em língua daquele povo.

A Chela, barreira que se levanta a prumo até uma altitude de 2.320 metros, faz com que a cidade tenha um clima dos mais saudáveis de Angola onde, durante todo o ano, se mantém uma permanente Primavera!

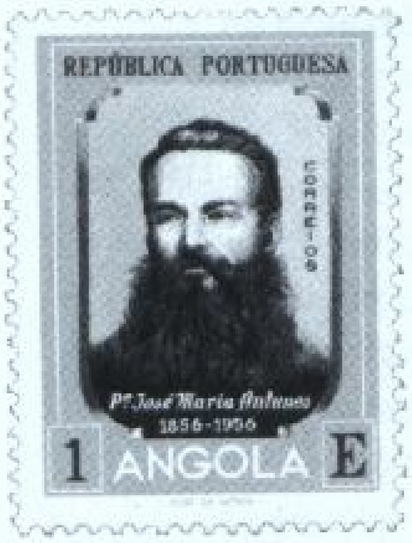
Mais de dois anos antes da chegada dos colonos recrutados na Madeira, o Governador de Moçâmedes, Nunes da Mata, enviou um ofício ao Padre José Maria Antunes, Superior da Missão da Huíla, a solicitar que este encarregasse um dos seus missionários de prestar assistência religiosa aos mesmos. O Padre Antunes promete a ida de um sacerdote ao núcleo de colonos duas vezes por mês e ele mesmo celebra a primeira missa, no dia da

Postal - Sé Catedral de Sá da Bandeira, Angola.

* Investigador de Filatelia.



*V.F. n.º 5, 2003 - pp 105-107.*



Padre José Maria Antunes
1856 - 1928.

D. Moises Alves de Pinho, Bispo de Angola e do Congo.

fundação oficial da Colónia.

Quem foi este Padre José Maria Antunes?

Notável misionário de Angola, nasceu em Santarém a 22 de Maio de 1856 e faleceu em Paris, a 16 de Dezembro de 1928.

Ingressou no Seminário do Congo como seu primeiro aluno, aos 12 anos, em 1868, sendo ordenado em 1878.

Em 9 de Julho de 1881, pede ao Rei licença para fundar uma missão no distrito de Moçâmedes, embarcando para Angola a 5 de Outubro de 1881 e chegando à povoação da Huíla a 7 de Dezembro de 1881, onde funda esta missão. Com a transferência do seminário diocesano para a Huila é nomeado seu reitor em 1882.

Em 1885 parte como capelão militar para o Humbe, então revoltado.

A 19 de Janeiro de 1885, celebrou a primeira missa nos Barracões inaugurando o núcleo que seria a cidade de Sá da Bandeira.

Deve-se-lhe a fundação das missões do Jau (1889), Chivinguiro (1892), Quinta (1893), Gambos (1896), Munhino (1898), Chipelongo (1900) e Vinania (1902).

É célebre o seu relatório de 1 de Dezembro 1894, sobre a planificação missionária do Sul de Angola. O padre Antunes é conhecido no mundo científico pelo grande número de espécies botânicas e ornitológicas que coligiu, algumas das quais foram designadas pelo seu nome.

O nome do padre José Maria Antunes soa ainda no Sul de Angola...

*"como glória da sua bondade, pela suprema dedicação e pelo viril empenho com que se entregou à sua obra de apóstolo."*

Em fins de 1889, devido a várias dificuldades e também por causa de uma campanha infame contra as irmãs religiosas e os sacerdotes, o Padre Antunes manda retirar do Lubango o Padre Vasco e as irmãs. No entanto, enquanto não chegava novo pároco, os missionários da Huíla, continuavam a assegurar o serviço religioso dos colonos, cuja situação se manteve até 1935.

Neste ano, por sugestão do Senhor D. Moisés Alves de Pinho, Bispo de Angola e Congo, ilustre filho da cidade de Fiães, concelho de Santa Maria da Feira, dois missionários da Huila, vieram residir para Sá da Bandeira, a fim de tomarem conta da paróquia e intensificarem o trabalho missionário entre a população nativa.

A primeira igreja, dedicada a S. José, foi construída em 1902. Na terceira visita pastoral às missões do Sul, o Senhor D. Moisés, benzeu a primeira pedra da futura

igreja. Mas só decorridos quatro anos, se puderam iniciar os trabalhos de construção, começando-se pela edificação dum salão paroquial.

Nele se iam celebrar actos de culto, depois de demolida a velha igreja e se concluir a nova.

A traça deste edifício, em estilo neogótico, deve-se ao saber e à boa vontade do arquitecto Fernando Batalha, cujas obras se espalham por toda a Angola.

A execução desta igreja, sempre acompanhada de perto pelo pároco, prolongou-se até 1940, ano em que o templo foi aberto ao culto, no dia da festa do orago S. José (19 de Março).

A 31 de Julho de 1955, realizou-se a sagração solene do edifício, sendo oficiantes da cerimónia o Senhor D. Moisés, Arcebispo de Luanda e o Senhor D. Daniel, Bispo da Diocese de Nova Lisboa. Entre as duas datas, a igreja foi enriquecida com artísticas imagens e altares de mármore.

Finalmente, em 27 de Julho de 1958, com a criação da Diocese de Sá da Bandeira, a igreja de S. José subiu à categoria de Sé Catedral, tendo sido nela entronizado o primeiro bispo da nova Diocese, Senhor D. Altino Ribeiro de Santana.

Postal antigo
"Vista aérea da cidade.
Huíla - Sá da Bandeira",
actualmente Lubango.

**Bibliografia:** «Boletim da Secção Filatélica dos Empregados da U.B.P.».
«Enciclopédia Verbo - Luso Brasileira de Cultura».
«Resumo da História de Angola» de José Ribeiro da Cruz.
«Catálogo de Selos de Angola» edição Afinsa.

# Poesia

***Manuela Correia****

Foto: F. Gaspar

## Águas revoltas

Desponta num charco um clamor
nas águas que coalharam sem ter frio

Soluça uma fonte ao respirar
no vento que a revolve em rodopio

Ressoa num lago um estertor
que sobre a água vai emergindo aos poucos

Lateja no rio um sorvedouro
a morder as pedras e os choupos

Assoma num poço um grito de sufoco
agudo e nada tem de breve

Mas é no mar a grande inquietação
onde as vagas tremem de febre

---

* Nasceu na aldeia de Cabrum, concelho de Vale de Cambra, em 1961.
Em Vale de Cambra durante a frequência do liceu aprendeu o gosto pela poesia. Iniciou a sua actividade profissional aos 18 anos e ai viveu durante anos. Actualmente exerce a sua actividade profissional no Porto e reside em Santa Maria da Feira, Vila Boa. Tem colaborado em muitas sessões e tertúlias de poesia.
Livros publicados: *«As nuvens não são mais de algodão», Dezembro de 2000*
*«Poemas Tri Angulares», Novembro de 2002.*



*V.F. n.º 5, 2003 - p 108.*

# O Castelo da Feira e a Filatelia

*Celestino Portela* e Joaquim Carneiro***

*O Castelo da Feira, esta maravilhosa obra de arquitectura, pela sua singular beleza tem tido um tratamento muito especial por parte das Administrações dos CTT, tanto nacional como estrangeiras, não só em selos e marcas mas também em postais, sobrescritos, pagela, carteira, flâmulas e bandelettes.*

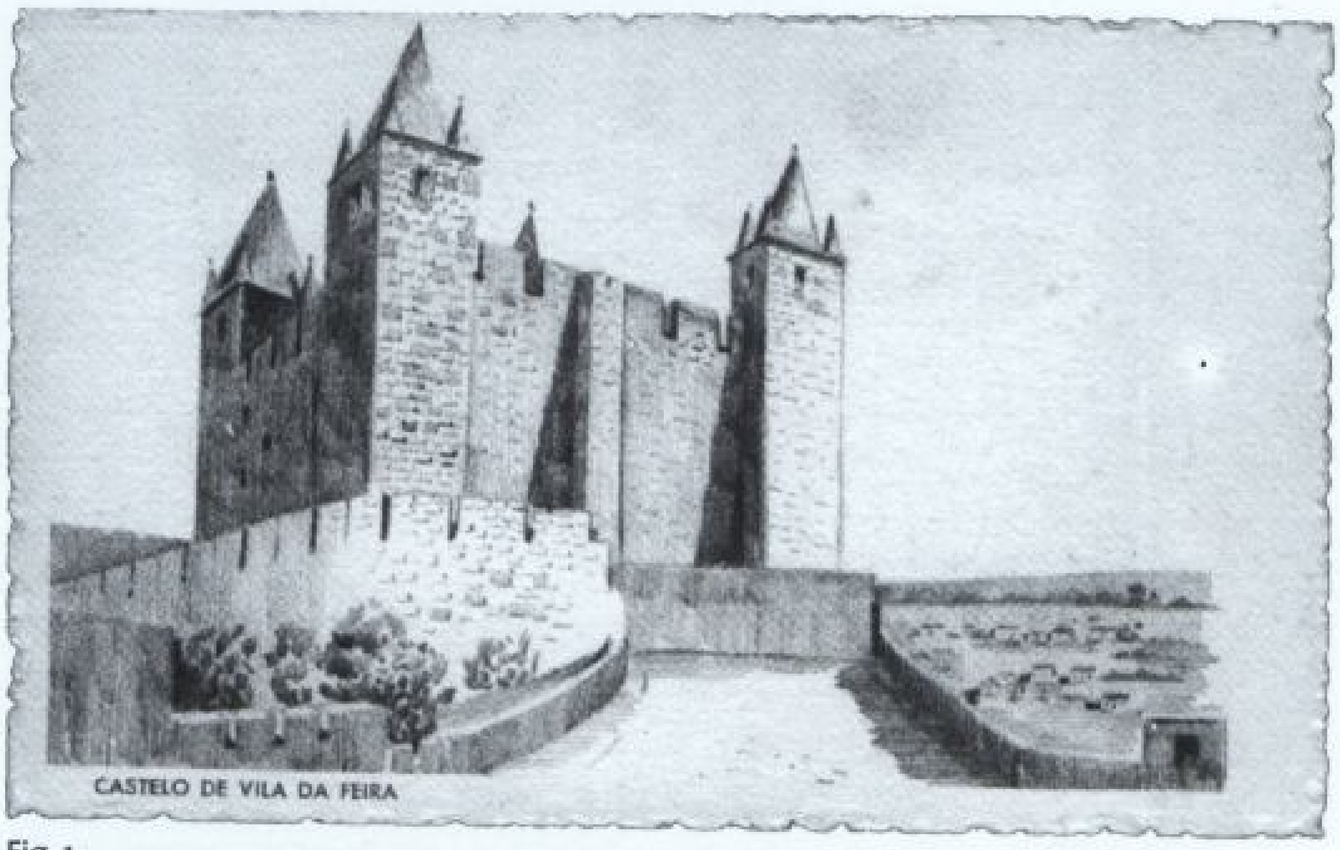



Fig. 1

## *A* - Postais

1 - A primeira aparição do Castelo da Feira foi como *Inteiro Postal*.

Aparecido em 1937, integrado numa série de 50 postais, Série - "Experimental", 1.ª tiragem, não numerados, com os bordos farpados e tendo o número de ordem 38 - Castelo de Vila da Feira, ostenta impresso, no verso, o selo de $25, azul claro, da Série "Tudo pela Nação", com as dimensões de 140 x 90 mm. Foi impresso em cartolina branca e o seu custo era de $75, incluindo a franquia. *Fig. 1 e 2*

Fig. 2

* Advogado.
** Designer gráfico.

*V.F. n.º 5, 2003 - pp 109-112.*

Fig. 3

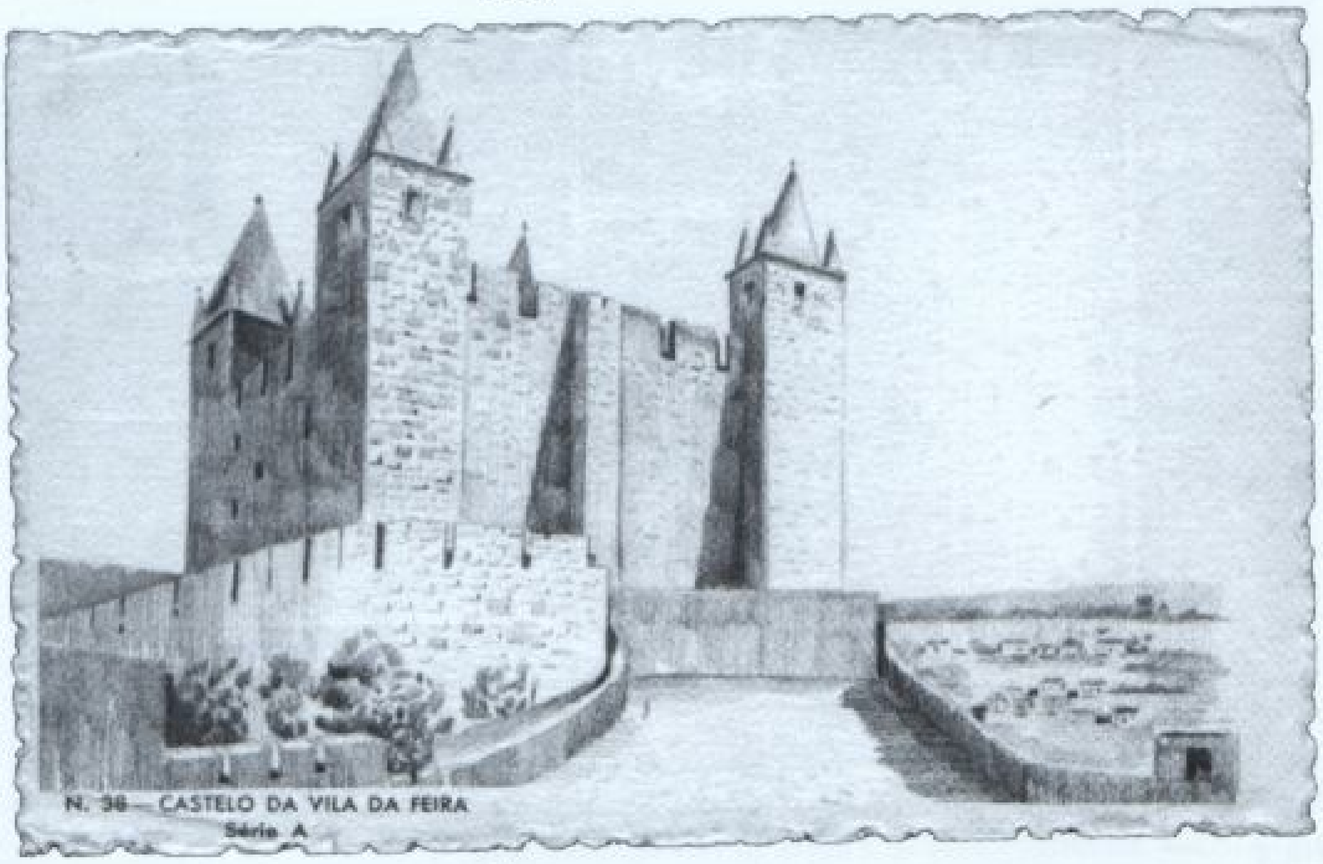



Fig. 4

**2** - Este postal foi revalidado, em 1952, ostentando a sobrecarga impressa a preto de $50, menos $25 do que o preço praticado em 1937. *Fig. 3*

**3** - Em 1937, saiu a segunda tiragem - "Série A", composta por 39 postais numerados, tendo impresso o mesmo selo da primeira tiragem, e impresso também o número de ordem, cabendo ao Castelo de Vila da Feira o n.º 38. *Fig. 4*

**4** - Este postal levou também, em 1952, a sobretaxa de $50 sobre o selo de $25, passando o seu custo a ser de $50, como no postal **2**.

**5** - Ainda em 1937 saiu uma terceira tiragem - "Série A", composta de 40 postais numerados, com o mesmo selo de $25, o custo de $75, e tendo impresso o número de ordem, cabendo ao nosso Castelo o n.º 38.

A frente é igual à do postal **3**.

Esta terceira tiragem distingue-se da segunda por ter o emblema dos CTT, gravado em baixo relevo, no verso. *Fig.5*

Fig. 5

**6** - Também este postal foi, em 1952, sobretaxado com $50, sendo este o preço de custo;

**7** e **8** - Em 1943, os postais que referi com os números 3 e 5 levaram a sobrecarga "Isento - Portaria - 10.509" e foram utilizados pelos militares expedicionários nas Ilhas Adjacentes, Açores e Madeira. *Fig. 6*

Fig. 6

Fig. 7

Postal igual ao **7** e **8** - circulado. *Fig.7*

Com as marcas;
«Angra do Heroísmo - 5 Jan 46
Lisboa 13 Jan 46».

EXPEDIÇÃO MILITAR
AOS AÇORES
Isento de Franquia

Carimbo rectangular azul

*"Praia-da-Vitoria, 3-I-946*

*Ex.ma Sr.a*
*D. Filomena de Miranda Jesus*
*Calçada da Tapada, 64 / 2.º*
*Lisboa (Continente)*

*Mamã:*

*Entrou o novo ano com invernia; é o 3.º inverno que aqui passo - este mais rigoroso. A tia Adelina tanto dançou a canga que conseguiu levar a palma aos terceirenses em matéria de «rabo torto»... é a altura da Sr.ª de Fátima ou do endireita da Esperança mostrarem as s/ habilidades.*

*Este vai aproveitar o "Carvalho Araújo". Espera-se que a Primavera traga os primeiros alívios às angústias gerais presentes, aqui suavizadas.*

*S/ f.º am.º, Aníbal.*

*(Recebido às 11h e 50m de 13-I-946")*

# Monumento a Fernando Pessoa - II

*Executivo LAF**

O trabalho de fundição foi executado por Fernando da Silva Lage, com oficina em Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia.

Com cinco metros de altura, um metro e vinte e cinco centímetros de diâmetro na base circular e seis toneladas de peso, foi transportado para a Vila da Feira em camião com grua acoplada.

No centro da Praça, foi colocado o plinto de granito em que iria assentar a escultura.

No plinto, de forma hexagonal, com um metro e cinquenta centímetros de altura, foram colocadas inscrições com letras em bronze cravadas no granito.

Na face frontal, voltada a Norte

A
FERNANDO PESSOA
13-6-1888
30-11-1935

CMF-LAF
30-11-83

Nas outras faces foram gravadas as inscrições:

**Amanhã é dos loucos de hoje.**
Álvaro de Campos

**Só na ilusão da liberdade**
**A liberdade existe.**
Ricardo Reis

**O único sentido íntimo das coisas**
**É elas não terem sentido íntimo nenhum.**
Alberto Caeiro

**Minha pátria é a língua portuguesa.**
Bernardo Soares

**Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.**
Fernando Pessoa

A colocação da escultura no plinto foi trabalhosa, dificultada pela necessidade de o camião se aproximar o mais possível da placa central.

O terreno encontrava-se amolecido, pelos trabalhos de jardinagem e encharcado, pela chuva breve que tinha caído dias antes.

Foram colocadas traves de madeira e o camião foi empurrado por uma retroescavadora.

A escultura foi retirada primeiramente do camião e colocada no solo, com a parte superior apoiada em almofada.

De seguida foi erguida verticalmente no solo, sobre traves de madeira e só então a operação final de elevação e assentamento no plinto, com os movimentos necessários para que os pernos da escultura entrassem nos furos abertos no granito.

Plinto de granito.

* Liga dos Amigos da Feira.

# Monumento a Fernando Pessoa - II

Primeiro Monumento Nacional
de Homenagem a

FERNANDO PESSOA

PROGRAMA

**FIÃES** — **26 • NOV. • 83**

Pelas 21 horas, no salão nobre da Casa do Povo de Fiães, conferência pelo Doutor **FERNANDO GUIMARÃES**, Investigador do Centro de Literatura da Universidade do Porto, subordinada ao tema: «**FERNANDO PESSOA E O MOVIMENTO SAUDOSISTA**».

**ARRIFANA** — **27 • NOV. • 83**

Pelas 21 horas, no salão nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Arrifana, conferência pelo Professor Doutor **JOSÉ AUGUSTO SEABRA**, Ilustre Ministro da Educação, subordinada ao tema: «**FERNANDO PESSOA, A POESIA E O MITO**».

**PAÇOS DE BRANDÃO** — **28 • NOV. • 83**

Pelas 21 horas, no salão nobre da Junta de Freguesia de Paços de Brandão, conferência pelo Professor Doutor **SALVATO TRIGO**, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, subordinada ao tema: «**FERNANDO PESSOA E A POÉTICA DA NOSTALGIA**».

Após a conferência haverá um recital de poesia Pessoana pelo grupo SEIVA TRUPE, do Porto.

**VILA DA FEIRA** — **29 • NOV. • 83**

Pelas 21 horas, no salão nobre da Câmara Municipal da Feira, conferência pelo Professor Doutor **EDUARDO LOURENÇO**, da Universidade de Vence, em França, subordinada ao tema: «**O MITO PESSOA**».

**VILA DA FEIRA** — **30 • NOV. • 83**

Pelas 16 horas, na Praça **FERNANDO PESSOA**, à Escola Preparatória, inauguração do 1.º Monumento Nacional de Homenagem a **FERNANDO PESSOA**, por sua Excelência o Presidente da República, **ANTÓNIO RAMALHO EANES**.
O Dr. **AURÉLIO PINHEIRO**, Professor da Escola Secundária da Feira, fará a «**Apresentação do Monumento**»:

**A Professora Doutora CLARA CRARES ROCHA, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, proferirá uma conferência subordinada ao tema: «FERNANDO PESSOA, POETA DO DESASSOSSEGO».**
Sua Excelência o Ministro da Educação proferirá uma alocução de encerramento.

(Se chover esta Sessão Solene terá lugar no anfiteatro da Escola Preparatória da Feira).

**CINE-TEATRO STA. MARIA - VILA DA FEIRA** — **30 • NOV. • 83**

*Pelas 21,30 horas, por gentil deferência da Empresa concessionária do CINE-TEATRO DE SANTA MARIA, será ali exibido «CONVERSA ACABADA», um filme de qualidade, baseado na amizade e correspondência de FERNANDO PESSOA e MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO.*

A COMISSÃO DE VIGILÂNCIA DO CASTELO DA FEIRA
A LIGA DOS AMIGOS DA FEIRA

30/OUTUBRO/83

Cartaz alusivo às Comemorações do Primeiro Monumento Nacional de Homenagem a Fernando Pessoa, editado pela Comissão de Vigilância do Castelo da Feira e LAF - Liga dos Amigos da Feira.

O trabalho no terreno

Depois, a contemplação!

Saíram as máquinas, foi arranjado o solo e o pensamento voltou-se para o dia 30 de Novembro.

Elaborámos, conjuntamente com a Comissão de Vigilância do Castelo da Feira, um programa que foi distribuído a partir de 30 de Outubro de 1983 com as seguintes palestras:

Primeiro Monumento Nacional
de Homenagem a

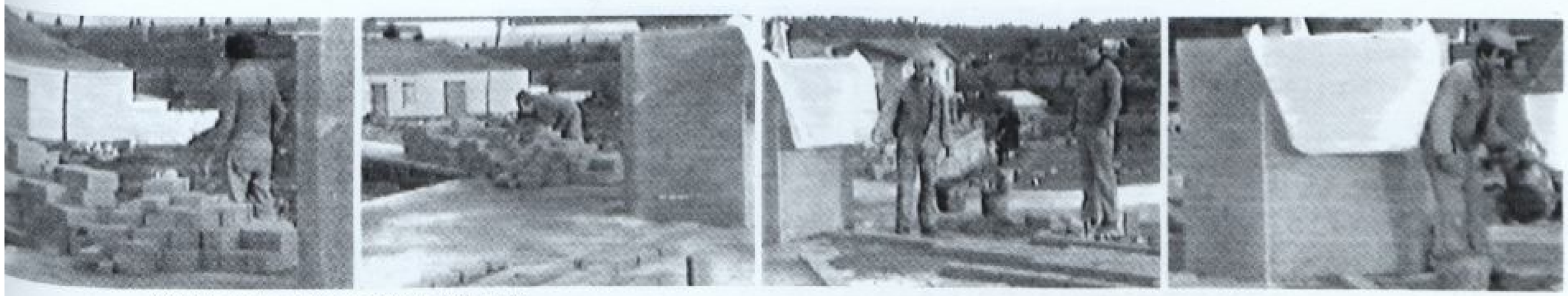
FERNANDO PESSOA

Programa

FIÃES — 26 NOV.'83

Pelas 21 horas, no salão nobre da Casa do Povo de Fiães, conferência pelo Doutor FERNANDO GUIMARÃES, Investigador do Centro de Literatura da Universidade do Porto, subordinada ao tema:

# Monumento a Fernando Pessoa - II



foi feito com muito carinho e dedicação.

«FERNANDO PESSOA E O MOVIMENTO SAUDOSISTA».

**ARRIFANA** **27 NOV.'83**

Pelas 21 horas, no salão nobre da Associação dos Bombeiros Voluntários de Arrifana, conferência pelo Professor Doutor JOSÉ AUGUSTO SEABRA, ilustre Ministro da Educação, subordinada ao tema:

«FERNANDO PESSOA, A POESIA E O MITO».

**PAÇOS DE BRANDÃO** **28 NOV.'83**

Pelas 21 horas, no salão nobre da Junta de Freguesia de Paços de Brandão, conferência pelo Professor Doutor SALVATO TRIGO, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto,subordinada ao tema:

«FERNANDO PESSOA E A POÉTICA DA NOSTALGIA».

Após a conferência haverá um recital de poesia Pessoana pelo grupo SEIVA TRUPE, do Porto.

**VILA DA FEIRA** **29 NOV.'83**

Pelas 21 horas, no salão nobre da Câmara Municipal da Feira, conferência pelo Professor Doutor EDUARDO LOURENÇO, da Universidade de Vence, em França, subordinada ao tema:

«MITO PESSOA».

E no dia da inauguração

**VILA DA FEIRA** **30 NOV.'83**

Pelas 16 horas, na Praça FERNANDO PESSOA, à Escola Preparatória, inauguração do 1.º Monumento Nacional de Homenagem a FERNANDO PESSOA, por sua Excelência o Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES.

O Dr. AURÉLIO PINHEIRO, Professor da Escola Secundária da Feira, fará a «Apresentação do Monumento»;

A Professora Doutora CLARA CRABBÉ ROCHA, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, proferirá uma confe-

Cartaz alusivo às Comemorações do Primeiro Monumento Nacional de Homenagem a Fernando Pessoa, editado pela Câmara Municipal de Vila da Feira.

A chegada da escultura

rência subordinada ao tema: «FERNANDO PESSOA, POETA DO DESASSOSSEGO».

Sua Excelência o Ministro da Educação proferirá uma alocução de encerramento.

(Se chover esta Sessão Solene terá lugar no anfiteatro da Escola Preparatória da Feira).

CINE-TEATRO STA. MARIA
- Vila da Feira 30 NOV.'83

*Pelas 21,30 horas, por gentil deferência da Empresa concessionária do CINE-TEATRO DE SANTA MARIA, será ali exibido «CONVERSA ACABADA», um filme de qualidade, baseado na amizade e correspondência de FERNANDO PESSOA E MÁRIO SÁ CARNEIRO.*

*A COMISSÃO DE VIGILÂNCIA DO CASTELO DA FEIRA*

*A LIGA DOS AMIGOS DA FEIRA*

30/OUTUBRO/83

# Monumento a Fernando Pessoa - II

a colocação da mesma no plinto foi trabalhosa.

«A Câmara Municipal elaborou um programa da visita oficial.

PROGRAMA DA VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA AO CONCELHO DA FEIRA

*No dia 30 de Novembro de 1983*

às 11 h. - Chegada.

às 11,10 h. - Guarda de honra frente aos Paços do Concelho e Sessão Solene no Salão Nobre.

às 11.45 h. - Visitas ao Ciclo Preparatório de Fiães, Quartel da G.N.R. e B.V. de Lourosa e à Conduta para abastecimento de água, em Argoncilhe.

às 15 h. - Visita a uma unidade fabril.

às 16 h. - Inauguração do Monumento a FERNANDO PESSOA, em Vila da Feira.

Quarta Feira 30 de Novembro de 1983
às 21,15 horas

UM FILME SOBRE FERNANDO PESSOA E MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO
A HISTÓRIA DE UM DOS MOMENTOS MAIS DRAMÁTICOS E IMPOR-
TANTES DA LITERATURA PORTUGUESA: OS TEATOS, A AMIZADE
E A MORTE. EXIBIDO NOS FESTIVAIS DE CANNES , LOCARNO
EDIMBURGO FICOU EM
ANTUÉRPIA **Conversa Acabada** NOTÓRIO
UNANIMIDADE DA CRÍTICA NACIONAL E ESTRANGEIRA(um irre-
sistível fascínio nasce do rigor plástico das imagens
e da qualidade poética dos textos LA REVUE DU CINEMA
uma obra densa de grande beleza A CAPITAL o privilé-
gio misterioso da palavra TELEGRAMA de uma emoção
poética e dramática invulgares DIÁRIO DE NOTÍCIAS um
filme profundamente comovente LIBERATION o resultado
é admirável EXPRESSO aqui o Verbo não matou a emoção
PUBLIC grande revelação do cinema português O JORNAL
um dos melhores filmes do ano CAHIERS DU CINEMA filme
rigoroso JORNAL DE NOTÍCIAS um [illegible] cabulado-
FILMCRITICA [illegible] O SETE dos
excessos [illegible] JOHN GILLET
por múltiplas [illegible] O DIÁRIO
de como o meio [illegible] penetrar no mais
longínquo aspe[illegible]ragédia
da existê[illegible]
LETRAS a[illegible]
FABIENNE
imagens
intuição
razões
sentim
dramáti
os janel
luz e so

GRANDE PRÉMIO... no Festival de ANTUÉRPIA
PRÉMIO Glauber Rocha no Festival do FIGUEIRA

SÃO JORGE 3
FILME DE QUALIDADE
CABRAL MARTINS, ANDRÉ GOMES
JORGE SILVA MELO e JULIET BERTO
real. JOÃO BOTELHO prod. VO FILMES

**Integrado na inauguração do 1.º Monumento Nacional a FERNANDO PESSOA.**

**— Participe nesta efeméride, VENDO ESTE FILME —**

Prospecto anunciador do filme "Conversa Acabada" exibido no Cine-Teatro de Vila da Feira.

# Poesia

*Edgar Carneiro**

## Menina do gato

Eu sei de menina,
criança inocente
sujeita ao engano,
que em vez de bonecas
adora um bichano.
Tão simples, tão pura,
ainda acredita
em fadas e bruxas;
as fadas bailando
na curva dos dias,
as bruxas rondando
só em noite escura.
Menina singela,
ingénua sem par,
escuta sereias
nos búzios do mar
e sem ter relógio
sabe o tempo exacto
porque lê as horas
nos olhos do gato.

---

* Nasceu em Chaves em 1913.
Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra, foi professor dos ensinos técnico-profissional e secundário. De 1967 a 1974, dirigiu a Escola D. Pedro V, a primeira a funcionar em Fiães, neste concelho. Reside há 36 anos em Espinho; foi distinguido pela Câmara local com a Medalha de Mérito.
Tem 11 livros de poesia publicados, o último dos quais saiu a lume este ano e tem por título «Depois de Amanhã».

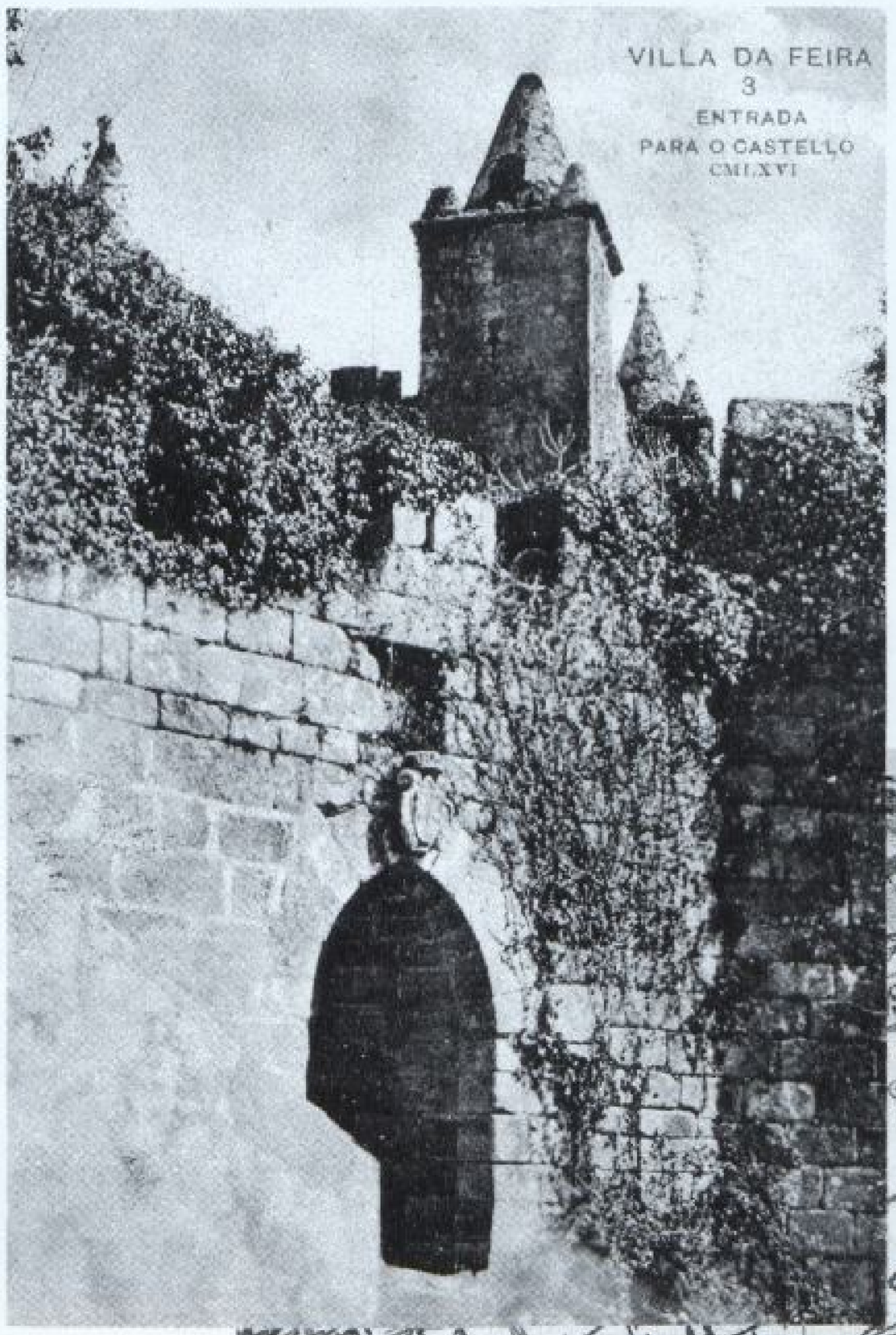


*V.F. n.º 5, 2003 - p 118.*

# Postais do Concelho da Feira

## A - *Postais Ilustrados*

***Ceomar Tranquilo****




17 - Postal
**Villa da Feira - 3**
**Entrada para o Castello**
**CMLXVI.**
Tomado pelas heras.
Estava a chegar a hora da Comissão de Vigilância pela Guarda e Conservação do Castelo da Feira.

17 a - Reverso do mesmo postal.
Louroza, 13-05-1907
Mensagem em escrita cruzada.

* Caminheiro por feiras, lojas e mercados.

*V.F. n.º 5, 2003 - p 119.*

TERMAS DAS CALDAS DE S. JORGE

# termas S. jorge

santa maria da feira **conquiste a saúde**

**vocações terapêuticas**

doenças crónicas

e alérgicas da pele

doenças crónicas

e alérgicas das vias respiratórias

doenças músculo-esqueléticas

**tratamentos**

**e meios de cura**

hidropinia

técnicas de orl./vias respiratórias

técnicas de imersão

técnicas de duche

técnicas de vapor

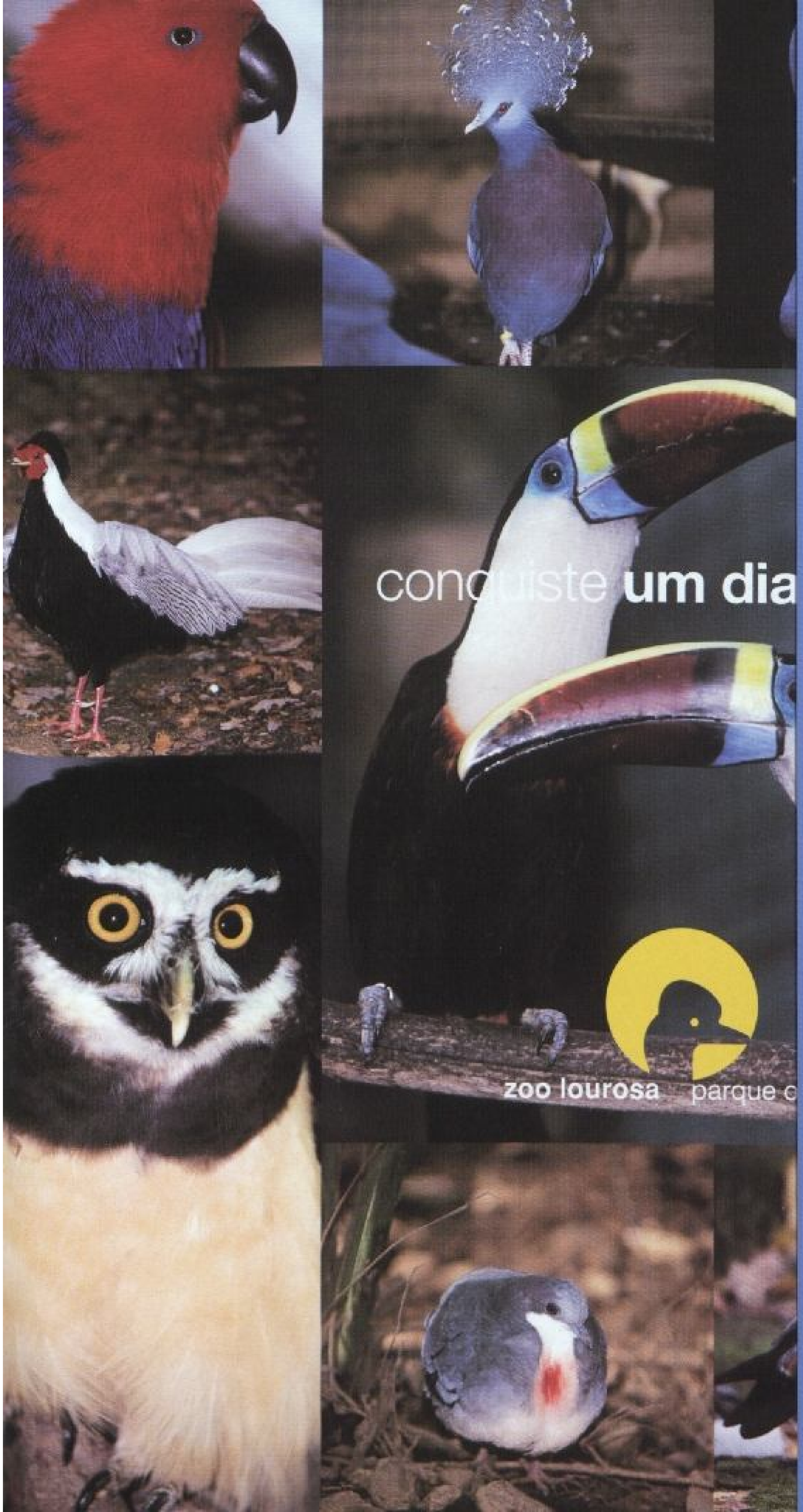
técnicas de fisioterapia

sociedade de turismo **santa maria da feira**

marcações | **balneário termal** | 256 810 360 | **época termal** | 1 de Abril a 15 de Outubro

*A Junta de Freguesia de Santa Maria da Feira, saúda e felicita os leitores da "Villa da Feira".*

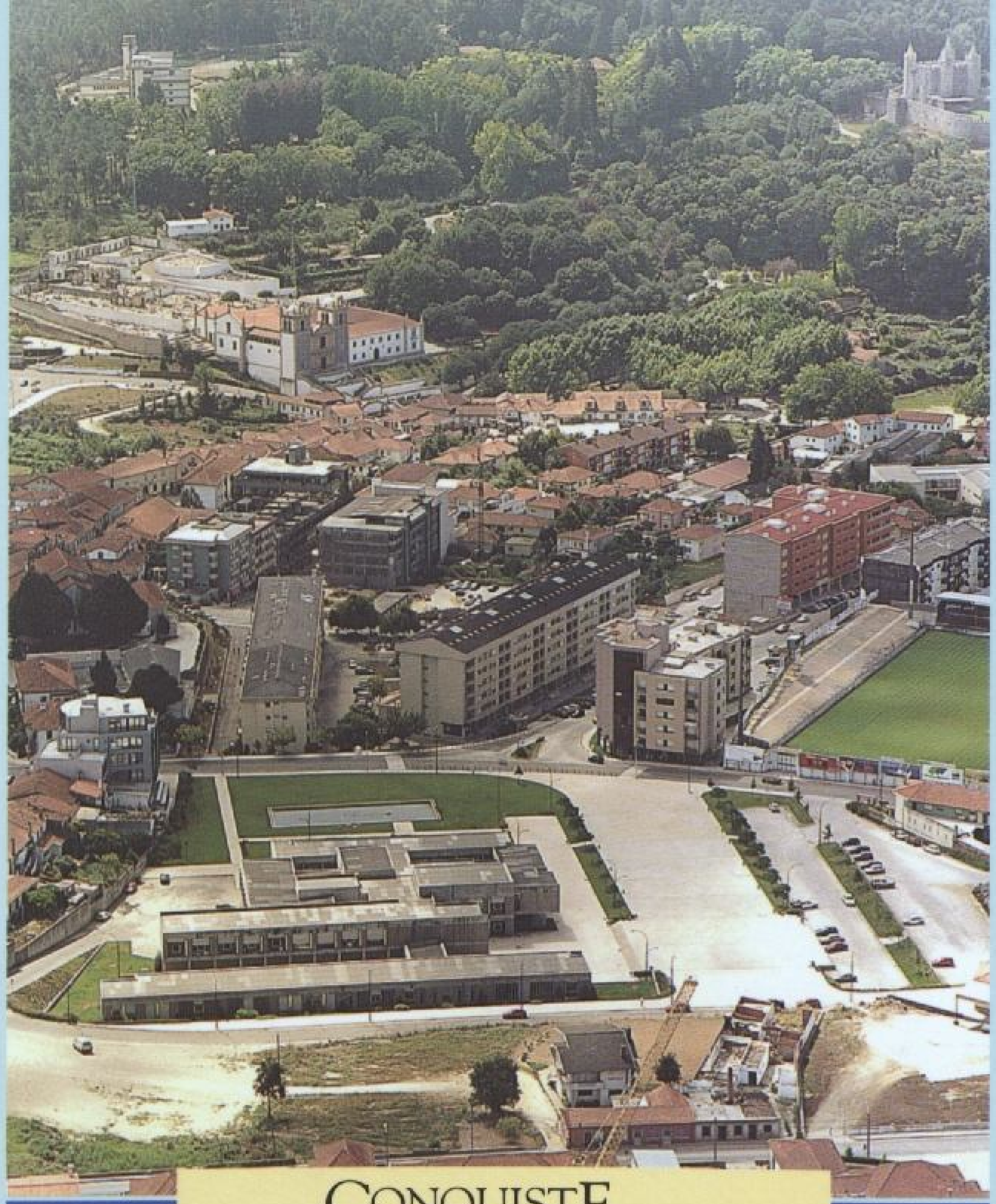
VILLA DA FEIRA
TERRA DE SANTA MARIA




LAF
LIGA DOS AMIGOS DA FEIRA

**Colaboram neste número:**

*Francisco de Santa Maria*
*Fernando Sampaio Maia*
*Conceição Ferreira*
*Henrique Veiga de Macedo*
*Teresa Vieira*
*Celestino Portela*
*Sérgio Pereira*
*Domingos A. Moreira*
*Manuel Leão*
*António Rebordão Navarro*
*José Vitor Ferreira*
*Anthero Monteiro*
*Jorge António Marques*
*Irene Grossmann*
*Judite Lopes*
*Joaquim Máximo*
*Rosa Maria Pais*
*Orlando Silva*
*Ilda Maria*
*António Luso*
*Manuela Correia*
*Joaquim Carneiro*
*Executivo LAF*
*Edgar Carneiro*
*Ceomar Tranquilo*



# CONQUISTE O NOSSO TERRITÓRIO

Tenha conquistar o nosso território sem batalhas. Abrimos-lhe as portas do Concelho de Santa Maria da Feira para que possa viver momentos de especial beleza. Entre numa exploração fascinante pelas nossas paisagens e descubra os tesouros que lhe oferecemos.

santa maria da feira
câmara municipal